



# Duas Infâncias, Um Direito:

Evidências sobre o acolhimento especializado  
de meninas mães na Casa Vovó Ilza

Relatório qualitativo e recomendações estratégicas  
para políticas públicas de proteção integral.

## Ficha catalográfica

Fundação José Luiz Setúbal. Instituto Pensi.

**Duas infâncias, um direito: evidências sobre o acolhimento especializado de meninas mães na Casa Vovó Ilza: relatório qualitativo e recomendações estratégicas para políticas públicas de proteção integral** / organização Instituto Pensi, Fundação José Luiz Setúbal; Associação Beneficente Santa Fé. – São Paulo: Fundação José Luiz Setúbal, 2025.

111 p.: il.; 29 cm.

Coordenação geral da pesquisa: Claudia Cheron König.

Pesquisa de campo e análise antropológica: Suliane Cardoso.

Redação técnica: Claudia Cheron König, Suliane Cardoso.

Revisão editorial: Kamila Capozzi de Abreu, Marina Nascimento Minarelli.

Projeto gráfico e diagramação: Marina Sá

Inclui referências bibliográficas.

ISBN 978-65-01-70250-6

1. Acolhimento institucional. 2. Maternidade na adolescência. 3. Políticas públicas. 4. Convivência familiar e comunitária. 5. Proteção integral. 6. Direitos da criança e do adolescente. I. König, Claudia Cheron. II. Cardoso, Suliane. III. Instituto Pensi. IV. Fundação José Luiz Setúbal. V. Associação Beneficente Santa Fé. VI. Título.

CDD: 362.7

# Ficha Técnica

## **TÍTULO DA OBRA:**

**Duas Infâncias, Um Direito:** Evidências sobre o acolhimento especializado de meninas mães na Casa Vovó Ilza.

## **SUBTÍTULO:**

Relatório qualitativo e recomendações estratégicas para políticas públicas de proteção integral.

## **COORDENAÇÃO GERAL DA PESQUISA**

**Dra. Claudia Cheron König** – Pesquisadora principal  
Laboratório de Estratégia, Governança e Filantropia para Transições Sustentáveis  
Instituto Pensi – Fundação José Luiz Setúbal

## **PESQUISA DE CAMPO E ANÁLISE ANTROPOLÓGICA**

**Dra. Suliane Cardoso** – Antropóloga

## **COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL – ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE SANTA FÉ**

**Márcia Ventura Dias** – Diretora institucional  
**Rogério Monaco** – Diretor executivo  
**Karin Kuniyoshi** – Gerente de projeto

## **REDAÇÃO TÉCNICA E DOCUMENTO DE PROMOÇÃO DE MUDANÇAS INSTITUCIONAIS**

**Dra. Suliane Cardoso**  
**Dra. Claudia Cheron König**

## **REVISÃO EDITORIAL E PADRONIZAÇÃO**

**Kamila Capozzi de Abreu**  
**Marina Nascimento Minarelli**

## **PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

**Marina Sá**

## **PUBLICAÇÃO**

Fundação José Luiz Setúbal | Instituto Pensi  
São Paulo, 2025

# Agradecimentos

Agradecemos, com profunda admiração, às jovens mulheres que compartilharam suas histórias com generosidade, coragem e lucidez. Seus relatos são o coração deste trabalho.

À equipe da Associação Beneficente Santa Fé, especialmente Karin Kuniyoshi e Rogério Monaco, por abrir as portas da instituição com compromisso ético, confiança e dedicação integral, tornando visível um modelo de acolhimento que transforma vidas concretamente — todos os dias.

Um agradecimento muito especial à fundadora da Casa Vovó Ilza, Márcia Ventura Dias. Sua extrema sensibilidade diante das realidades ocultas de meninas mães, sua empatia rara com histórias marcadas pela negligência e pela violência, e sua visão ousada e à frente do seu tempo permitiram que um espaço como este existisse. Márcia enxergou o que muitos não viam — que cuidar de uma menina grávida ou mãe é cuidar de duas infâncias. Ela apostou no afeto como política pública, na escuta como ferramenta de transformação e na maternidade precoce como experiência legítima, e não como erro a ser punido. Sua coragem em fundar e sustentar a Casa Vovó Ilza legou ao Brasil uma referência ética, técnica e humana de acolhimento especializado.

À Dra. Suliane Cardoso, agradecemos pela escuta antropológica comprometida, que deu profundidade e sentido a este estudo, registrando com rigor e sensibilidade a experiência de quem viveu o acolhimento por dentro.

Agradecemos ainda às demais equipes da Santa Fé, aos técnicos, tutores, educadoras e profissionais envolvidos na rotina da Casa da Vovó Ilza, bem como às instituições que, em todo o país, lutam pelo reconhecimento das adolescentes mães como sujeitos de direitos.

Que este relatório contribua para ampliar políticas, inspirar ações e afirmar que cuidar de uma menina mãe é proteger duas infâncias.

# Resumo executivo

Este relatório apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa realizada com cinco jovens mulheres que, durante a adolescência, foram acolhidas na Casa Vovó Ilza — uma iniciativa pioneira da Associação Beneficente Santa Fé, voltada exclusivamente ao acolhimento institucional de meninas grávidas ou mães, acompanhadas de seus filhos.

A investigação foi conduzida pelo Laboratório de Estratégia, Governança e Filantropia para Transições Sustentáveis do Instituto Pensi, da Fundação José Luiz Setúbal. A pesquisa foi coordenada pela Dra. Claudia Cheron König, com trabalho de campo da antropóloga Dra. Suliane Cardoso.

Com base em metodologia qualitativa e escuta narrativa sensível, o estudo produziu evidências sobre os impactos concretos do acolhimento especializado nas trajetórias de vida dessas jovens.

A literatura científica aponta que a maternidade precoce em contextos de violação de direitos está associada à desproteção, institucionalizações sucessivas, evasão escolar e risco de perda da guarda dos filhos (Joffily, 2010; Costa, 2016; Uziel; Berzins, 2012). A ausência de casas especializadas para meninas mães no Sistema Único de Assistência Social (SUAS) compromete o direito à convivência familiar e à proteção integral previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Os resultados do estudo demonstram que a Casa Vovó Ilza rompe com esse padrão de negligência institucional, oferecendo

acolhimento humanizado, suporte à maternagem, construção de vínculos afetivos, incentivo à autonomia e acompanhamento pós-desacolhimento. As falas das jovens acolhidas evidenciam a importância de um espaço seguro onde possam ser reconhecidas como mães e como adolescentes em desenvolvimento, com direito a projetos de vida.

A pesquisa identificou também os desafios persistentes, como a falta de reconhecimento legal e orçamentário do modelo especializado, a fragilidade das políticas de transição para a vida adulta e o estigma social enfrentado por meninas mães, especialmente migrantes e racializadas.

Com base nas evidências coletadas, o relatório apresenta recomendações estratégicas para o poder público, conselhos de direitos, gestores da assistência social e organizações da sociedade civil. Entre elas destaca-se: a multiplicação do modelo da Casa Vovó Ilza como referência nacional.

Este documento contribui para transformar uma experiência local em uma agenda pública urgente: **cuidar de uma menina mãe é cuidar de duas infâncias.**

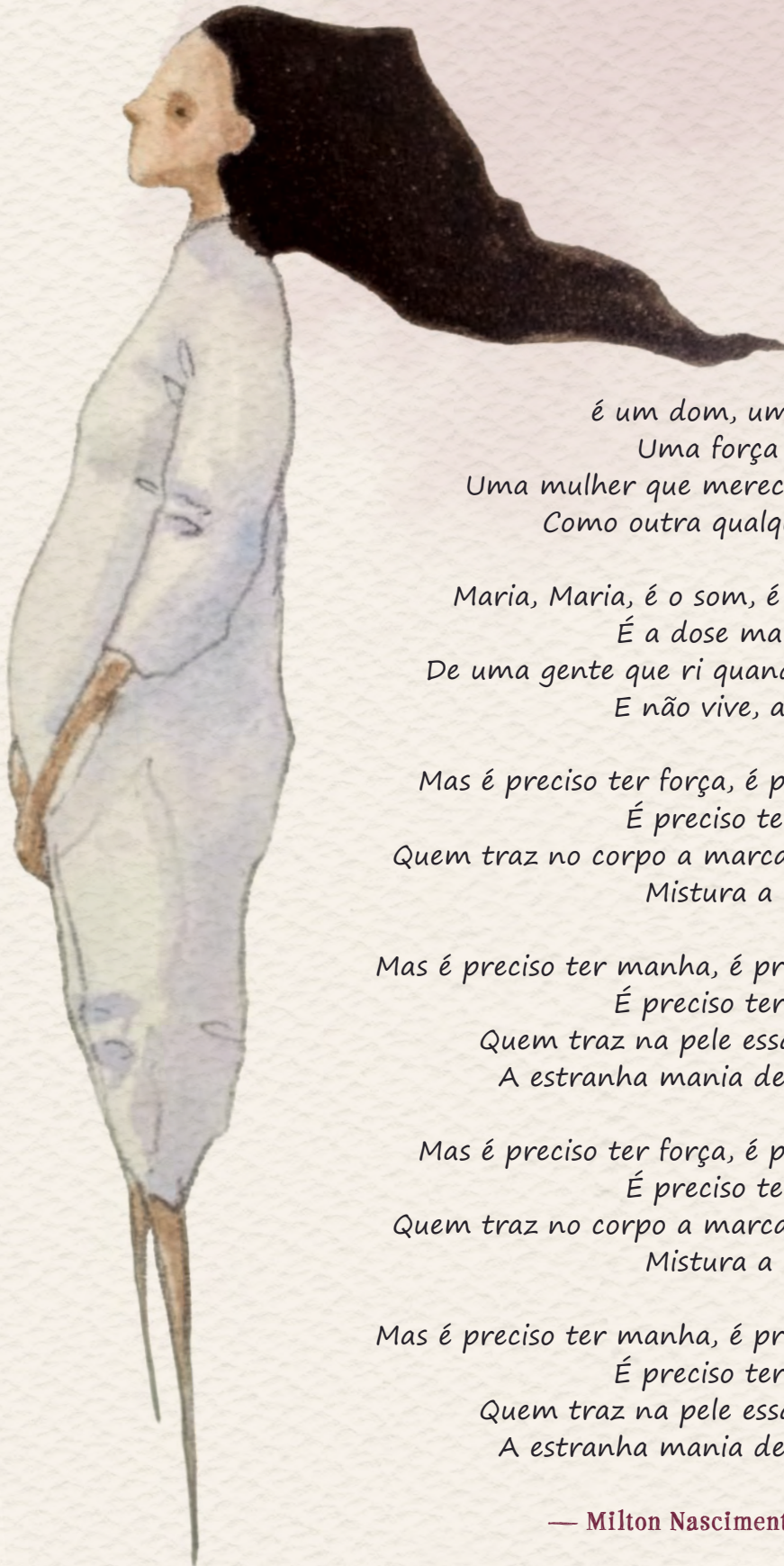
# Sumário

Agradecimentos	4
Resumo Executivo	5
<b>Parte I</b>	<b>8</b>
Introdução	10
Boas práticas, desafios e recomendações estratégicas	12
Boas práticas identificadas	12
Desafios persistentes	14
Recomendações estratégicas	15
Nota de transição ao relatório de pesquisa	17
<b>Parte II</b>	<b>18</b>
Apresentação da Pesquisa	19
Rotinas e práticas de cuidado	24
Convivência e Atividades de Lazer	37
Acompanhamento Gestacional e Materno	51
Trajetória Escolar e Profissionalização	63
Preparação Gradativa e Pós-Acompanhamento	71
Sugestões e conselhos para o futuro	90
Considerações Finais	93
Referências Bibliográficas	107
<b>Anexo: Modelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de pesquisa (TCLE)</b>	<b>109</b>

PARTE I

# UM CHAMADO À AÇÃO





Maria, Maria,  
é um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece viver e amar  
Como outra qualquer do planeta

Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri quando deve chorar  
E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria  
Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca possui  
A estranha mania de ter fé na vida

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria  
Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca possui  
A estranha mania de ter fé na vida

— Milton Nascimento, “Maria, Maria”

# Introdução

A maternidade na adolescência em contextos de violação de direitos segue como tema negligenciado nas políticas públicas brasileiras. Estudos indicam que adolescentes grávidas em acolhimento institucional enfrentam riscos agravados de desamparo, perda da guarda de seus filhos e exclusão escolar e profissional (Joffily, 2010; Uziel; Berzins, 2012; Costa, 2016). A inexistência de acolhimentos especializados no país é apontada como um dos principais fatores que contribuem para a perpetuação de ciclos de institucionalização, pobreza e violência intergeracional.

É nesse contexto que a Casa Vovó Ilza se consolida como uma experiência singular e pioneira no Brasil. Mais do que uma residência, constitui uma rede de proteção e cuidado para meninas mães — que historicamente foram apagadas das estatísticas e das prioridades das políticas sociais. Este estudo, realizado com base em metodologia qualitativa rigorosa e fundamentado em literatura científica, busca apresentar evidências que comprovam os efeitos positivos do acolhimento especializado e oferecer recomendações para seu reconhecimento como política pública nacional.

A Casa Vovó Ilza, vinculada à organização da sociedade civil Santa Fé, é uma experiência singular e pioneira no acolhimento institucional de meninas adolescentes grávidas ou mães, acompanhadas de seus filhos, no município de São Paulo. Em um cenário nacional onde a maternidade precoce ainda é frequentemente tratada como desvio, e as adolescentes mães como “problema” a ser corrigido ou invisibilizado, a Casa Vovó Ilza aposta na escuta, no cuidado e na construção de autonomia como caminhos para garantir direitos fundamentais.

Este relatório é o resultado de uma pesquisa qualitativa que teve por objetivo compreender os efeitos do acolhimento especializado na trajetória de jovens mulheres que passaram pela Casa Vovó Ilza. A partir da escuta sensível de cinco egressas — com perfis diversos em termos de origem, etnia, idade e contexto migratório — buscamos produzir evidências sobre as práticas institucionais, os vínculos formados, os caminhos percorridos e os desafios enfrentados durante e após o acolhimento. O estudo analisa também o papel transformador que esse modelo de acolhimento exerce na promoção da maternagem, da convivência familiar e da ruptura de ciclos de institucionalização e abandono.

O referencial deste relatório está em consonância com os marcos normativos da proteção integral, especialmente o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei 8.069/1990), o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito à Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC), e as Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (2009). Esses instrumentos reconhecem que meninas grávidas ou mães em acolhimento institucional têm direito à atenção especializada, voltada à preservação do vínculo com seus filhos, à escuta qualificada e à construção de trajetórias de vida com dignidade.

Sabemos que políticas públicas só se concretizam quando histórias humanas ganham força de voz e dados. Por isso, além de sistematizar boas práticas e desafios vividos por essas jovens mães, este relatório apresenta um quadro de recomendações estratégicas para gestores públicos, parlamentares, conselhos de direitos, organizações da sociedade civil e redes de acolhimento.

Nosso objetivo é contribuir para o reconhecimento da maternidade adolescente como uma experiência que merece respeito, suporte e políticas públicas, e da Casa Vovó Ilza como um modelo replicável de acolhimento protetivo, restaurativo e emancipador.

**Este documento é, portanto, um convite à leitura e à escuta.  
Mas também um chamado à ação.**

# Boas práticas, desafios e recomendações estratégicas

## Boas práticas identificadas

Os estudos que analisam o acolhimento institucional tradicional apontam deficiências históricas na atenção a meninas grávidas ou mães, que frequentemente são invisibilizadas pelas redes de proteção, vivem o risco de serem separadas de seus filhos e enfrentam barreiras à escolarização, ao trabalho e à reinserção social (Costa, 2016; Uziel; Berzins, 2012). O modelo da Casa Vovó Ilza surge justamente como uma resposta concreta a essas lacunas. As práticas aqui sistematizadas mostram como o acolhimento especializado, com foco na maternidade protegida e na promoção da emancipação, pode romper ciclos de institucionalização e desigualdade, ao mesmo tempo em que promove os direitos previstos no ECA e no PNCFC. A seguir, descrevemos as principais práticas identificadas ao longo da pesquisa, que permitem compreender por que a Casa Vovó Ilza deve ser reconhecida como referência nacional de cuidado integral a meninas mães.

1.

### **Acolhimento com dignidade e vínculo afetivo**

Recepção acolhedora, com quartos compartilhados com os filhos, brinquedoteca, espaço externo de lazer e alimentação saudável. A chegada à Casa é reconhecida como momento de ruptura com violências anteriores e de início de um novo ciclo.

2.

### **Tutoria individualizada**

Cada jovem tem um educador-tutor de referência, com quem constrói vínculo afetivo e de apoio educativo durante todo seu acolhimento. Essa figura exerce papel fundamental na reconfiguração da confiança, da autoestima e na elaboração de projetos futuros.

3.

### **Participação ativa e rotina com protagonismo**

As adolescentes compartilham tarefas do cotidiano, cuidam dos filhos, dos espaços e umas das outras. A rotina promove autonomia, responsabilidade e convivência coletiva.

4.

### **Validação da maternagem e fortalecimento do vínculo mãe-bebê**

Ao contrário de abordagens que favorecem a fragilização ou ruptura de vínculos entre mãe e filho, a Casa Vovó Ilza garante condições para que a maternidade seja exercida com cuidado e suporte.

5.

### **Estímulo à escolarização e formação para autonomia**

As moradoras são incentivadas a concluir seus estudos e buscar formação profissional. O futuro seguro e estável é tratado como horizonte possível.

6.

### **Acompanhamento no pós-desacolhimento**

Mesmo após a saída, muitas jovens mantêm vínculo com a equipe. A escuta, os encaminhamentos e a rede informal de apoio continuam presentes.

## Desafios persistentes

Apesar das boas práticas observadas, a literatura especializada e os relatos das próprias jovens acolhidas evidenciam uma série de obstáculos que persistem na estrutura das políticas públicas brasileiras e que comprometem a efetividade da proteção integral às adolescentes mães. Pesquisas como as de Costa (2016), Uziel e Berzins (2012) e Siqueira et al. (2011) demonstram que, historicamente, o sistema de acolhimento falha em considerar as necessidades específicas dessas adolescentes, tratando a maternidade como obstáculo e, não raro, separando mães e filhos em nome da “proteção”. Soma-se a isso os desafios na articulação das políticas públicas para garantir os direitos fundamentais dessas jovens após o desacolhimento institucional.

A Casa Vovó Ilza atua na contramão desse cenário. Ao oferecer acompanhamento contínuo, preservar o vínculo mãe-bebê e fomentar trajetórias de autonomia, o modelo confronta os limites do sistema vigente. Ainda assim, para que esse modelo se consolide como política pública replicável, é preciso enfrentar as barreiras estruturais a seguir descritas:

1.

### **Ausência de reconhecimento legal do modelo especializado**

Não há previsão formal no SUAS para acolhimento específico de mães adolescentes, o que dificulta financiamento, expansão e articulação com a rede.

2.

### **Falta de políticas pós-desacolhimento**

A ausência de garantias de moradia, creche, renda e acompanhamento após a saída do acolhimento compromete os avanços conquistados pelas jovens.

3.

### **Fragilidade na articulação intersetorial**

Dificuldades para integração entre educação, saúde, assistência social, justiça e habitação resultam em lacunas no cuidado.

4.

#### **Estigma sobre a maternidade precoce**

As adolescentes relatam julgamento moral e preconceito institucional. A maternidade é vista como fracasso, não como experiência a ser cuidada.

5.

#### **Invisibilidade das meninas migrantes e racializadas**

As experiências de meninas imigrantes, negras e periféricas são atravessadas por barreiras adicionais, como racismo, xenofobia e falta de acesso a políticas.

## **Recomendações estratégicas**

As recomendações que seguem emergem da análise dos relatos das adolescentes acolhidas, da observação direta da dinâmica institucional da Casa Vovó Ilza e da comparação com os principais achados da literatura específica sobre acolhimento e maternidade precoce. Pesquisas como as de Costa (2016), Uziel e Berzins (2012), bem como os estudos sistemáticos sobre o reordenamento do SUAS (Ipea, 2021), apontam que, quando não há reconhecimento da especificidade da maternidade em contextos de acolhimento, há uma tendência à violação de direitos fundamentais. Isso inclui a perda da guarda dos filhos, a interrupção da escolarização e a reprodução de ciclos de exclusão.

As recomendações aqui apresentadas não partem apenas do que seria ideal, mas daquilo que já se mostrou exequível e eficaz na experiência concreta da Casa Vovó Ilza. Elas apontam caminhos possíveis para a consolidação do acolhimento especializado como política pública, e visam assegurar que toda menina mãe possa exercer sua maternidade com dignidade, segurança e apoio intersetorial articulado.

1.

### **Reconhecimento legal e orçamentário do acolhimento especializado**

Criação de uma modalidade específica incluída na tipificação dos serviços socioassistenciais do SUAS para casas que acolhem mães adolescentes com seus filhos, com diretrizes, indicadores e cofinanciamento garantido.

2.

### **Políticas de transição e pós-desacolhimento**

Garantia de acompanhamento intersetorial após a saída da casa, acesso a moradia, inclusão em programas de transferência de renda, creche e formação profissional.

3.

### **Integração em rede**

Acompanhamento integrado entre CRAS, CREAS, Conselhos Tutelares, UBSs e escolas, com responsáveis de referência e metas conjuntas.

4.

### **Formação permanente das equipes**

Capacitação continuada com foco em direitos sexuais e reprodutivos, gênero, racismo e machismo estruturais, abordagem humanizada e cuidado interseccional.

5.

### **Participação das jovens**

Incluir adolescentes acolhidas, já inseridas em núcleos familiares e/ou emancipadas na avaliação e construção de políticas. Valorizar o protagonismo e o saber de quem viveu a experiência.

6.

### **Fomento à educação e à formação para o trabalho**

Programas de incentivo à escolarização, com apoio financeiro, logístico e creches conveniadas. Ampliação de parcerias para estágios e cursos profissionalizantes.

7.

### **Multiplicação do modelo da Casa Vovó Ilza**

Reconhecimento formal da experiência como referência nacional. Fomento a novas casas com base nos mesmos princípios, com apoio da rede e investimento público.

# Nota de transição ao relatório de pesquisa

A seguir, apresentamos a íntegra do relatório técnico da pesquisa qualitativa realizada com mulheres que, durante sua infância ou adolescência, foram acolhidas pela Casa Vovó Ilza, instituição vinculada à Associação Beneficente Santa Fé. Esta seção constitui a segunda parte deste documento, sendo dedicada à exposição detalhada dos estudos de caso que fundamentam as análises e recomendações apresentadas na Parte I.

O relatório foi elaborado a partir de uma metodologia qualitativa centrada na escuta narrativa e sensível de cinco jovens mães — Adriana, Bárbara, Giulia, Suellen e Vanessa<sup>1</sup> — que vivenciaram a maternidade precoce em contexto de acolhimento. Ao valorizar a voz das participantes como fonte legítima de conhecimento e crítica às políticas públicas existentes, esta pesquisa posiciona-se no campo da ciência aplicada à transformação social.

O conteúdo apresentado a seguir foi mantido conforme a versão original, com mínima intervenção editorial, a fim de preservar a coerência interna da pesquisa e a autenticidade das falas. As narrativas reunidas oferecem ao leitor não apenas um panorama das práticas institucionais da Casa Vovó Ilza, mas também evidências vivas dos efeitos de um acolhimento pautado no cuidado, na escuta qualificada e na promoção da autonomia de meninas mães e seus filhos.

Convidamos o leitor a percorrer essas páginas com atenção e empatia, compreendendo que cada uma dessas histórias é, ao mesmo tempo, expressão de sofrimento social e potência de transformação. É com base nessa escuta que afirmamos: acolher com dignidade é garantir o direito à maternidade protegida, à infância vivida e à vida sonhada.

São Paulo, julho de 2025

## **Instituto Pensi – Fundação José Luiz Setúbal**

Dra. Claudia Cheron König (pesquisadora principal)

Dra. Suliane Cardoso (pesquisadora responsável)

## **Associação Beneficente Santa Fé**

Rogério Monaco (diretor executivo)

Karin Kuniyoshi (gerente de projeto)

---

<sup>1</sup> Para garantir o anonimato e preservar a identidade, os nomes de todas as participantes são fictícios.

PARTE II

# CASA VOVÓ ILZA:

Um olhar especializado à maternidade precoce



# Apresentação da Pesquisa

Referência na área de Assistência Social, a Casa Vovó Ilza é um serviço de acolhimento institucional localizado no município de São Paulo e que funciona como um modelo residencial, acolhendo exclusivamente crianças e adolescentes de 11 a 18 anos, gestantes ou acompanhadas de seus filhos. A Casa integra a Associação Beneficente Santa Fé, organização da sociedade civil fundada em 1993, que se consolidou como centro de referência no atendimento a crianças e adolescentes em situação de violação de direitos.

Além de oferecer um ambiente seguro e com acesso a todos os direitos preconizados pelo ECA e pela Constituição Federal, a instituição busca garantir atenção especializada às jovens, para que sejam cuidadas durante a gestação e apoiadas no exercício da maternidade. Em sua maioria, são adolescentes com vínculos familiares fragilizados ou rompidos, e com trajetórias marcadas por vivências nas ruas e diferentes formas de violências. Considerando suas trajetórias individuais, familiares e comunitárias, a equipe também oferece suporte para a ressignificação de suas experiências traumáticas, além de acompanhamento psicossocial às famílias de origem ou extensas e ampliadas, com o objetivo de fortalecer os vínculos afetivos e prevenir a repetição das situações que as levaram ao acolhimento.

Ao assegurar os cuidados com a primeira infância dos filhos das adolescentes, são desenvolvidas ações voltadas ao aprendizado de habilidades para uma vida independente, incentivando seus percursos educacionais, de profissionalização e autonomia. Na instituição, é realizado um acompanhamento contínuo, incluindo suporte no período pós-desacolhimento. Dessa forma, a Casa contribui para que elas mantenham a guarda de seus filhos - se essa for a sua escolha - e avancem na construção de um futuro para si e para suas famílias.

Diante disso, a pesquisa aqui apresentada buscou avaliar a efetivação das práticas desenvolvidas pela Casa Vovó Ilza voltadas ao acolhimento de crianças e adolescentes gestantes e/ou mães, com foco na promoção da autonomia, na garantia de condições para o cuidado materno e na manutenção da guarda de seus filhos. A proposta do estudo se ancora na escuta das experiências dessas jovens mulheres e na análise das estratégias adotadas pela instituição, tanto no acolhimento quanto no período pós-desacolhimento.

Os objetivos específicos do estudo foram divididos em cinco eixos principais:

- 1) Examinar os efeitos das ações da Casa Vovó Ilza na vida das jovens assistidas, considerando os eixos de acolhimento e pós-desacolhimento;
- 2) Identificar os principais desafios enfrentados pelas jovens durante e após o acolhimento, mapeando as ações institucionais voltadas à superação dessas dificuldades;
- 3) Analisar as percepções das jovens em relação ao atendimento recebido, com ênfase em práticas de fortalecimento da maternidade e promoção da autonomia;
- 4) Coletar sugestões e propostas das jovens assistidas, com foco no aprimoramento das ações institucionais voltadas à maternidade segura e à construção de uma vida independente; e
- 5) Atuar na produção de dados e evidências que contribuam para o aprimoramento de políticas e serviços na área de proteção social à infância, adolescência e juventude.

Quanto à metodologia utilizada, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas e individuais com cinco jovens mães que foram acolhidas pela Casa Vovó Ilza durante a infância e/ou adolescência: *Adriana, Bárbara, Giulia, Suellen e Vanessa*. Para garantir o anonimato e preservar a identidade das participantes, seus nomes foram substituídos, assim como os nomes de profissionais mencionadas por elas durante as entrevistas. A coleta de dados ocorreu entre os meses de fevereiro e março de 2025, na sede da Santa Fé, em São Paulo, sendo a entrevista de Vanessa realizada no formato virtual. Na ocasião, foram transmitidos os objetivos da pesquisa, assim como a leitura do termo de consentimento<sup>2</sup> para assinatura das participantes.

---

<sup>2</sup> O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Pesquisa (TCLE) referente à pesquisa encontra-se disponível em anexo a este relatório para consulta.



**Adriana** é natural de Salvador, na Bahia e se descreve como uma mulher de 36 anos, branca, católica e casada. Mãe de dois filhos: Maurício, de 21 anos e Pedro, de 5 anos, atualmente, exerce a profissão de diarista. Ela afirma que viveu, desde cedo, em diferentes serviços de acolhimento ao longo de sua vida. Aos 12, deixou a instituição em que morava para viver na casa de uma amiga, e aos 14, de maneira inesperada, se descobriu grávida de Maurício. Foi aos cinco meses de gestação, ao ser levada ao amparo maternal, que Adriana foi encaminhada por uma assistente social para a Casa Vovó Ilza.



**Bárbara** nasceu em Luanda, na Angola e se reconhece como uma mulher preta, de 23 anos, casada, cristã, e mãe de dois filhos: Bento, de 7 anos e Mateus, de 2 anos. Ela chegou ao Brasil com sete meses de gestação, sem nenhuma pessoa de referência ou rede de apoio no país. Sua vinda foi em decorrência de conflitos intrafamiliares, por decisão de sua família de origem. Foi em sua chegada ao aeroporto, em São Paulo, que uma pessoa a auxiliou e, posteriormente, a encaminhou ao Conselho Tutelar. Após um mês em um acolhimento temporário, Bárbara foi transferida para a Casa Vovó Ilza. Atualmente, ela trabalha na área comercial e está cursando o ensino superior.



**Giulia** nasceu em La Paz, na Bolívia. Ela se apresenta como uma mulher amarela, de 20 anos, solteira e que atualmente trabalha como consultora de vendas. Quando chegou à Casa Vovó Ilza, Giulia tinha 13 anos e estava grávida de sua única filha, Luna, hoje com 8 anos. Após a vivência de uma violência, foi uma assistente social quem comunicou a Giulia que ela seria transferida de um acolhimento provisório para uma vaga em um lugar destinado exclusivamente para mães adolescentes: a Casa Vovó Ilza.



**Suellen**, de 25 anos se declara como uma mulher preta, evangélica, solteira e mãe de dois filhos: o Josias, de 9 anos e o Caio, de 4 anos. Natural de São Paulo, no momento, ela atua como cuidadora. Aos 8 anos, Suellen e os quatro irmãos foram encaminhados a um acolhimento. Três deles tiveram a guarda recuperada pelo pai biológico, enquanto ela e o irmão mais novo permaneceram acolhidos. Aos 11, foram adotados, mas em razão de uma adoção malsucedida, Suellen retorna para a instituição aos 12 anos. Ao todo, foram sete instituições diferentes onde viveu. Aos 14 anos, enquanto vivia em situação de rua, descobriu que estava grávida de Josias. Foi quando o Conselho Tutelar a encaminhou para a Casa Vovó Ilza. Nessa época ela estava com três meses de gestação.



**Vanessa**, de 25 anos, se identifica como uma mulher preta, cristã, em união estável e que exerce a profissão de trancista, trabalhando como autônoma. Ela tem duas filhas, Marina, de 10 anos e Alice, de 3 anos. Vanessa deixou a casa de sua família de origem aos 16 anos, passando a viver sozinha com a filha, Marina. Foi quando procurou pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da cidade de São Paulo, sendo transferida para um acolhimento, enquanto aguardava por um vaga na Casa Vovó Ilza.

O perfil das entrevistadas contempla cinco jovens mulheres que viveram na Casa Vovó Ilza durante a infância e/ou adolescência, em contextos marcados por conflitos e rupturas de vínculos intrafamiliares, vulnerabilização social e maternidade precoce. As participantes têm entre 20 e 36 anos, três se identificam como mulheres pretas, uma como branca e uma como amarela, e exercem diferentes ocupações. Duas delas são imigrantes, vindas da Angola e da Bolívia, duas são naturais de São Paulo e uma de Salvador.

Todas as entrevistadas se tornaram mães ainda na infância ou adolescência, tendo sido acolhidas em razão de situações de violência, uso de substâncias, vivência nas ruas e/ou ausência de figura parental de cuidado. Em comum, carregam trajetórias marcadas por violações de direitos, múltiplas institucionalizações e pela residência na Casa Vovó Ilza, contemplando períodos de suas gestações e do exercício inicial de suas maternidades. Assim, foram indicadas pela equipe da Santa Fé com o objetivo de evidenciar, neste relatório, a atuação da Casa Vovó Ilza no acolhimento dessas jovens mães.

Como veremos adiante, suas histórias e depoimentos revelam o impacto das práticas da Casa Vovó Ilza no enfrentamento de adversidades, na ampliação de possibilidades para a construção de uma vida fora do acolhimento, na reconfiguração de vínculos familiares e afetivos de confiança e na ressignificação de experiências e afirmação de suas identidades.

# Rotinas e práticas de cuidado

Ao descreverem sobre o momento de chegada à Casa Vovó Ilza, as interlocutoras de pesquisa relatam que, em geral, a avaliação de suas situações era realizada considerando o período gestacional ou a condição de maternidade em que se encontravam. Normalmente, eram encaminhadas por serviços de saúde ou por outras instituições de acolhimento provisório onde estavam anteriormente. O ingresso na Casa Vovó Ilza dependia da disponibilidade de vagas, o que implicava, muitas vezes, em um período de espera. A transferência ocorria assim que surgisse uma vaga na Casa.



*“Eles tavam procurando uma vaga pra eu poder ficar. Aí apareceu vaga na Vovó Ilza. Aí eles me levaram. Acho que eu fiquei lá um mês, porque vaga não é fácil de aparecer. Eles tavam com muito medo de eu ganhar esse bebê lá, porque disseram que lá não poderia ficar mãe e filho. Porque eu já vim grávida do meu país pra cá, então quando apareceu vaga no Vovó Ilza, me prepararam, e eles me acolheram do jeito que eu nem imaginava.” (Barbara, 23 anos).*



*“Eu tava esperando sair uma vaga na Vovó Ilza, porque a assistente [social] tinha me falado que eles queriam me mandar pra uma vaga... só de mães adolescentes.” (Giulia, 20 anos).*

A instituição é lembrada pelas entrevistadas como um espaço acolhedor e estruturado, voltado para garantir o bem-estar e a segurança das adolescentes e de seus filhos. O ambiente dos quartos, compostos por camas e berços no mesmo cômodo, é retratado como organizado e cuidadosamente pensado para favorecer a proximidade entre mães e bebês desde os primeiros dias de acolhimento.



*“Eu fiquei num quarto chamado de berço. Um berçário. Agora eu lembro! Acho que tinha três camas e três berços.” (Giulia, 20 anos).*



*“Quando eu cheguei lá, era eu, mais três meninas, aí tem a sua cama e o berço. Já está ali, ó: tudo montadinho! No quarto tinha cama, berço, guarda-roupa, tudo bonitinho, sabe? Era um guarda-roupa embutido, mas cada uma tinha o seu, com a sua chave, tudo organizado. Nos outros não tinha nem guarda-roupa, não... Nas casas de passagem que eu passei, era tudo quebrado, ninguém cuidava. Mas na Vovó Ilza, não. Tudo impecável. E fora a casa, que era uma delícia!” (Suellen, 25 anos).*

Além dos quartos, o quintal é valorizado como um local de socialização e descanso entre as moradoras. O incentivo à exposição ao sol, a oferta regular de frutas e o hábito de se sentarem para conversar são destacados como parte do cotidiano na Casa Vovó Ilza. As práticas integradas aos cuidados com a saúde e o bem-estar das crianças e adolescentes acolhidas também são percebidas no momento das refeições. O preparo da mesa bem-posta e organizada com pequenos detalhes convidam as moradoras a partilhar mais do que refeições, a conviver de forma harmônica, a trocar histórias sobre o dia e a fortalecer vínculos. O cardápio é construído de forma coletiva entre a equipe e as moradoras, estimulando a descoberta de novos alimentos, sabores e modos de preparo. As moradoras ainda mencionam a brinquedoteca como um espaço central na rotina da casa. Colorido e repleto de brinquedos, o espaço funciona como um ambiente de lazer e convivência, onde as crianças, acompanhadas de suas mães e de educadores, interagem entre si por meio de leituras, brincadeiras, entre outras atividades.



*“Tinha a brinquedoteca, então elas [as crianças] ficavam tudo juntinhos lá! Dava dez horas, e as tias falavam: Vamos tomar sol nas crianças... vitamina! Daí a gente ficava lá sentada com todas as crianças... dez horas era fruta, então ia assim...” (Suellen, 25 anos).*

Na chegada à Casa Vovó Ilza, o cuidado e a atenção aos detalhes são aspectos perceptíveis na estrutura da casa. Para Márcia Dias, fundadora da Santa Fé, além de garantir um espaço seguro, é sempre importante proporcionar um ambiente aconchegante e acolhedor, capaz de gerar um impacto positivo para quem compartilha vivências naquela moradia. Bárbara amplia esse olhar, ao destacar que embora a beleza seja evidente, o que realmente torna um lugar bonito são as pessoas que o constituem:



*“O lugar pode ser bonito, chique, mas quem faz o lugar ficar mais bonito são as pessoas que tãõ lá dentro. Se as pessoas que tãõ lá dentro são péssimas, ruins, então isso é ruim. Mas como assim, ruim? O negócio é bonito, dá para ver... é bonito no olhar, mas dentro vocês não sabem, né? Então era bom, sim! Ambiente agradável, sim!” (Bárbara, 23 anos).*


Quando chegam à instituição, crianças e adolescentes são designados a um educador ou educadora de referência, responsável por acompanhar seu percurso dentro da casa de forma mais próxima. Embora o trabalho educativo seja realizado de maneira coletiva, esse profissional – chamado de tutor ou tutora – assume um papel individualizado, oferecendo um olhar atento aos processos específicos de cada jovem.




*“Cada menina teve tutor. Que preparava, conversava. A tutora acompanha dentro da casa, a preparação, ela te prepara pro mundo lá fora da casa, né? Eu tenho, tive, a minha tutora. Foi bem difícil deixar ela ser a minha tutora. Ela foi um exemplo pra mim. Aprendi muito com ela. Até hoje, né? A gente tem essa aproximação até hoje. [...] Eu tinha um bom diálogo com a minha tutora, que tinha mais liberdade de conversar, que eu me sentia mais à vontade. Eu acho que a minha tutora fez um trabalho, um papel ali do trabalho, né. Então não tenho do que reclamar dela.” (Bárbara, 23 anos).*

A limpeza e a organização da casa fazem parte da rotina diária do acolhimento, sendo responsabilidade não apenas da equipe técnica, mas também das próprias moradoras, que são incentivadas a participar ativamente do cuidado com o espaço. Em seus depoimentos, as entrevistadas destacam a dimensão pedagógica da divisão de tarefas, compreendida como uma proposta que visa estimular a autonomia e o preparo para a vida fora da instituição.


As tarefas domésticas nos espaços comuns são compartilhadas, realizadas em parceria com a equipe multidisciplinar, compondo um cotidiano marcado pela colaboração.



*“Tudo que eu aprendi, eu aprendi com a Tia Tânia. Arroz, feijão, aproveitar o ruim, a Tia Tânia ensinava a gente a congelar, pra refoogar, pra não jogar no lixo. Cozinha, tia Tânia não fazia sozinha. Era a tia Tânia, mais uma do dia. Era sete meninas, então era um dia da semana cada uma. Então sempre tinha alguém ajudando no almoço, sempre tinha alguém ajudando no café, no lanche, lavar louça, lavar roupa, limpar o quintal, lavar o quintal. Todo mundo tinha uma tarefa, cada um no seu canto. A gente ia pra cozinha com a tia Tânia e ajudava, [...] fazer uma comida junto. Na época a gente lavava a salada, a gente limpava, a gente fazia a faxina... Mutirão, todo mundo subia em cima. Quatro em cima, quatro embaixo, quatro no fundo. Faxina. Quando ia ver, a casa tava um brinco. Era assim, era unido.”*  
(Adriana, 36 anos).



*“Cada menina tinha a escala de quem ia limpar a cozinha no almoço ou na janta, e quem ia no banheiro. Quem lavava o banheiro, nesse dia, no outro tinha que passar o pano, secar, deixar tudo arrumado. A cozinha, a gente tinha que lavar a louça, limpar o chão, guardar a louça também.”* (Giulia, 20 anos).



*“Os quartos eram super limpos porque a gente que botava a limpeza... Porque a gente tá ali com a preparação, porque mais pra frente, a gente tem que sair! A gente morava lá como se fosse a nossa casa. Então você tinha que fazer tudo que é possível na sua casa: lavar nossa roupa, arrumar, lavar louça, fazer trabalho...”*  
(Bárbara, 23 anos).

A organização coletiva das tarefas domésticas ocorre de maneira orientada, onde além de uma simples divisão de funções, se evidencia uma forma de acompanhamento atento aos diferentes momentos vivenciados por cada jovem. O relato de Giulia é expressivo nesse sentido: ao sair do período de resguardo, ela foi integrada nas atividades cotidianas, recebendo instruções práticas sobre como realizar a limpeza dos espaços.



*“Depois que eu passei do resguardo, quando você fica de repouso por causa dos pontos, aí você tinha que ajudar, né? Contribuir. Aí eu fui lavar o banheiro, e eu falei, eu não sei... Aí explicaram: Você vai passar o pano com isso daqui: Sabão em pó, o cheirinho do banheiro... Você vai passar pano com isso daqui. O vaso tem a luva...” (Giulia, 20 anos).*


A rotina das moradoras envolve conciliar diferentes dimensões da vida cotidiana, como os estudos, o trabalho, a organização pessoal e o cuidado com os filhos. As responsabilidades são compartilhadas com a equipe da casa, por meio do auxílio de profissionais e do incentivo ao apoio mútuo entre as próprias acolhidas. Os relatos das jovens mulheres evidenciam essas atividades e momentos de colaboração, como no transporte das crianças à creche e na recepção das recém-chegadas.



*“Minha rotina mudou muito depois que eu ganhei meu filho. Porque meu filho ia pra creche. Eu estudava ainda, porque eu não trabalhava. Eu estudava e voltava pra casa. Então atividade era o quê? Lavar minha roupa, organizar o quarto, cada uma tinha dia de limpar quintal, lavar a louça... quando era meu dia, eu limpava. Se dava também pra ajudar em alguma coisa, eu ajudava. O que tava combinado eu fazia.” (Bárbara, 23 anos).*




*“Então... eu ia trabalhar pela manhã, chegava tarde, via minha filha e ia à noite estudar. Porque a gente estudava lá. Então, à noite eu estudava, de manhã eu trabalhava. Era uma rotina de uma pessoa comum. Mesmo tendo horário pra tudo, mesmo chegando da escola, tendo que tomar meu banho, dormir, e no dia seguinte ir trabalhar. Tinha meus horários pra tudo, mas era bom, dava certo.” (Vanessa, 25 anos).*




*“Que nem... quem ia estudar de manhã, tinha que ajudar os educadores a levar as crianças na parte da manhã, as meninas que fossem estudar... As que estudassem à tarde iam levar. Aí as que estudassem à noite, ajudava na parte da manhã a levar as crianças e buscar as crianças. Então tinha tipo assim... Sempre alguém tinha que ir junto com os educadores levar as crianças para a creche e buscar as crianças da creche. Então tinha uma organização assim também. [...] Aí a gente tinha que fazer o que? Ensinar as meninas novas, que entrava na casa como que funcionava a rotina. Como que era as coisas. Onde era a escola. Então uma tinha que ficar orientando a outra. Ajudando a outra. Então as tias estavam sempre no nosso pé de um olhar pela outra, sabe? Que ali tava todo mundo junto. E que tinha que sempre olhar uma pela outra.” (Adriana, 36 anos).*

O depoimento das interlocutoras de pesquisa revela que a Casa Vovó Ilza é percebida para além de uma simples estrutura física, embora ressaltem a importância daquela moradia e da segurança que é proporcionada. A acomodação onde moravam representa também um lugar de pertencimento e possibilidades de aprendizado. As experiências relatadas demonstram que, para muitas das jovens, a instituição assume funções que reverberam às acolhidas sentimentos positivos de afeto.



*“Primeiramente foi o teto, né? Onde eu botava a minha cabeça, onde eu dormia. Por que o que é mais importante? Ter lugar para dormir e um lar. E praticamente, eles foram uma família pra mim. [...] Pra mim, eles foram família. Foram casa que me acolheu bastante. Que me ensinou muito também. Então isso foi a coisa mais marcante, das pessoas que eu conheci, que passaram por mim.” (Bárbara, 23 anos).*



*“Quando eu cheguei no abrigo da Vovó Ilza, foi como uma mãe, que me abraçou lá! Me abraçou muito, porque tudo o que eu precisava eu tinha lá... Eu tinha amor, eu tinha carinho, eu tinha atenção. Eu tinha tudo. Então foi um abrigo que eu não precisei sair fora, igual os outros que eu fugia, porque eu me sentia insegura. Lá não, lá eu me sentia muito segura.” (Suellen, 25 anos).*

As participantes destacam que foram recebidas de maneira atenciosa, com respeito às suas experiências singulares e ao momento de vida em que se encontravam. Os dados sugerem ainda que a equipe técnica da instituição se dedica a identificar as necessidades específicas de cada jovem, buscando soluções para os desafios que enfrentam, e construindo vínculos de confiança. Deste modo, a recepção na casa não se limita a um protocolo institucional, se expressa também em práticas que vão desde um bolo de boas-vindas até o respeito aos limites de espaço, tempo e recolhimento, além do acompanhamento da saúde física e psicológica das adolescentes e de seus filhos. Todos esses gestos são valorizados pelas jovens nos relatos apresentados.

*“Eu fui muito apreensiva no caminho, muito apreensiva! Mas quando eu cheguei lá e eu vi a Vovó Ilza... que era aquele casarão, eu falei, gente! Você não falou que isso aqui é um abrigo, sabe? E eu lembro que quando eu cheguei, eles tiveram uma super recepção comigo, eles tinham até preparado um bolo para me receber, e eu me senti muito bem ali, sabe? Porque eles fizeram questão da minha presença, eles fizeram questão de me receber, de me ver bem recebida com a minha filha, de me ver confortável. E aquilo foi muito importante, porque era um momento que eu precisava demais, era um momento que eu não tinha mais ninguém ali pra mim, ninguém. [...] Me deixaram muito confortável com a minha filha, todos os educadores muito, muito, muito receptivos, muito prestativos. Foi assim, maravilhoso.”*  
(Vanessa, 25 anos).



*“Cheguei muito calada. Cheguei fechada. Eu tava raciocinando... assimilando. E quando eu fui pra Vovó Ilza, eu me isolei. Eu não saía do quarto. [...] Elas me deixaram no meu canto, não me forçaram a ser obrigada a sair. [...] Eu demorei bastante pra sair do quarto. Eu me isolei totalmente. Eu não via a luz do dia. Ficava só no quarto. Mas eu comecei a descer pra comer. Eram seis refeições. Eu descia mais de noite. Por conta do plantão, que era da Iracema. E um pouco mais à tarde, que era por conta da Rita. Eu descia mais com a pessoa que eu tinha vínculo, pra socializar. Se a pessoa não estivesse ali, eu não descia. Não fazia questão de descer.”* (Giulia, 20 anos).



*“[...] Mas lá [no hospital] não tinha muito acolhimento também, sabe? Eu tive mastite no peito, meu filho ficou internado porque eu não sabia limpar o umbigo, eu não sabia trocar fralda. Teve assadura de terceiro grau, então assim, foi bem complicado. Não teve um olhar, sabe? Na Vovó Ilza, não. Teve um olhar. Eu fui internada por causa do peito, que teve infecção. Mal cheguei na Vovó Ilza, e já fui internada, tinha muita bactéria no meu peito, aí teve que enfaixar, tomar medicamento. Passei meu aniversário lá, então o meu filho fez um mês e eu não tava com ele. Aí elas cuidaram do meu filho quando eu tava internada. [...] Eles ficam em cima da gente, né? Ficam em cima de mim. Viram que eu tava com problema no peito. Aí ficava me ajudando. Aí viu que não dava, vai pro hospital. Na época, todo um cuidado. Foi todo um olhar.” (Adriana, 36 anos).*



As experiências de Bárbara e Suellen são especialmente representativas no que diz respeito aos processos de adaptação, ao demonstrarem os desafios associados às suas trajetórias de vida. De nacionalidade angolana, Bárbara expressa dificuldades marcadas pela distância de seu país de origem e pelas diferenças culturais entre sua convivência familiar na Angola e a vivência no Brasil. Para Suellen, que possui um histórico de vivência nas ruas e ausência de referências de cuidado e vínculos afetivos sólidos, foi especialmente desafiador se adaptar às regras e rotinas da casa.

Segundo elas, diante dessas situações, a equipe da Casa Vovó Ilza busca oferecer escuta e abertura ao diálogo, considerando as histórias e contexto de cada adolescente. O incentivo à aproximação, tanto com a equipe técnica quanto com as demais moradoras, é feito de forma gradual, respeitando o tempo de cada uma. Com isso, mecanismos de defesa vão, aos poucos, sendo desconstruídos, permitindo o surgimento de vínculos de afeto e confiança entre educadoras e acolhidas.

*“Eu tava grávida e não foi uma gestação boa. Não começou bem. Eu aprontava muito, eu dei muita dor de cabeça pra elas. Eu era muito agressiva, porque era a minha defesa, né? Eu tava na rua, e vou para um lugar que tinha regras. Tinha regra. Eles queriam cuidar, e tipo, quando a gente não tem amor, não tem esse negócio de cuidar, pra gente tanto faz. Porque se acontecesse alguma coisa comigo, eu não ia ligar. E o meu pensamento mudou muito. Eu fiquei menos agressiva. Eu agora sei o que é dar amor, carinho, por conta deles. Eu entendo a dor do outro. Quando o outro tá passando por algum problema, a gente sempre tenta entender. A gente não consegue resolver, mas sempre tenta entender.” (Suellen, 25 anos).*





*“Eu já vim de um lugar onde a gente não tinha muita convivência. Só na hora de comer, jantar, você tinha convivência. Mas sentar pra conversar sobre os assuntos pessoais, conversar sobre algumas coisas... não. Tem muito mais distância, as pessoas são mais fechadas, não gostam de falar, não pode perguntar, porque se você perguntar, é errado, vão te bater. Na Santa Fé, até falar de intimidade eu tinha vergonha, não conseguia falar isso com eles. Quando eles tocavam no assunto de intimidade, eu não conseguia estar aberta a conversar sobre o assunto. Entendeu? Porque não tô acostumada. Me fez entender que isso é normal, que deve ser conversado. [...] Até eu me acostumar, que tinha que procurar alguém pra conversar, pra mim era meio chato. Onde eu vim, a gente não tem isso. Da maioria das vezes que a gente conversou, eles que foram atrás, porque eu ir atrás, era muito raro [...] Foi difícil pra caramba até eu me acostumar que eu não tô no meu ambiente, que eu não tô onde eu nasci, onde eu cresci. Então foi muito difícil me adaptar com as pessoas, com as meninas. Não foi fácil.” (Bárbara, 23 anos).*


O trabalho realizado pelo equipe multidisciplinar da instituição é mencionado pelas entrevistadas a partir de iniciativas que vão desde o auxílio com a higiene pessoal até instruções voltadas à saúde física, psíquica e sexual. Entre os exemplos mais recorrentes, destaca-se a atenção voltada à saúde ginecológica e às orientações sobre a vida sexual e reprodutiva, cuidados e informações que, segundo as interlocutoras, muitas vezes não haviam recebido antes da chegada à instituição.



*“Tinha menina, não eram muitas, que não sabiam a higiene pessoal. A tia tinha que ensinar, o que é uma higiene, o que é um desodorante, tomar um banho.” (Giulia, 20 anos).*




*“Eu fui entender que eu precisava ter consulta regular com o ginecologista, consulta regular pra ver os meus hormônios, tomar o anticoncepcional, lá dentro. Porque a minha mãe, ela sempre falou pra gente se cuidar, mas nunca foi uma coisa de pegar a gente e levar no posto pra gente se cuidar, pra gente ir no ginecologista, pra gente tomar o anticoncepcional. Isso não me aconteceu.” (Vanessa, 25 anos).*



*“O problema do abrigo é que a gente não tinha... Essa fala de como é a camisinha. O que é camisinha. O que é anticoncepcional. O que é relação, né? Eu não tinha isso lá no abrigo. Não teve a orientação. Então o que acontecia? Eu fui, entrei em relacionamento, que eu peguei, me entreguei. Perdi a virgindade e engravidei. E aí quando eu fui descobrir, eu já tava com cinco meses, e eu só descobri porque eu tava com escorrimento muito forte. [...] Então, quando eu comecei a ter namoradinho, elas me levaram no médico, no ginecologista, vamos tomar anticoncepcional. Aí, vamos lá fazer um cuidado. Então, uma coisa que eu não tinha cuidado em outro lugar, eu tinha cuidado aqui, na Vovó Ilza. Então, depois que eu tive o meu filho, que elas viram que eu comecei a ir para a escola, viram que ia começar a arrumar uma coisinha, né? Então, vamos no médico, no ginecologista. Aí, o ginecologista passou o medicamento, eu fiquei tomando. [...] Orientação, questão de anticoncepcional, de relação, de se prevenir, sabe? De mostrar como que é, na médica lá, mostrar como que é participar de uma palestra, como que usa uma camisinha, porque no posto tinha, né? As orientação, como que usa, né? Cuidado, pô! Cuidado. No olhar com nós. Orientação.” (Adriana, 36 anos).*

Dentre os cuidados cotidianos promovidos por profissionais da instituição, o suporte emocional ocupa um lugar de destaque nas narrativas das participantes. O tempo de convivência e a prática de pequenos gestos do dia a dia são ressaltados como momentos significativos do cuidado, tanto no que diz respeito à relação com os outros, quanto no incentivo ao autocuidado e à valorização de si mesmas.



*“Eu não tinha tempo de ficar triste, porque quando eu pensava em ficar triste, elas já sabiam... só pelo nosso olhar, sabia? O que que tá acontecendo? – diziam. Elas nunca deixavam a gente pra baixo [...] Exemplo: eu dizia: Tia, eu quero fazer um cabelo, a tia fazia. Tia, eu quero fazer a unha. Elas pintavam. Ai, tia... queria tanto uma roupa emprestada, elas emprestavam. Por isso que lá, as meninas que foram pra lá, é muito difícil sair fora, ter fugido. Porque ali você tem tudo. Você tem tudo ali [...] hoje, eu gosto muito de cuidar. Cuidar do próximo. Não só de profissão, mas como amiga, como parceira. Porque eles me ensinaram. Porque eu não gostava não, viu? Eu não cuidava nem de mim, que dirá dos outros. E é gostoso, sabia? Você cuidar de alguém, assim. Eu falo porque eu já passei por isso. A pessoa tá ali e tal, e você vai lá e conversa. Às vezes é só uma conversa, sabia? Só um abraço já muda. E eu carrego isso pro resto da minha vida: o cuidado.” (Suellen, 25 anos).*



*“A minha atenção sempre foi de sentar, conversar, trocar um papo. Comecei a entrar em um ritmo que... Aqui é bom! A gente não tem hábito de conversar, e quando você começa a criar o hábito, de você conversar, você falar... tirar o que tá na sua cabeça, botar pra fora. Eu comecei a me adaptar com isso, comecei a gostar, e a conversar, trocar as histórias, falar. Me fazia bem conversar com a pessoa, trocar, discutir alguma coisa que via fora.” (Bárbara, 23 anos).*

Na casa, há uma equipe psicossocial que se coloca à disposição para conversar, caso queiram ou sintam a necessidade. Suellen compartilha que foi incentivada pela equipe a iniciar um tratamento psicológico enquanto esteve acolhida pela instituição. Além da equipe contratada, a Santa Fé atua em parceria com clínicas de psicologia, oferecendo a oportunidade de um atendimento psicológico clínico, que se difere dos Programas, Projetos e Serviços oferecidos pelo SUAS, onde os profissionais de psicologia atuam em parceria com outras áreas, em uma abordagem psicossocial. Dessa forma, Suellen passou a receber atendimentos individualizados a partir dos 14 anos de idade, permanecendo em acompanhamento durante os quatro anos em que esteve acolhida.



*“Psicólogo era só uma ou outra que precisava, que ia. Então era assim, quem precisava, quem tinha essa necessidade, eles iam atrás junto.” (Adriana, 36 anos).*



*“A psicóloga, aquela época, sempre se disponibilizava, se precisava de alguma coisa. Nunca quis, mas sempre estava ali, disponível.” (Giulia, 20 anos).*



*“Tinha a psicóloga lá no Vovó Ilza. Aí eu perguntava: Tia, posso conversar com você? E a tia: Claro! E a gente conversava! Aí a gente se sentava lá fora.” (Suellen, 25 anos).*



*“Tinha psicóloga na casa. Eu não ia atrás, mas eles sempre vinham pra conversar, pra saber como eu tô. [...] Pra gente isso não é costume. Foi onde eu vim entender que aqui existe a doença de depressão. Eu falei, nós lá, a gente tem depressão, só a gente não sabe lidar com isso. O que que é isso? Como a gente não sabe disso, a gente trata de outra maneira. Então, aqui eu vim entender. A gente tem uma ignorância. Até chega um ponto que você fala, não, a gente tem isso, mas a gente não sabe lidar com isso.” (Bárbara, 23 anos).*

Para adolescentes com trajetórias marcadas pelo uso de substâncias psicoativas, as entrevistadas relatam que o suporte oferecido pela instituição é pautado pelo respeito, especialmente no cuidado ao manter o sigilo e preservar a intimidade das acolhidas. As situações são tratadas de forma individualizada, evitando expor as circunstâncias às demais adolescentes. Além disso, é comum a indicação para participação em grupos de apoio externos e encaminhamento para acompanhamento médico quando necessário, sendo esse processo sempre mediado pelos educadores e técnicos da casa.



*“Fiquei na rua e fiquei usando droga. Usei muita droga, porque eu tinha muito medo de ficar na rua. E a droga, ela deixa você meio que... ligada, né? Eu usei bastante, pra mim ficar na rua. Depois, eu fui pra Vovó Ilza, e de lá não saí mais.” (Suellen, 25 anos).*



*“Eles sempre trataram isso de forma muito individual, de forma muito sigilosa. Tinha vezes que as meninas chegavam na rua bastante alteradas, bastante entorpecidas, e eles já reservavam a menina de forma imediata, assim que eles identificavam [...] Eu sei que tinham diversos acompanhamentos, com psiquiatra, tinham diversas outras coisas. Mas eles sempre tratavam isso de forma muito particular, eles não compartilhavam com a gente tudo o que acontecia com elas, a forma que eles tratavam elas. Eles tratavam cada um, cada caso como um caso mesmo. E também a não necessidade de expor, pras outras meninas. Porque ali, como era todo mundo da mesma idade, talvez a gente não entendesse e respeitasse o espaço daquela pessoa naquele momento. Então elas não divulgavam. Elas tratavam elas ali, sigilosamente.” (Vanessa, 25 anos).*



*“Quando eu voltei pra droga, comecei a pegar uns negocinhos, aí elas tinham assim, me levou pra um projeto. Deu uma escorregada, aí elas falou você vai ter que participar de um atendimento, participar de um grupo. Aí eu participei. Ajudou bastante. Aí depois, eu fiz sozinha, aí conforme eu fui passando nesse lugar, eles passaram remédio também pra dar uma segurada. Fui no Hospital São Paulo, quando eu tava começando a ir um pouco pra droga. E aí depois foi isso. Eles sempre me mandando pros lugares, aí quando dava vontade, aí eu ia. Tinha que participar do grupo, tinha que ir junto, sabe, essas coisas. Então, elas estavam sempre junto.” (Adriana, 36 anos).*

Observa-se que o processo de acolhimento institucional na Casa Vovó Ilza é compreendido como um espaço que oferece segurança e estabilidade, além de um olhar especialmente dedicado às crianças e adolescentes. O suporte oferecido é marcado pelo respeito às diferentes trajetórias individuais e ao tempo de adaptação de cada uma das moradoras. As entrevistadas destacam a presença de um suporte técnico atento, especialmente no cuidado com os filhos, na promoção da convivência entre as moradoras e na construção de vínculos de confiança com a equipe.

Na rotina diária, busca-se proporcionar condições para que as adolescentes desenvolvam habilidades que as auxiliem após a saída da instituição. Isso inclui o aprendizado e a divisão de tarefas e responsabilidades, estimulando a construção da emancipação. Além disso, o cuidado oferecido se manifesta em múltiplas dimensões: com os outros, consigo mesmas e com os filhos. Nesse contexto, a atenção à saúde física, psicológica e os pequenos gestos são percebidos como formas que resultam no fortalecimento dos vínculos e no sentimento de pertencimento, impactando positivamente a experiência das acolhidas durante os anos de moradia.

# Convivência e Atividades de Lazer

A especificidade da Casa Vovó Ilza no acolhimento de crianças e adolescentes gestantes e/ou com seus filhos é ressaltada em diferentes momentos pelas interlocutoras. Elas descrevem o funcionamento da instituição por dinâmicas e fluxos de chegadas e partidas, atravessados por situações diversas, incluindo condições de risco, razão pela qual o endereço da Casa Vovó Ilza é mantido em sigilo.

A convivência entre jovens em diferentes circunstâncias e momentos — gestantes, puérperas, mães com filhos pequenos — também aparece de forma recorrente nos relatos. No cotidiano, é incentivado um cuidado compartilhado entre as próprias acolhidas. Além disso, a presença de outras adolescentes em situações semelhantes parece contribuir para a ressignificação de um sentimento de isolamento. A percepção apresentada é a de que, na Casa Vovó Ilza, elas não se sentem sozinhas, especialmente por vivenciarem a experiência da maternidade na infância ou adolescência de maneira coletiva.

*“É normal quando você chega em um lugar, você se sentir desconfortável. E é diferente, porque é um monte de gestante ali criança, então era muito, muito diferente. Quando eu entrei, eu acho que eram dez nenéns. Dez meninas e dez nenéns. Tinha gestante e não gestante... quem já tava com neném e tudo. Às vezes as meninas iam embora com a família, mas aí rápido já chegava outra no lugar.”*  
(Suellen, 25 anos).





*“A diferença da Vovó Ilza, é que você vai numa casa que encontra mães e filhos, e cada um está com a sua situação diferente. Até uma que não pode sair com o filho, porque está correndo risco de alguma coisa, de pegarem o filho... [...] quando eu cheguei, eu era a última gravidez, todas lá já eram com o bebê crescido.” (Bárbara, 23 anos).*



*“Eu me sentia bem. Não bem porque elas estavam ali, mas bem porque quando eu estava no hospital, eu achava que eu era a única criança que estava ali gestante. Não passava na minha cabeça. Eu me senti bem confortável, porque no hospital eu ficava muito... eu sou a única criança que está aqui gestante. Eu não sabia que existia uma casa assim... com mais adolescentes, ou que já passaram mais adolescentes.” (Giulia, 20 anos).*

O estigma social relacionado à maternidade precoce também é mencionado pelas entrevistadas. As experiências de discriminação das quais foram alvo ocorreram em espaços como escola, trabalho e serviços de saúde. Diante disso, não são incomuns os relatos sobre a decisão de terem ocultado suas condições de gestação/maternidade.



*“Porque as pessoas na rua achavam que a gente era uma qualquer, sabe? Só porque a gente tinha filho e morava no abrigo. Novinha, com filho. Mas ninguém perguntava o porquê aconteceu. Porque tem uma história, tem um porquê. E até hoje, às vezes eu vou conversar com uma pessoa e ela diz: Nossa! Você teve filho muito cedo! Mas ninguém sabe o porquê. Até hoje eu passo, viu? Dentro de uma empresa, dizem: nossa! Mas você teve filho muito cedo, o que aconteceu? Quando a gente conversa, eu não conto tudo, eu conto só um pouquinho. Aí eles dizem: nossa, eu não acredito. Ou então, a pessoa acha que a gente teve filho cedo, então já olhava pra gente meio torto. Isso acontecia. A sociedade olhava pra gente com outros olhos, e a gente sentia aquilo.” (Suellen, 25 anos).*

*“Tinha uma menina que era usuária. Tinha menina que cabulava aula pra consumir. Eu lembro na época que ela falava que eu, e outra menina, que era o mesmo caso que o meu, falava que a gente nunca ia conseguir cuidar da minha filha, que eu não ia sair com a Luna, que uma mãe adolescente nunca ia conseguir cuidar de uma criança [...] uma coisa que eu odiava na época era consulta médica. Eu ficava... acho que eu tinha que levar declaração pra ir pra escola. E eu não assumia, eu não assumia pros meus amigos. Eu não tava na minha cabeça que a Luna era minha filha. Eu queria ficar com ela, mas eu tinha dificuldade nisso. Por conta que fora do abrigo, na escola, tinha muitas amigas minhas que não eram mães. E eu era a única. E eu me importava com a opinião disso. Tipo, o que que elas vão falar? Eu escondia, eu não falava que eu tinha. Até quando o educador acompanhava a gente, eu não queria ir com o educador. E foi na época que eu troquei de escola. E não era vergonha, mas era do preconceito. Eu não ia saber reagir. Eu não ia saber responder, se alguém falasse, tipo, nossa, você é mãe? Eu não ia saber responder. Agora eu sei. Se uma amiga minha chegar e falar, eu vou dizer, eu sou, o que que tem? Mas na época da escola eu não falava, eu falava que ela era minha irmã. Depois que eu saí do abrigo, que eu comecei a falar. Aí, depois que eu saí do abrigo, pronto, fui trabalhar. Aí, eu comecei a falar, tipo... As pessoas perguntam no meu trabalho. Aí, eu falo, tipo... Você tem filha? Você tem filha? Aí, eu falo, eu tenho.” (Giulia, 20 anos).*



A intersecção entre a maternidade precoce e a vivência em um serviço de acolhimento institucional indica que a discriminação enfrentada por elas não se restringia à idade ou a condição de mães, mas também sobre a experiência de residir em uma instituição. Ao mencionar o preconceito nesse sentido – tanto externo, quanto internalizado, as jovens mulheres destacam um desconhecimento sobre o assunto geralmente associado a imagens negativas e estereotipadas. Por outro lado, também apontam para um processo de desconstrução dessas imagens a partir da experiência concreta vivida na Casa Vovó Ilza.

*“Quando eles usaram o termo abrigo, como eu nunca tinha passado por uma instituição, o que veio na minha mente é aquela coisa, né? Tipo, nossa, é um porão, cheio de rato, as crianças ficam todas jogadas, e aí eu fiquei muito assustada, e aí eu lembrei que a primeira coisa que eu falei foi isso, que foi, se for me deixar longe da*

*minha filha, eu não vou. E eles disseram, não, é uma casa onde vai você junto com a sua filha, e aquilo me tranquilizou demais, porque eu estando com ela a gente superava. E aí eles buscaram as minhas coisas e a gente foi. [...] Então foi bastante rápido. E aí todo aquele meu preconceito que eu tinha sobre o local foi completamente destruído, porque eu cheguei lá e era completamente diferente. As pessoas eram muito diferentes, o ambiente era muito diferente, sabe? Só que eu nunca tinha passado por acolhimento. Aquele foi o meu primeiro e único acolhimento. E assim, eu posso dizer que foi uma experiência maravilhosa, maravilhosa mesmo. Eu não conseguiria outro amparo, se o Vovó Ilza não tivesse lá com a porta aberta pra mim, sabe? De fato, eu não tinha mais ninguém pra mim.” (Vanessa, 25 anos).*



*“As pessoas não têm conhecimento do que é um abrigo. A gente falava: a gente é ser humano igual qualquer um! É porque ali, cada uma tem uma história, mas as pessoas lá fora não olham assim. É igual menina de abrigo, ninguém vai entender o que aquela menina passou para estar no abrigo. [...] Graças a Deus a Vovó Ilza me acolheu. Foi bom. Mesmo assim, não é bom. Não é bom porque você tá preso, você tá fechada em um lugar, sem família, sem ninguém. Quando as pessoas falam assim: ai, porque já passou em abrigo e tal, eu tento não lembrar tanto, porque não foi bom. Agora, o Vovó Ilza, eu falo de boca cheia pra todo mundo, assim: Passei, morei e eu sou a mulher que eu sou hoje por conta de lá.” (Suellen, 25 anos).*



Foi justamente pensando no estigma associado aos serviços de acolhimento institucional que a fundadora da Santa Fé, Márcia Dias, escolheu o nome “Minha Casa” para intitular uma outra residência de acolhimento da instituição. Márcia menciona o diálogo que teve com uma criança ao ser questionada sobre como ele poderia responder aos colegas de escola quando perguntassem onde morava. A resposta que recebeu de Márcia foi: “Diga que você mora na sua casa”. “Vovó Ilza” aparece no mesmo caminho, ao se aproximar da ideia de uma casa de vó. Ilza é o nome da mãe de Márcia, e foi escolhido pelos profissionais da instituição como uma forma de homenageá-la, o que foi feito como uma surpresa à fundadora, que não chegou a participar da escolha.

Durante o período em que viveu na Casa Vovó Ilza, Suellen afirma que, ao enfrentar situações de discriminação, sentia-se à vontade para compartilhar com a

equipe técnica da instituição sobre o que estava acontecendo, recebendo apoio e acolhimento por parte das educadoras. Vanessa, ao vivenciar uma situação de discriminação racial em um shopping de São Paulo, também recebeu o suporte da instituição, que a acompanhou para a formalização de uma queixa. No entanto, ela observa que durante a gestação, embora tenha enfrentado preconceito, sente que não recebeu o apoio necessário, e que acredita que teria sido diferente se estivesse na Casa Vovó Ilza.



*“As tias conversavam muito, porque a gente ficava bem mal.”  
(Suellen, 25 anos).*



*“Na verdade, assim, eu sofri, infelizmente, essa discriminação no período da minha gestação inteira, no período, no dia do meu parto... só que eu não estava lá. Talvez se eu estivesse lá, eu não tivesse sofrido tanto, porque eu não tive suporte da minha mãe e lá [na Vovó Ilza] as meninas tinham.” (Vanessa, 25 anos).*


Bárbara comenta que ainda percebe obstáculos, especialmente no mercado de trabalho, relacionados ao preconceito com a condição de jovens mães. Para ela, que observa experiências de amigas e conhecidas, há dificuldades na contratação e permanência nos empregos em razão da discriminação.




*“Não é fácil ser jovem, mãe, contratada nas empresas hoje em dia. Porque ah... ela é mãe, a gente vai precisar mais da pessoa, mas a pessoa vai ter isso, vai ter consulta, vai ter isso. Adolescente, jovem, mãe. Nós, jovem, hoje que a gente entra na empresa, a gente tem vontade de aprender. Jovem aprende rápido, só que tem uma coisa que é jovem com filho, a gente vai precisar mais desenvolver, e como a gente vai desenvolver, no sentido de tem seu filho, tem seu tempo, então isso acaba sendo meio recuado, tá atrás. Você diz, ah, eu tenho 18 anos... e tem filhos? Sim, tenho dois filhos, então tem isso. A maioria das amigas que eu tenho hoje, conhecidas, vivem isso. Elas sofrem com elas mesmas. Ai, eu vou deixar o meu filho com quem?” (Bárbara, 23 anos).*

Em seus depoimentos, Giulia e Suellen reiteraram a especificidade da Casa Vovó Ilza no atendimento à maternidade precoce, o que gera um sentimento de acolhimento,

de proteção e segurança. A convivência com outras adolescentes em situações semelhantes parece ter contribuído para a percepção de não serem vistas como exceção, mas como parte de uma realidade compartilhada e que é naturalizada naquele ambiente, diferente do que acontece em outros espaços.




*“Fora do abrigo, eu percebo bastante, tipo... Nossa, mas você teve a Luna com quantos anos? Meu deus, mas você é mãe? Já? Coisas que agora eu tenho respostas pra isso. Mas... Aí, comecei a perceber que perguntas dessas, de nossa, você é mãe, é de pessoas que não... Acho que não estão acostumadas em ver adolescentes mães. Dentro do abrigo era o quê? Comum. Aí eu saía do abrigo... Eu não senti, tipo, incomum. Eu só me sentia... mais acolhida, porque eu sabia que tinha gente da minha idade, ou perto da minha idade que já foi mãe. Eu me sentia melhor lá.” (Giulia, 20 anos).*



*“A Vovó Ilza não era um abrigo, era uma casa. Os abrigos que eu passava era homem, mulher, era tudo misturado... a Vovó Ilza, igual eu te falei: era uma mãe. Ali era uma casa. É o lugar que você vai cuidar do seu filho, você vai se sentir bem, vai se sentir amada, vai se sentir protegida. Onde eu passava, não era assim. Eu dormia no meu quarto, mas podia entrar um menino dentro do meu quarto, que é tudo junto. Então... proteção. Por isso que eu fiquei lá quatro anos.” (Suellen, 25 anos).*

A convivência entre as moradoras é frequentemente citada pelas interlocutoras, que afirmam que há espaço para momentos de individualidade, embora, muitas vezes, preferissem estar juntas. Entre elas, as trocas aconteciam de maneira espontânea, onde conversavam sobre suas vidas e, inclusive, sobre experiências relacionadas à gestação e à maternidade. Além disso, elas sugerem que há, por parte da instituição, uma orientação para que acolham umas às outras. O auxílio no cuidado dos filhos é outro ponto destacado com recorrência em seus relatos.



*“As meninas sentavam pra conversar a questão do parto, como foi. – ‘Ah, as minhas dor, a minha também foi essas dor.’ Aí vocês riam. – ‘Ah, eu lembro, eu lembro da Bárbara quando começou a sentir dor.’ Vocês trocavam essas histórias.” (Bárbara, 23 anos).*



*“Eu trabalhava de manhã, então de tarde, as meninas já estavam na escola, no serviço. A gente tinha esse tempinho. Mas na maioria das vezes, a gente sempre gostou de ficar mais junto, que a gente conversava sobre muita coisa, eu e as meninas.” (Suellen, 25 anos).*

*“Lá dentro eu consegui ouvir relatos de muitas outras meninas que tinham passado por vários outros abrigos, sabe? E aí eu percebi que não era só a minha dor que doía, sabe? Porque ali naquele momento eu tava muito frágil. Só que diversas das meninas tinham passado por situações muito piores. Então a gente se ouvia, a gente se ajudava. Quando eu comecei a trabalhar, a gente até, pelo menos no começo, a gente tava fazendo rodízio pra ajudar uma outra a sair. A gente sonhava como seria a nossa casa lá fora... Então essa convivência, pelo fato de ter todo mundo uma idade muito próxima, todo mundo ter um mesmo objetivo, a gente conseguia se entender muito bem e se desentender de uma forma muito gostosa. Porque hoje, até falando com a Báh, às vezes, a gente ri tanto com as coisas que aconteceram lá dentro... Eu tava brigando com as meninas e daqui a pouco a gente tava todo mundo rindo. E uma fazendo o cabelo da outra e uma fazendo a unha da outra. Então eu acho que foi mais isso que aproximou a gente como família mesmo, sabe? Porque são brigas de família. A gente brigava, a gente se xingava, a gente se batia, a gente se ofendia. Daqui a pouco tava todo mundo se amando. Daqui a pouco tava todo mundo comendo junto. Daqui a pouco tava uma olhando o filho da outra. E essa troca foi muito importante pra mim no meu processo de cura. Pra entender que não era só a minha dor que doía, sabe? Vendo as outras meninas. Então foi muito importante. Eu acreditei que fosse ser ruim, e muito pelo contrário, foi muito bom.” (Vanessa, 25 anos).*



*“Tem esse olhar... de olhar, ver, né? Tem umas com umas situações meio cabeludas, aí a gente fica meio assustada. Tem umas pessoas que ainda tem uma situação melhor do que a gente, e a gente, nossa, Graças a Deus, né? Mas tinha umas que você falava: Pô, mano! Que você queria mais acolher, mas como você vai acolher? Como que você vai fazer? Aí as tias tinham que ensinar a gente, orientar a gente sobre essas questões.” (Adriana, 36).*



Na convivência diária, é comum que, eventualmente, ocorram conflitos e desencontros entre as moradoras. Nessas situações, tem destaque a presença e atuação de profissionais da Casa Vovó Ilza, que oferecem suporte, chamando as adolescentes envolvidas para conversas mediadas, a fim de resolver a situação de maneira imediata.

Em algumas ocasiões, recorre-se à Assembleia, ferramenta pedagógica utilizada para reunir todas as moradoras da casa e debater combinações relacionadas à rotina, informações sobre visitas e passeios, abertura de espaço para sugestões, resoluções de conflitos, entre outras demandas. Durante a Assembleia, todas as pessoas têm espaço para se expressar, propondo a promoção de um ambiente de escuta ativa e de construção coletiva entre moradoras e profissionais da instituição.



*"[...] Bate boca, sabe? Ah, você mexeu nas minhas coisas... Não mexi... Sabe? Mas a gente se cuidava. A gente se cuidava. [...] As tias chamavam a gente, as tias ajudavam. Se discuti com a pessoa, as tias colocavam a gente no escritório e conversavam. Às vezes as tias conversavam comigo, e eu era cabeça dura, aí não queria escutar. Mas elas sempre insistiam. Elas tavam ali." (Suellen, 25 anos).*



*"Na época, chamava de Assembleia. Sumia uma coisa de uma menina, roubou... Aí fazia uma Assembleia, pra falar sobre isso. Que não era certo, que tinha que devolver. Ou até para fazer os passeios também. Ou até quando tinha uma visita, uma semana, que a gente ia receber. Os passeios, a gente colocava sugestões. A gente podia ir no dia das crianças, ou ter aquele revezamento de novo, de uma mãe, outra fica. [...] Para informar. Para informar, tipo, ah, vai ter a visita, vem com a apresentação. É, para vocês que moram aqui, vocês têm que estar ciente que vai chamar gente de fora para visitar vocês. E vai fazer tal atividade, vai fazer tal coisa, revezamento." (Giulia, 20 anos).*



*"Tinha uma reunião. Assembleia era uma reunião, né? Todo mundo sentava e falava: não está certo isso, não está certo aquilo. O que a gente pode fazer? Aí uma tinha dificuldade mais em uma coisa, e a outra não. Então uma ajudava a outra com a dificuldade da outra. E assim se vai. Aí falava: não pode ser assim. O que a gente resolve? Pessoa que está passando o limite, a gente ficava sem passear." (Adriana, 36 anos).*



*“O fogo pega primeiro, depois tem que baixar a poeira. Pega fogo, depois vem, o educador descia pra acalmar, pra entender o que estava acontecendo. Chamavam uma Assembleia de novo, pra poder entender o que estava acontecendo e pra poder conversar sobre a situação. Então, chamavam logo a Assembleia. Todo mundo, porque um erra, todos erram. Falavam o que tinha que falar, e ouviam, entre os moradores. Porque não dá pra deixar, né? A gente fazia uma Assembleia que vocês se sentavam, debatiam algumas coisas, organizavam... o que você concorda, o que não concorda. Pra rotina da casa, questão de organização mesmo. Isso era bom também porque ajuntava todo mundo na mesa, e todo mundo está lá, porque é raro também, vocês sentarem juntos.” (Bárbara, 23 anos).*



*“O que eu achava muito importante da Assembleia era porque, na Assembleia, todo mundo tinha a chance de falar, por mais que aquilo virasse uma baixaria. Depois eles controlavam. Mas ali todo mundo tinha a oportunidade de, sabe? De extravasar. Colocar tudo para fora, se resolver ali, se xingar ali, mas matar o problema. Então, juntava todo mundo numa mesona redonda na sala, expunha o problema, colocava na mesa, identificava a raiz do problema, faziam as duas pessoas conversarem e aí ele matava o problema.” (Vanessa, 25 anos).*

Os momentos de convivência familiar e comunitária também são priorizados, por meio de atividades voltadas à socialização com a comunidade e o acesso ao lazer. As entrevistadas relembram a prática de passeios externos, visitas, momento de descanso, relaxamento e diversão. As atividades também são percebidas pelas interlocutoras como um alívio da rotina de cuidados com os filhos e responsabilidades, oportunizando a sensação de individualidade e de reafirmação da própria infância e/ou adolescência.



*“Era tudo bem certinho, bem regradinho! Consulta de criança, passeio com as crianças, passeio com as meninas... porque fora os passeios com as crianças, eles faziam passeios com as adolescentes também, pra que a gente se sentisse bem, se sentisse digna de sair um pouquinho também.” (Vanessa, 25 anos).*



*“Elas davam espaço pra gente sair, pra a gente se divertir. Ter momento pra vocês lembrar. É, que era o final de semana meu, quando era o final de semana meu, que eu não ia com a criança, e que ficava junto com os tios ou tias, que era a responsável ali, aí era bom, porque era o momento que eu podia viver uma adolescência assim, tipo, eu tô curtindo alguma coisa na vida, sabe? Era esse momento.” (Adriana, 36 anos).*

Entre aquelas que praticam alguma religião, é comum que frequentem juntas uma das igrejas do bairro, normalmente acompanhadas por uma educadora. Além disso, a participação em eventos beneficentes e atividades culturais, como shows, passeios ao cinema, teatro, piscina, parques, e festas populares, são outros dos momentos citados como incentivados pela instituição.



*“Era na rua a igreja. A gente participava de coisa na igreja. Quando tinha festa junina, que a igreja fazia aquelas montagens de coisa pra vender, a gente fazia coxinha, saia vendendo lá na barraquinha da festa junina. Na época nós vendia, ajudava a arrecadar dinheiro pra comprar mais fralda. Era assim. [...] Fazia [passeios] pro Ibirapuera, às vezes, com as tias do próprio abrigo mesmo. Eu gostava dos passeios que era com todo mundo, dos lugares, dos parques, das atividades. Tinha aula de molde, de gesso do rosto, em alguns lugares, legal. A gente já foi em show, sabe? [...] Os passeios era legal. Quando a gente sentava, todo mundo ia assistir um filme legal, era bacana também. Quando tinha festa de Natal, era bom.” (Adriana, 36 anos).*

Nas atividades externas, os preparativos para os passeios e os cuidados com as crianças são organizados e divididos entre educadores e adolescentes. Assim, a programação aos finais de semana é planejada de maneira coletiva, incluindo o preparo de lanches e um esquema de revezamento que promove o exercício de corresponsabilidade, fortalecendo vínculos de solidariedade entre as moradoras.

*“No final de semana, as educadoras organizavam. Quem era do plantão. Ir no Ibirapuera... Piscina, cinema, teatro. Sexta-feira, já organizava, fazia um lanche, e no sábado saía para um passeio. Aí, lá, eu já fui em alguns passeios. Nos passeios, os educadores ficavam um pouco com as crianças, as mães iam ter um pouco de lazer, aí ia*



*trocando, uma menina ficava um pouco com as crianças, mais por perto. [...] A Iracema, ela tinha proposto na época, levar as meninas para o samba. E a proposta era uma quantidade de meninas ir com ela, a outra parte ficar, achar uma coisa para as crianças e revezar. Fazia isso naquela semana e no próximo, o outro grupo que tinha ficado, vai.” (Giulia, 20 anos).*



*“Tinha uma organização. As tias não dava conta de cuidar. O plantão tinha dois tios. Não dava conta de cuidar de três crianças. Então fazia o que? Combina com tal menina para ir. E aí você ajuda a cuidar dos filhos junto com o educador. Era assim. Então assim. Se tinha eu e você que queria sair juntas. A gente ia combinar com fulana de tal. Que tinha que cuidar dos nossos filhos junto com os tios. Ajudar. Uma escala assim. Aí um final de semana meu, um final de semana de fulana de tal. E é assim. Porque aí revezava. Na nossa época era assim.” (Adriana, 36 anos).*

Além dos passeios externos, dentro da casa, também acontecem atividades. Eventos em datas comemorativas como aniversários e natais são organizados com a participação e visitação de voluntários. Atividades como essas são lembradas com carinho pelas interlocutoras. O “Dia da Beleza”, especialmente, é citado como um momento especial de interação e convivência entre adolescentes e visitantes.



*“Quando os voluntários vinham era muito bom, viu? Eles faziam o dia da beleza, para fazer cabelo, fazer unha. Passavam o dia todinho com a gente!” (Suellen, 25 anos).*



*“Os aniversários me marcam, Natal. Quando era Natal vinha uma pessoa de fora, sempre tinha uma festa, Papai Noel. Vinha muita gente de fora, vinham com as atividades, algumas brincadeiras. Porque eles não vinham, davam presente e iam embora, não. Passavam a tarde com você, faziam café. Tinha dia da beleza, dia de manicure, dia da mulher... então, acho que esses eventos marcaram na minha vida. Fizeram parte da minha vida.” (Bárbara, 23 anos).*

Os aniversários são comemorados de forma individual, para que cada moradora saiba exatamente a sua data de nascimento e possa celebrar esse dia como um momento especial. A comemoração envolve a organização de uma festa com a presença de convidados, como amigos e familiares, além de voluntários, e estende-se a toda a equipe da casa, garantindo que cada aniversariante se sinta valorizada e querida. Bárbara recorda ocasiões em que os abraços e presentes recebidos simbolizavam gestos de atenção e reconhecimento especialmente simbólicos e significativos. Adriana relembra de uma atividade de dança realizada por voluntárias, e que tinha como proposta o fortalecimento de vínculos e a aproximação entre mães e filhos.

*“Tinha visita dos voluntários que vinham, pessoas que vinham fazer festa. Então tinha muita gente... legal, né? Acho que me fazia sentir... ter alguém olhando pra mim, né? Porque imagina... eu venho de um lugar que eu não tinha família. Então, presente, pra mim, representa muita coisa. Então, quando eu ganhava um presente, eu me sentia muito bem mesmo. Podia ser qualquer coisa. Eu me sentia, tipo, de um abraço que você dê, mas não tinha uma pessoa pra te dar. Mas alguém vem, que você nem conhece, e uma pessoa que você nem esperava, e vem te dar um presente. Então, presente é uma coisa que eu valorizei muito naquela casa, sim. E via muita gente. Fizemos aniversários, festas mesmo, festas que eu nunca tive, eu tive na Santa Fé.” (Bárbara, 23 anos).*



*“[...] As atividades com o filho. Ela fazia a dança junto com a criança. Ela fazia sempre para participar junto, né? A gente quando fazia as atividades, ela incluía sempre as crianças junto com a gente. Para que a gente soubesse que ele está incluso na nossa vida, né? Então, ela colocava sempre. Tanto que quando nós fizemos uma apresentação na escola de samba, ela me ensinou na escola de samba. Que era até de uma tia que fazia, que trabalhava, e aí ela fazia a ala das baianas na escola de samba. [...] Aí a Magda, com ela, combinou de fazer uma apresentação com as pessoas lá. E aí ela fez uma dança com a gente, com Orixá, que é da Deusa do Mar, com a criança, né? Que até canta Orixá... Não lembro agora a música. Que aí faz com tecido, joga o tecido, aí que pega a criança e joga na criança, e a criança na roda. É bem legal.” (Adriana, 36 anos).*



As crianças e adolescentes também podem receber visitas de amigos e de familiares, contribuindo para a preservação de vínculos afetivos fora da instituição, como lembram Bárbara e Giulia.



*“Eu lembro que comecei a namorar também, na época da escola, aí o meu namorado poderia ir me visitar, e sair. Se tivesse alguém para me visitar, era só conversar. Eles deixavam.” (Bárbara, 23 anos).*



*“As minhas amigas, as minhas amigas já chegaram a me visitar lá, mas eu tinha que comunicar sempre. Que tinha que autorizar. Amigas da escola mesmo.” (Giulia, 20 anos).*

Os vínculos afetivos desenvolvidos ao longo do período de acolhimento na Casa Vovó Ilza frequentemente perduram para além da saída da instituição. Foi uma voluntária que participava de atividades e visitas quem se tornou, posteriormente, madrinha de Josias e Caio, filhos de Suellen. A pastora da igreja frequentada por Bárbara, também é lembrada por ela como uma figura de referência, citada em diversos momentos de seus depoimentos. Destacam-se ainda amizades construídas dentro da própria instituição, como a de Bárbara e Vanessa, que seguem em contato até hoje.



*“Tem uma voluntária que faltando duas semanas [para a saída] começou a ser voluntária, e hoje em dia ela é madrinha dos meus filhos. Ela manda mensagem pra saber se tá tudo bem.” (Suellen, 25 anos).*



*“Eles também me acompanharam nesse processo de sair do abrigo. Comecei a ter pessoas de fora, além da minha madrinha [educadora-tutora na instituição]. Foi amizade que eu acabei fazendo na Igreja. A minha pastora também foi um suporte pra mim, enorme. Que eu lembro que eles foram lá em casa fazer oração pra mim.” (Bárbara, 23 anos).*

As informações apresentadas evidenciam o incentivo a um acolhimento mútuo e de cuidados compartilhados entre as moradoras, onde além do revezamento no cuidado com os filhos, há interesse em saber como oferecer apoio nos momentos

necessários. Na convivência, destaca-se, especialmente, o papel da Assembleia como uma prática democrática, utilizada como mediadora para resoluções de conflitos, repasse de informações e escuta ativa, momento em que é possível se reunir, se expressar e sugerir.

Diante das situações de discriminação descritas pelas interlocutoras, chama atenção que a convivência com outras adolescentes com experiências similares parece oferecer uma espécie de condição de espelhamento, reduzindo a sensação de isolamento. Afinal, elas não eram as únicas que estavam passando pela gestação/maternidade precoce, diferente de como percebiam e eram percebidas em espaços externos. Em seus depoimentos, também trazem à tona o apoio recebido na instituição, comparando a vivência em outras instituições, onde não houve acolhimento de suas dores.

A organização de passeios e os momentos de lazer oferecidos surgem como lembranças positivas das vivências coletivas. Lanches compartilhados, saídas para atividades culturais e religiosas, festas temáticas e receber a visita de amigos são algumas das ações citadas. Além de proporcionar ampliação do repertório social, avalia-se a valorização da vida comunitária e acesso à convivência, ao descanso e ao lazer.

# Acompanhamento Gestacional e Materno

Os depoimentos das interlocutoras indicam que, quando chegam à Casa Vovó Ilza, inicia-se um processo de avaliação da situação em que se encontram. Se estão em período gestacional, é imediatamente oferecido um acompanhamento voltado à saúde da gestante, com início ou continuidade do pré-natal e demais cuidados associados.

Na ausência de familiares e/ou de redes afetivas de apoio, o momento do parto costuma ser acompanhado por uma das educadoras da instituição. Geralmente, esse acompanhamento é feito pela educadora-tutora, profissional com quem a adolescente possui maior vínculo de proximidade.

*“Quando a gente vai ganhar neném, qualquer dorzinha, as tias já ficavam: tá tudo bem? Desde quando eu cheguei, já é resolvido tudo isso, documento, agiliza tudo certinho, já marca o pré-natal. Quando o bebê nasce, já tem pediatra, tudo certinho... O Josias nasceu prematuro, de sete meses. Quando eu fui ganhar neném, eu falei: ‘Ô, tia, eu tô com tanta dor’, aí a tia me levou no médico. Então ela cuidava: ‘tá tudo bem, vamos fazer um exercício... vamos andar’. A Sônia, ela pegava a gente grávida, fazia a gente andar no quarteirão, sempre incentivando a gente em tudo, desde o parto. Quem assistiu meu parto foi a Vânia, ela era minha tutora. E ela é tudo na minha vida, ela é assim, a minha mãe. É tudo, tudo, tudo na minha vida. Ela é funcionária, educadora.” (Suellen, 25 anos).*





*“Minha tutora que tava comigo, sempre. Foi ela quem assistiu meu parto. Ela sempre tava comigo. Sempre. Não teve nenhum momento que eu fiquei sozinha, quando ela troca de plantão, teve outra pessoa que ficava comigo, então nunca fiquei sozinha.” (Bárbara, 23 anos).*

Josias, filho de Suellen, nasceu prematuro, com insuficiência respiratória, e necessitou ficar na incubadora por cerca de quinze dias. Tanto Suellen quanto Bárbara afirmam que, em suas situações, foram bem atendidas no hospital, e receberam suporte da Casa Vovó Ilza. Ambas destacam que, nos momentos mais delicados, contaram com apoio de suas tutoras, que estiveram ao lado delas de forma constante.

Entre os principais desafios do início do puerpério, as participantes mencionam dificuldades majoritariamente relacionadas à amamentação. Suellen relata que sentia muita dor ao amamentar e que era acompanhada de perto pelas educadoras, que permaneciam ao seu lado e seguravam sua mão, enquanto Josias mamava.

Os depoimentos destacam cuidados com machucados nos seios, orientações para aliviar os sintomas, instruções sobre como posicionar o recém-nascido corretamente durante a amamentação, além de apoio no processo de desmame e suporte emocional.



*“Teve muito cuidado, até comigo mesmo. Quando eu fui amamentar, o bico, ele começou a rachar. A Luciana veio falar: ah, coloca casca de mamão, que vai ajudar bastante, que tem que secar, coloca o próprio leite. Dava vários conselhos, até pra cuidar, assim. [...] Na primeira semana da Luna, quem subia mais, acho que era a Éwelyn. Ela sempre falava senta para amamentar. Tinha vezes que a criança não acordava. A gente tinha que acordar a criança para amamentar. Até que ela fez o movimento. Aí falava, ah, o travesseiro aqui embaixo.” (Giulia, 20 anos).*



*“As tias me ensinavam. Quando fui ganhar meu filho, a tia pegava no meu peito e colocava a boca dele. Tudo foi elas!” (Suellen, 25 anos).*



*“Amamentação, teve dificuldade. Tinha que fazer leite, acordar de madrugada, dar leite. Era preguiça, que você tinha essa obrigação, de levantar. Porque toda vez que a criança vai crescendo, começam a aparecer novos desafios, e esses novos desafios a gente fica com preguiça de querer fazer, mas você deve fazer.” (Bárbara, 23 anos).*



*“Eu tive muita dificuldade pra desmamar a minha filha, e lá eles tinham horário pra tudo. Então, aquilo que eu, às vezes, mimava ela, num horário errado pra dormir, pra comer, pra mamar, lá eu tive apoio pra poder desmamar ela, lá ela conseguiu começar a dormir nos horários corretos, a não dormir na cama comigo, porque como éramos só nós duas, ela sempre dormiu comigo, então, quando eu saí de lá, eu já saí com isso. Então, me ajudou muito nesse quesito, porque, como eu disse, nessa época, minha mãe não tava muito presente na minha vida. Na verdade, ela não tava nada presente na minha vida. Então, lá eles me deram apoio que a minha mãe não pode me dar.” (Vanessa, 25 anos).*

As educadoras oferecem suporte para que as jovens mães possam dormir, auxiliando no cuidado com os bebês. As participantes enfatizam orientações em atividades práticas como reconhecer sinais de cólica ou febre, aprender a utilizar o termômetro e evitar dormir com o recém-nascido no berço ou no colo, em razão de possíveis acidentes. Com o tempo, essas práticas foram também incorporadas às rotinas familiares, como conta Bárbara, que manteve o hábito dos horários de sono do filho, mesmo após deixar a instituição.



*“Quando a menina acordava de noite, você vai acordar de noite. Ver se tem cólica, se tem febre... se eu não tivesse o acolhimento delas, de pensar na saúde da Luna, eu não ia saber. Eu não ia saber colocar um termômetro nela, eu aprendi com elas. Eu também não era uma pessoa muito paciente...” (Giulia, 20 anos).*



*“A gente não tinha paciência. Porque a menina nova não tem paciência. Não tem saco. O choro já irritava. Eu não conseguia dormir. Às vezes a tia ia lá, pegava a criança. Deixava a gente dormir um pouquinho. Aí pegava e levantava. Vamos, vamos levantar. Tem que ir. Sabe? Ficava em cima da gente. Ensinava e no mesmo tempo dava bronca, sabe? Em algumas coisas que a gente vacilava.” (Adriana, 36 anos).*

*“Eles sempre orientam o que você tem que fazer. Toma cuidado conforme você leva, toma cuidado de não dar peito deitada, daí sempre viam, faziam aquela vigia à noite. Às vezes você tava dormindo, mas*



*eles vinham olhar a criança, se tá bem, se não tá bem. Se você tiver dormindo com a criança, eles vêm, tiram a criança, botam no berço. Aí quando você acorda, a criança já tá no berço. Então acho que esses primeiros meses, acho que até a criança completar um ano, é aquele acompanhamento 100%. [...] Eles falavam sobre cuidado de não dormir com a criança na cama, você pode machucar, você pode dormir pesado, a gente não torce por isso, mas tem que tomar cuidado. Então eu acho que eu sempre fui muito atenta nesse ponto de conselhos que eles dava, procurava ao máximo colocar meu filho pra dormir no berço, e ele dormia. [...] Tinha horário pra botar as crianças pra dormir. Era fácil? Não era fácil. Porque dá peito, dorme, dá mama, não dorme. Mas você tem obrigação de colocar pra dormir, se não dorme, você não desce pra dormir. Até hoje, meu filho, dá oito horas ele está dormindo.” (Bárbara, 23 anos).*

As consultas médicas são, em geral, acompanhadas por educadoras, e o acompanhamento à saúde de mães e filhos ocorre por meio de atendimento nos serviços públicos, parcerias com hospitais privados, contratação de profissionais e orientações oferecidas pelos próprios educadores da casa. As práticas institucionais voltadas ao acompanhamento da saúde evidenciam uma rede de cuidados que inclui casos que exigem atenção específica.



*“A gravidez pra mim foi muito chata, porque eu tinha que ficar tomando remédio... eu tinha anemia, tinha que ficar tomando vitamina. Fazia pré-natal, tomei vacina. Eu tinha bastante acompanhamento médico [...] Aí, falaram que você vai ter consultas, pode ir lá, perguntar pro médico, que vai te dar uma pomada. Então, vários conselhos, até para cuidar. Tava com várias dicas em termos de saúde, de como poderia se cuidar, sentimentos de desconforto. Aí, eu também ia. Nas consultas, depois que a Luna nasceu.” (Giulia, 20 anos).*



*“Na casa eu fiz carteirinha de gravidez, ecografia, fiz pré-natal, atendimento com pediatra, tudo bonitinho. Quando for vacina, tomava no posto de saúde [...] Se tinha uma consulta com pneumo, ou com pediatra, era sempre eu, a tia e a criança. O pediatra dava instruções em relação à introdução alimentar do bebê, mas como as tias já sabem, elas já vão orientando.” (Suellen, 25 anos).*



*“Tinha uma moça lá, que ela pouco antes de ter bebê, na verdade, ela tinha muita crise de convulsão. E aí, antes dela ganhar o bebê, e assim que ela ganhou o bebê também, eles contrataram uma enfermeira pra ficar no quarto dela. E aquilo eu achei o máximo. Achei muito chique. Falei, nossa, tem enfermeira pra cuidar dela, sabe? E a enfermeira cuidava dela, dava medicação certinha pra convulsão. Depois que ela ganhou o bebê, ela teve algumas crises, eu acho que foi até DPP [Depressão pós-parto]. E aí, a enfermeira ficava full-time ali com ela, ela tirava o leite que a enfermeira dava e cuidava dos dois. Então, assim, eles são mil por cento pra quesito de saúde.” (Vanessa, 25 anos).*

Considerando a rotina de compromissos das jovens, a equipe profissional também auxilia oferecendo suporte em atividades como levar as crianças para consulta e informar às mães sobre a situação de saúde de seus filhos.



*“Quando eu comecei a trabalhar, eles eram tão certinhos com as consultas das crianças, vacinas das crianças, que se eu não tivesse presente, o educador acompanhava a minha filha na consulta e me passava todo o relatório. Então, assim... é um suporte que eu olhei e falei, nossa, sabe, nesse quesito eu acho que nem eu era tão regular assim com as consultas, com as vacinas, com tudo, tudo, vitamina, tudo tinha o horário certinho. Se dá o horário da vitamina da criança e eu não estava, ela com certeza já teria tomado, sabe? Então, eles sempre agendavam pra mim, me perguntavam se eu estava confortável em ir naquela consulta, pra eu acompanhar as consultas da minha filha, sempre que eu tivesse disponível. Eles sempre foram, assim, bem regrados, bem certinhos, sempre tinha um educador acompanhando, sempre, sempre. Então, assim, eles, pra quesito saúde, eles são mais de mil por cento. Eles são muito atenciosos com saúde, muito, muito, muito mesmo.” (Vanessa, 25 anos).*

A dificuldade em aceitar a condição de maternidade é identificada nos relatos de Bárbara e Giulia. Ambas expressam os desafios enfrentados nesse momento de transição a partir de momentos marcados por incertezas, dúvidas e pelo processo gradual de construção de vínculo com os filhos. Nesse sentido, são narrados aspectos como a gestação não planejada, sentimentos de rejeição e isolamento, a adaptação à rotina de cuidados, entre outros desafios específicos como parte integrante deste contexto.



*“No começo é aquela dificuldade de amamentar, de você aceitar que você é mãe. Teve essa dificuldade. Em nenhum momento eu pensava que meu filho seria o meu apoio. Você pensa na rejeição que você teve, aí até você aceitar que você vai ser mãe... Acho que foi nos primeiros dias. Foi um pouquinho difícil pra mim aceitar, que eu só tenho ele e ele só tem a mim. [...] Não foi fácil, porque foi uma gestação que eu não esperava, que me fez vir parar aqui, então foi uma gestação muito difícil, muita dor, muito sofrimento. Então esse momento, depois da gestação, essa tristeza, essa dificuldade, se tornou a minha força. Porque a partir do momento que eu ganhei meu filho foi aquela força, que eu tenho ele e ele tem a mim. Aí começou uma nova história, eu e ele, que também não foi fácil.” (Bárbara, 23 anos).*

*“Também tem a questão da amamentação. A Luna foi para a mamadeira, quando eu cansei de dar peito pra ela. Eu comecei a me estressar. A educadora começou a descer. Ela ficava de noite, lá embaixo, com as educadoras. Porque eu tive essa fase de: eu não quero mais ela. Eu não quero mais olhar pra ela. Aí elas receberam a Luna. A Luna dormia lá embaixo com elas. E eu nunca ia. Depois, eu peguei ela de volta. Elas também me ajudaram com isso. Eu ainda ficava na questão de ficar no quarto. Elas começaram: desce com a Luna. Eu dava um café da manhã para ela. Eu fazia, dava bananinha, dava leite para ela. Eu tinha bastante ajuda em questão disso com a Luna, principalmente. Eu perdia a paciência, porque eu não estava preparada para ter uma criança. O fato da criança sujar, gorgar, eu não me preocupava, elas me ajudavam com isso. Quando eu queria a comida, eu sentava ali e dava o jeito da Luna. Ou almoço também, eu não comia comida, mas comia com outra pessoa. Então, foi muito difícil. Eu não posso negar isso, desse fato, que nossa, elas me soltavam... não! Quando a Luna tinha febre, que era pequeninha, tava nascendo dente, a educadora falava desce com ela pra não atrapalhar o sono das outras. Dava medicação lá embaixo. Inalador. [...] Porque eu não sabia se eu realmente queria, ou se eu não queria. Eu não tinha, acho que noção. Eu comecei a criar mais vínculo com a Luna aos 4 anos, antes dos 4 anos, eu só fazia o que era meu papel ali dentro. O que eu achava que era meu papel. Porque eu era muito isolada, e eu tinha uma ideia na minha cabeça, que eu tava ali só pra isso. Depois, quando eu fui crescendo, eu era só um robô. Eu sentia a Luna, mas depois eu vi que era muito... Não tinha que ser matemática. Não tinha que ser...[...] A Luna, ela tinha que descer, ficar no sol, brincar,*



*interagir. Eu não descia, nem com a Luna eu descia, eu ficava muito isolada. [...], mas aí depois eu fui acostumando a ser mãe. Não no automático.” (Giulia, 20 anos).*

As entrevistadas também descrevem o suporte recebido durante esse período de mudanças e adaptações, considerando terem sido bem-assistidas pela equipe institucional. Entre suas lembranças, estão conversas com profissionais que oferecem apoio emocional e psicológico. As próprias experiências de maternidade das educadoras são compartilhadas como forma de auxiliar no suporte e acolhimento de suas vivências.



*“Acho que a minha tutora me entendia só de ver, né? Só de olhar ela já sabia que tava vindo na minha cabeça. Ela vinha, me confortava e falava. No começo, a minha tutora trabalhou isso comigo, de aceitar ser mãe. Essas conversas ela teve comigo dentro do hospital. Quando já voltei pra Vovó Ilza, depois da maternidade, já voltei mais segura, que eu poderia, que a vida não para aí. Que não é porque eu tive um filho que a vida não vai continuar, que a vida acabou pra mim. Não, depois que eu voltei em casa, tendo elas por perto, eu me senti muito bem assistida em relação à minha maternidade.” (Bárbara, 23 anos).*

*“Alguns pontos que eram mais pontos emocionais, sabe? Lá, eles trataram muito isso comigo. Porque lá, como eles dão um total suporte psicológico, foi muito importante pra mim e muito importante pra minha filha, porque era uma época que eu tava muito sensível e eu precisava entender, eu precisava aceitar as coisas que estavam acontecendo... pra eu poder reagir, né? E aí eu não sabia como fazer isso. [...] Então, assim, esse lado de entender que eu estou fazendo o meu papel e que isso é o bastante, foi muito importante pra mim, porque era pesado, sabe? Era pesado demais. E eu me lembro que eu ficava todo Dia dos Pais, porque ela não estava com o pai, e quando ia alguma vó lá visitar a criança, porque as crianças às vezes tinham visita, e ela não tinha. E eu me sentia muito culpada, muito, muito, muito culpada. E aí, eu ficava suprindo ela com um monte de porcaria que ela não precisava. E aí, conforme eu fui fazendo esse acompanhamento com a terapia, com os próprios educadores, que diversas mães lá, educadoras, me falando as experiências delas*



*também, como elas lidaram com isso, sabe? A forma que eu poderia fazer isso, que a maternidade solo não era uma realidade só pra mim. Então, eu fui entendendo isso e começando a aplicar, tirando esse peso das minhas costas e tirando esse peso das costas dela também.” (Vanessa, 25 anos).*

As instruções sobre o cuidado com os filhos acompanham os primeiros dias dos bebês e abrangem orientações em torno da amamentação, do sono e do aprendizado em atividades práticas, como dar banho e iniciar a introdução alimentar. Posteriormente, são incluídas orientações direcionadas, com dicas ajustadas às diferentes fases do desenvolvimento infantil, sempre considerando as particularidades de cada caso e as necessidades de cada uma das mães e das crianças.



*“Na época, nós usava a fralda de pano, né? Era uma época que não tinha muita ajuda na instituição. Nós usava a fralda de pano, então a gente lavava. Elas ensinavam a gente a lavar a fralda. O que era importante: lavar, corar, enxaguar, passar cada fralda. O jeito de dar alimentação, não botar comida quente na boca das crianças. Porque a gente é nova, né? A gente vai saber como introduzir os primeiros alimentos com a orientação do médico, porque a gente ia para o médico junto com as tias. Então, a gente nunca é sozinha, né? Era eu, vamos dizer que eram duas consultas no dia. Aí era eu, cada um com seus filhos, e a tia orientando a gente. Aí ensinava. Aí eu ia para a escola e ensinava a gente como que é. Não saber trocar a fralda, ensinava. Questão de higiene com a mamadeira... higiene com a roupa, a importância de deixar a criança ficar livre, brincar livre, não ficar pegando muito, deixar a criança brincar normal, sabe?” (Adriana, 36 anos).*

*“Quando o bebê era recém-nascido, as meninas davam banho no quarto, as educadoras ensinavam. Na época, eu achava que era muito frágil, a Luna era pequenininha. Aí eu pedia ajuda pra educadora, ela me ensinava: E ela te ajudava, te orientava, ficava lá contigo. Tinha a questão da criança dormir no berço, também. Que não podia dormir na cama. Que você podia sufocar, ou amamentar deitada, não podia. Que podia dar um negocinho no ouvido, ou a criança se engasgar. [...] Ensinar a arrotar, a colocar a fralda. Aí, quando a criança saiu do peito, era mamadeira. A gente ia no*

*pediatra, e ela falava certinho. Você vai ver se tá está quente, se está frio. Se tiver queimado. Cuidar pra não queimar a criança. A questão do banho também. A temperatura da água. Porque, para mim, se fosse para dar banho na Luna, eu nem via a temperatura da água. Não tinha nem... Ela falava assim. Toçar, deixar a banheira. Ver calor. Colocar uma roupinha mais fina. Descer para tomar sol com a criança no carrinho. Ela descia. A Luna descia para tomar sol de manhã, principalmente. Eu sempre tinha uma comida da papinha. A Tânia ela me mostrava que eu tinha que fazer papinha, que eu tinha que fazer feijão. E amassando num prato. Assim, nas primeiras fases. Direto. A Éwelyn falava que é bom também amassar banana. Pegar com a colherzinha, dar água, também. Quando ela tomava leite, é bom dar água. Também, quando a Luna ficava nessa coisa de eu não quero comer. Eu perdia a paciência com ela, quem dava comida pra ela era a Éwelyn. Eu também me estressava. A Luna não quer comer. A educadora pegava e dava comida.” (Giulia, 20 anos).*



*“Eles me ensinaram várias coisas pra aquela etapa da idade dela. Então, assim, a filha, ela sempre foi bastante inteligente. Só que o fato dela ser inteligente, eu acreditava que eu podia ensinar pra ela coisas que não eram pra idade dela e coisas que era pra idade dela, eu não tinha ensinado ainda. Então, eu fiz essa troca, que foi muito importante. Eles me falaram, ó Vanessa, pra idade dela, o essencial pra ela agora é ter esse sentido de direção, o que é direita e esquerda. Ela precisa ter de cor, os movimentos corretos pra fazer, pra pentear o cabelo, o nome completo, o nome da mãe, escovar os dentes. Ela precisa entender o que é essa organização. Ela precisa ter esse senso de direção, ela precisa desfraldar completamente. Então, assim, eles me instruíram pra essas coisas, que às vezes é simples, mas eu não tinha noção naquela época, né? Então, eles me instruíram pras coisas que foram muito importantes pra mim.” (Vanessa, 25 anos).*



Para além, enfatiza-se a importância do autocuidado. Isso demonstra que há um olhar atento para o bem-estar das acolhidas, integrado ao suporte no cuidado com os filhos, que busca promover um equilíbrio entre as responsabilidades maternas e o cuidado de si, por meio de tempo para lazer e para exercer a individualidade.



*“[...] Entendendo como mãe, que a vida não para depois que tem o filho, que a vida continua, só que de uma forma diferente. Era adolescente, sem filho, mas agora tem que entender que a minha vida volta ao normal, só que com novos desafios, e responsabilidade pra cuidar, que seria meu filho. Fazer as coisas, pensando nele. Tanto pensando nele, quanto pensando em mim. Primeiro, eu tenho que estar bem, se eu não tiver bem, não adianta eu não estar bem e tomar conta dele, senão não vou conseguir tomar conta dele.”  
(Bárbara, 23 anos).*



*“Acho que, na época em que eu estava, a Santa Fé ajudou bastante. Tanto eu, de cuidar da Luna, que eu não fazia a menor ideia, e que era o que eu via das outras meninas também. Teve muita insistência. Tipo, tinha um olhar pra elas também. Tinha. Vai tomar um banho, a gente fica com a criança. Se quiser fazer a unha, faz. Mas, pelo menos na minha época, eu tive muita estimulação de me cuidar. Não se deixar, se deixar só porque você é mãe. Tem que se cuidar. Tem que ter um equilíbrio. Tem que se cuidar e cuidar do filho também. Tem que ter um equilíbrio, né? Eu tenho que tomar banho, né?”  
(Giulia, 20 anos).*

A responsabilidade é enfatizada como um dos pilares da rotina de cuidados voltados a si mesmas e à relação materna com os filhos. São citadas, pelas entrevistadas, ações como a atenção à higiene, à organização e à participação ativa na vida social dos filhos, como em consultas médicas e reuniões escolares.



*“As meninas falavam muito entre elas que se você está colocando o filho no mundo porque você quer na sua responsabilidade, você não vai soltar por aí. Você não vai dizer a vida que ensine. O que elas conversavam me pegava bastante. Acho que eu aprendi muito na questão disso, de proteger uma criança. Porque eu não era nem aí. Acho que foi uma das coisas que elas falavam muito, dos filhos.”  
(Giulia, 20 anos).*

*“A questão do cuidado, né? Com a criança também. O olhar, né? Porque a gente adolescente ainda não tem o olhar. Como trocar a fralda, como... Não tem. Não tem. A questão de saber o importante de participar de uma reunião da creche. A gente tinha que estar lá. Vamos na reunião da creche, cê tem que estar lá, cê tem que saber. A reunião do dia de entrada, a reunião do começo do trimestre, sabe? Ensinava a gente a ter a responsabilidade que a gente não tem. Sim. Entendeu? De organizar a nossa cama, porque adolescente não tem organização com a cama, não tem organização com as roupas. E toda vez pegar e falar assim, gente, cada uma arruma as suas gavetinhas, cada uma arruma as coisas das crianças, trocar o lençol, lavar o lençol, essas coisas. Porque a gente adolescente se deixar, tá um ano no mesmo lençol. Né? Deixa a criança um ano no mesmo lençol. É isso. Essas orientações. De ter importância de participar da consulta da criança, de saber o peso, da vacina. As tias ficavam assim, em cima da gente, pra aprender. Conselho. Orientação... questão de tudo. De cuidado com a criança, da importância da vacina, da importância da consulta, da importância da ginecologista, de ver o papa [exame de papanicolau], ultrassom vaginal, questão do anticoncepcional, sabe? De estar ali em cima da gente, pra gente entender a importância do preservativo, do cuidado com a criança, do médico, com consulta, com vacina...” (Adriana, 36 anos).*



As entrevistadas relatam que o suporte recebido durante o acolhimento na Casa Vovó Ilza reverbera para além do tempo de permanência na instituição. Nesse sentido, elas destacam orientações sobre os cuidados com os filhos que seguem mantendo em suas rotinas cotidianas ainda hoje, como “orientações para a vida”.

*“Então, todo esse suporte de me orientar pra desmamar a minha filha, eu não entendia muito ainda, sabe? Então, todo esse suporte pra desmamar a minha filha, pra regular o horário de sono dela, o horário de alimentação pra ela, tudo isso lá eu consegui regular e trazer aqui pra fora. Então, quando eu saí de lá, eu mantive isso, sabe? Assim que eu mudei a posição de pegar uma cama pra ela, pra que ela dormisse na cama dela, coisas que eu absorvi de lá de dentro.” (Vanessa, 25 anos).*





*“Tanto, que hoje em dia, eu tenho só dois filhos, porque eu sempre percebo que ter filho é bom, mas é gasto, é preocupação, você tem que trabalhar pra você sustentar, você tem que trabalhar pensando que você tem que chegar do trabalho e que tem que ver a agenda, você tem que, né? Então, assim, tudo que eu aprendi é na Vovó Ilza, ver a agenda de criança. De ver a caderneta e falar, ó, tá no dia da vacina, ó, tá no dia de fazer a consulta porque já passou do tempo, ó, já faz um ano que você não fez exame ginecológico, tem que voltar lá pra fazer. Então, assim, são orientações que é pra vida.”  
(Adriana, 36 anos).*

No amparo gestacional e materno oferecido pela Casa Vovó Ilza, observa-se uma atenção especializada e contínua, iniciada durante a gestação e na chegada das acolhidas. Neste processo, o acompanhamento envolve o monitoramento da saúde das crianças e adolescentes, com a realização de consultas médicas regulares, exames, pré-natal, atualização do calendário vacinal, entre outros.

Nos cuidados que se estendem ao parto e ao período do puerpério, identifica-se o surgimento de desafios emocionais relacionados às inseguranças e dúvidas quanto à aceitação e ao exercício da maternidade. Nesta etapa, a equipe institucional passa a oferecer suporte aproximado, como apoio emocional e orientação em práticas cotidianas de cuidado, como aprender a amamentar, estabelecer rotinas de sono, introduzir alimentos, trocar fraldas, dar banho, medir a temperatura e observar sinais de saúde.

As narrativas sobre esses desafios revelam que o reconhecimento da maternidade não é imediato nem naturalizado, especialmente considerando históricos de violações de direitos e violências vividas pelas interlocutoras antes da chegada à Casa Vovó Ilza. No processo gradual apresentado, o apoio institucional está presente nos momentos de fortalecimento de vínculos, no aprendizado sobre responsabilidades e na construção de uma rotina compartilhada entre as jovens mães e a equipe técnica.

O incentivo ao autocuidado parece buscar garantir que as moradoras tenham tempo para si, ao mesmo tempo em que são orientadas sobre a importância de acompanhar consultas médicas e reuniões escolares dos filhos. A segurança e o bem-estar dos bebês são priorizados, mas sempre articulados ao cuidado com as jovens mães.

# Trajetoória Escolar e Profissionalização

A equipe institucional garante que, na chegada à Casa Vovó Ilza, a situação escolar seja analisada e a partir disso, realiza-se a matrícula em uma escola para as meninas ou uma creche para os bebês.



*“Quando eu entrei na Vovó Ilza, elas já foram buscar o histórico na outra escola. Aí perguntou quanto tempo eu tava sem estudar, e na época eu já tava há uns dois anos sem estudar. Aí foi na escola comigo, mostrou onde é a escola. Aí fez o cadastro comigo, levou documentação. Aí eu comecei a estudar.”  
(Adriana, 36 anos).*

No caso de Bárbara, que nasceu na Angola, a instituição solicitou ao tio que enviasse os documentos necessários para a realização da matrícula escolar e continuidade nos estudos. Tanto Bárbara, quanto Giulia, que nasceu na Bolívia, afirmam que aprenderam e aprimoraram o idioma português com a ajuda da Casa Vovó Ilza, ao serem matriculadas em cursos, e na convivência com a equipe multidisciplinar. O acompanhamento escolar também é realizado pelos profissionais da casa, que oferecem orientação para o cumprimento das tarefas escolares:



*“Os tios e tias que sabiam as lições, a gente pedia orientação e ensinava. Os tios que não sabiam o que explicar, a gente pedia ajuda, e vinha alguma voluntária. Sabe, uma voluntária de faculdade. Às vezes tinha um negócio de reforço. De umas voluntárias que chegava lá, que dava aula de reforço de matemática. A Raiane. Era boa demais! Ela trazia um caderno, ficava lá, ensinando, ensinando, até entrar na nossa cabeça. Era boa.”  
(Adriana, 36 anos).*

*“Mas lá dentro, todos os dias que a gente chegava da escola, o educador presente, perguntava se a gente precisava de ajuda com a lição de casa, se tinha alguma demanda de trabalho pra fazer, se precisava de custo pra alguma coisa, porque eles tinham que anotar, né? Então, eles anotavam a noite pra providenciar já na manhã seguinte. Então, assim, eles davam assim super suporte, quando a gente chegava na escola e pedia acompanhamento, contavam as notas, eles acompanhavam bastante. Toda noite perguntavam se a gente precisava de ajuda com a lição de casa. E elas sempre ajudavam. E elas não faziam pra gente, não. Elas faziam a gente sentar e faziam junto com a gente, sabe? Então, era um super suporte, assim, em relação à escola.” (Vanessa, 25 anos).*



Durante o período gestacional e de puerpério das jovens, há especial atenção à saúde das acolhidas. Durante a licença, Suellen permaneceu matriculada na escola por um período determinado, mas sem frequentar as aulas presencialmente, sendo acompanhada nas tarefas pela equipe da Casa Vovó Ilza:



*“Eu não vou até a escola, eu faço em casa, eu sou matriculada, pego os livros e faço em casa.” (Suellen, 25 anos).*

Suellen compartilha ter enfrentado dificuldades no acompanhamento dos estudos durante a gestação. Ela afirma que os desafios estavam associados, especialmente, em conciliar as mudanças que aconteciam em sua vida naquele momento.



*“Como ali pra mim era tudo novo, estudando, a casa nova, eu estava gestante... foi difícil. Eu só consegui me empenhar mesmo quando eu tive meu filho. Era muita coisa pra minha cabeça pra eu absorver tudo ao mesmo tempo.” (Suellen, 25 anos).*

Além do próprio acompanhamento escolar, as interlocutoras também descrevem sobre o auxílio que receberam durante o percurso escolar de seus filhos. Elas apontam como era conciliar a rotina de estudos com as responsabilidades maternas, e o apoio institucional que receberam nesse momento.



*“Elas resolviam tudo. ‘Ó, Suellen, saiu a vaga do Josias, em tal lugar... vai começar tal dia!’” (Suellen, 25 anos).*



*“Assim que sai a matrícula, eles falam, né? E aí, eles fizeram a intenção de vaga pra mim, saiu a vaga, eles me falaram, comecei a ir pra escola. A Marina também, logo saiu a vaga dela na creche.” (Vanessa, 25 anos).*



*“Não vou dizer que foi difícil ou foi fácil também. Porque eu tinha ganhado, e ainda tem aquele período de licença, que você fica um período, então o meu menino foi pra creche com quatro meses, então minha companhia começou a ser ele, então ele ia pra creche eu ficava em casa, aí eu tinha que ir, porque eu não queria mandar pra creche. Então isso também não foi fácil, de abrir mão. Às vezes, ele também não se acostumava. Ele chorava, até eu chegar. Se eu não chegar, ele não queria nem comer, só come quando eu chegar. Então ele era um bebezinho já que era também apegado a mim. Que mesmo se você ficasse com ele, ele ia chorar, não ia comer, ele ia esperar eu chegar e comer, então isso começou desde pequeno.” (Bárbara, 23 anos).*



*“A gente recebia a proposta de emprego no Jovem Aprendiz. Quem conseguia o emprego, já ficou a oportunidade de se arrumar o emprego, deixava as coisas do filho arrumadas, da mochila, com o material todo organizado, se possível, tomar o banho, dependendo do horário que você for sair. E colocar no carro que era o Cícero que levava.” (Giulia, 20 anos).*

Mesmo após a saída da instituição, as entrevistadas afirmam que seguiram sendo incentivadas a darem continuidade nos estudos. Suellen afirma que saiu da Casa Vovó Ilza com 18 anos e três meses e que, na época, estava matriculada no primeiro ano do ensino médio. Quando se mudou de endereço, fez a transferência para uma outra escola, permanecendo matriculada por dois anos. Na metade do segundo ano, precisou deixar a escola, especialmente por não conseguir conciliar os estudos com o trabalho.

Adriana e Vanessa também não deram continuidade. Giulia finalizou o ensino médio e Bárbara, atualmente, está cursando o ensino superior.



*“Porque aí eu me mudei pra lá, né? Casada, né? Aí eu fui pra lá e acabei não acabando os estudos.” (Adriana, 36 anos).*



*“A Karina me acompanhou bastante também pra que eu fizesse, pra que eu terminasse, sabe? E aí, saindo também, a Karina sempre me incentivou muito a terminar os estudos. Tanto que o segundo ano, eu cheguei a fazer, saí de lá, fiz e tudo mais. Mas aí depois, por trabalho e diversas outras coisas, porque eu tava trabalhando também, né? E aí eu me acomodei. Então, e aí eu acabei não terminando. Mas é algo que eu pretendo ainda esse ano. Então, eles sempre acompanharam bastante, assim, nesse quesito. Até pra faculdade, tem meninas que já saíram de lá com o ensino médio finalizado. E aí, lá dentro, você é incentivado a guardar um dinheiro, né? Assim que você arruma um trabalho, você tem uma caixinha que você vai guardando. E aí tem meninas que saíram de lá fazendo faculdade, já. Então, eles acompanhavam bastante, sim.” (Vanessa, 25 anos).*



*“Depois disso, eu fui mais promovida, vem mais trabalho. Fui inventar faculdade, tô aqui agora. Mas eu sempre pedi ajuda de Deus. Falei Senhor, esperei muito pra começar a faculdade, agora eu não quero mais esperar. Porque esperar, esperar, esperar, esperar. A gente acaba... eu já trabalho na área, então se eu quero crescer, melhorar de vida, ganhar bem, estar bem comigo mesma, então tem que correr atrás das coisas.” (Bárbara, 23 anos).*

As entrevistadas afirmam que tiveram acesso a cursos profissionalizantes de diferentes áreas do conhecimento. Os cursos geralmente acontecem na sede da Santa Fé – comumente chamada de escritório – localizada no bairro Vila Mariana. Cursos profissionalizantes em outras regiões da cidade também são indicados pela instituição. Dentre os citados pelas interlocutoras, destacam-se: culinária, costura, artesanato, computação, administração e cursos de idiomas (inglês e português).

Suellen finalizou o curso de administração com duração de um ano e meio. Duas vezes por semana participava das aulas durante a noite, e duas vezes da parte prática em uma empresa. Começou a receber salário e como contrapartida para participar do curso, sem que fosse desligada, precisava estar matriculada em uma escola e tirar boas notas. Além do curso de administração, ela também fez computação e culinária.



*“Quando eu tinha o Josias, a única coisa que eu fazia era o mais básico: culinária, essas coisinhas assim, que tinha aqui no escritório. Aí eu cuidei do meu filho e tudo, aí depois de um ano e meio eu consegui fazer meu curso profissionalizante.” (Suellen, 25 anos).*

Bárbara descreve sobre o período em que iniciou a profissionalização no Jovem Aprendiz, destacando os desafios desse momento de transição:



*“Quando ganhei ele, comecei a estudar, só que não trabalhava. Mais pra frente, ele foi crescendo, acho que depois de oito meses, eu comecei a trabalhar. Comecei como Jovem Aprendiz, fiz um ano de curso. Depois, comecei a ir todos os dias, um dia na semana tem o curso que você fica, e aí começou a ser mais difícil, porque tinha a escola, tinha o Bento, tinha o trabalho, agora tinha tudo isso. Aí a rotina vai mudando. Você se acorda mais cedo pra se arrumar, pra arrumar o menino pra escola, e voltar a noite, ir pegar, e à noite arrumar pra mandar pra escola, então a rotina começou a ficar mais difícil. É mais pouco tempo de ficar com ele, sofri nessa transição. Não tava sendo fácil. Mas eu tinha que ir, se não fosse, não tinha quem ia no meu lugar, então eu tinha que ir, e aí eu fui...” (Bárbara, 23 anos).*

As parcerias realizadas pela Casa Vovó Ilza com empresas para o oferecimento de oportunidades de trabalho são destacadas pelas interlocutoras. Bárbara afirma que é comum receberem indicações de vagas para participar de entrevistas. Quando surgem oportunidades através destas parcerias, as adolescentes são incentivadas, recebendo apoio institucional para a preparação. Se precisam de ajuda na elaboração do currículo, podem pedir aos profissionais da casa.

Quando Bento foi matriculado em uma creche, Bárbara estava com dezesseis anos de idade. Foi nesse momento em que iniciou a procura por um emprego. Ela sugere ter se sentido bastante insegura para participar de um processo seletivo, recebendo encorajamento especialmente de sua tutora. Adriana e Giulia também destacam o papel de apoio institucional ao longo do processo de inserção profissional.

*“Eu já tinha 16, preparando já pra sair e tal. Era uma necessidade de emprego. Foi onde eu fui fazer a entrevista. [...] Apareceu: ah, vamos fazer uma entrevista... eu falei, ah, eu não vou. Não vão me pegar mesmo, essa estrangeira, de fora, ainda tem uma criança pequena... eu não vou. A minha madrinha ouviu eu, a minha tutora ouviu isso e ficou brava, falou não... você vai sim! Você vai colocar aquela roupa, vai passar um batom e você vai. Aí eu falei, vou como, gente? Você*



*acha que vão me pegar? Não, não vou! E ela falou: você vai, não se baixa desse jeito, você vai. E eu me arrumei e fui, fomos em umas três, e aí entrevistaram a gente e falaram... a gente vai entrar em contato. [...] Esse emprego que eu tô, eu tô no mesmo emprego até hoje.” (Bárbara, 23 anos).*



*“Entender a questão de trabalho, como se comportar no emprego, sabe? Nas entrevistas, como ir na entrevista. Não é se vestir de qualquer jeito. Essas são orientações, assim. [...] como se comportar numa entrevista, quando a gente ia trabalhar, a gente passava por alguma situação no trabalho, quando a gente ia falar, eles explicavam como que é trabalhar, como que é ser adulto, às vezes a gente não sabe o que é ser adulto ainda, adolescente vai saber como é ser adulto? Depois passando o tempo, pulamos a fase da adolescência querendo já virar adulto, então era isso.” (Adriana, 36 anos).*



*“Na época em que eu tava, quando eles falavam muito a questão de ter independência, elas falavam que você tem que ter o que é seu, tem que ganhar o que é seu. A Rita ela tocava muito nesse assunto, de você trabalhar, de você criar o que você quer dizer. Isso aqui eu comprei com o meu dinheiro [...] Eles falavam que tinha que fazer, procurar trabalho, emprego. O educador orientava, tipo, vai se arrumar, o ambiente de trabalho, formal. [...] Conversas coletivas. A gente tava lá, tomando sol. E alguém tava no assunto de trabalho. Se chegava uma vaga, a educadora orientava. Às vezes ia pra entrevista, vinha pra cá pegar roupa.” (Giulia, 20 anos).*

Bárbara iniciou como Jovem Aprendiz na área comercial. Posteriormente, foi promovida como assistente e, recentemente, recebeu uma nova promoção, atuando atualmente no cargo de analista. Suellen pontua que durante o período em que permaneceu na Casa Vovó Ilza, sempre recebeu incentivo para que desse continuidade aos estudos e à profissionalização.

Atualmente, Suellen exerce a ocupação de cuidadora – profissão ao qual afirma ser apaixonada. Quando recebeu o convite para que atuasse como cuidadora de uma pessoa da equipe institucional da Casa Vovó Ilza, foi em Suellen que pensaram:



*“Na sexta ela falou, tá vindo, filha? Eu cuidava de você, agora você tá cuidando de mim.” (Suellen, 25 anos).*

Giulia foi contratada para trabalhar como consultora de vendas em uma empresa. Ela afirma ter conseguido a vaga após a saída da Casa Vovó Ilza, mas constantemente destacou os aprendizados e incentivos que recebeu.

Adriana, atualmente, trabalha como diarista em duas casas:



*“A pessoa do meu trabalho era a voluntária do abrigo. Então eu arru-me-i emprego através dela, do abrigo através dela, entendeu? Então até hoje eu trabalho com ela. Há muito tempo eu trabalho com ela. Ela era voluntária da Vovó Ilza, ela fazia dança com a gente.” (Adriana, 36 anos).*

As interlocutoras enfatizam, especialmente, as parcerias estabelecidas pela instituição e as instruções voltadas à formação profissional. Bárbara e Giulia destacam:



*“Eu acho que essa questão da casa trazer oportunidades é uma porta. Eu acho que isso é fácil, também, facilita? É uma facilidade. A sociedade hoje em dia, se você não tem ninguém que te dá um conselho. É mais fácil. Aí eu vou lá, sozinha, vou pedir, não vão me dar. Entendeu? Então eu acho que essa questão de trazer essa oportunidade, trazer essas propostas de emprego, ajuda muito, facilita.” (Bárbara, 23 anos).*



*“Na Santa Fé, eu fiquei cinco anos. Minha adolescência inteira ali. Eu fiquei feliz por sair da Santa Fé, mas depois eu vi que tudo que eles me ensinaram, eu levei pra frente, não deixei pra trás. Financeiramente, guardar dinheiro, cuidar da Luna, quando ela tiver febre, levar pra um médico, ter a carteira de vacina dela sempre.” (Giulia, 20 anos).*

Quanto à trajetória escolar e profissionalização, as interlocutoras ressaltam as atividades de acompanhamento do cotidiano escolar de seus filhos. O apoio institucional tem destaque em seus depoimentos especialmente quando era preciso conciliar as responsabilidades escolares com as exigências da maternidade. Nessas situações, há a abertura de um espaço para demarcar a importância dos estudos e da responsabilidade no acompanhamento escolar de seus filhos. Mesmo após o desacolhimento da instituição, ainda são mantidos os vínculos com profissionais de referência, que seguem oferecendo conselhos e incentivos à continuidade dos estudos.

No campo da profissionalização, as participantes da pesquisa enfatizam o encorajamento e preparação para entrevistas de emprego, os cursos oferecidos pela instituição e, principalmente, as parcerias intersetoriais que ampliam as possibilidades e oportunidades oferecidas. As redes de apoio e vínculos formados na Santa Fé também se mostraram como caminhos por onde as jovens tiveram suas inserções profissionais ou indicações, como o caso de Adriana e de Suellen, que conseguiram empregos a partir das conexões estabelecidas na Santa Fé.

# Preparação Gradativa e Pós-Acompanhamento

Ao iniciarem uma atividade laboral, é comum que jovens em situação de acolhimento institucional sejam incentivados a manter uma reserva financeira em uma conta bancária, como parte da preparação para o desacolhimento aos 18 anos. As orientações sobre organização e planejamento financeiro, assim, fazem parte do cotidiano institucional na Casa Vovó Ilza, como exemplificado pelas entrevistadas:



*“Elas abriam uma conta com a gente. Vinha pra essa conta. Uma conta, quando você tiver essa conta, você guarda esse dinheiro na sua conta. E aí até hoje eu tenho a minha conta. Não uso muito, mas eu tenho a conta até hoje.” (Adriana, 36 anos).*



*“Como eu sou sozinha, então as tias sempre conversavam muito comigo: Suellen, você é sozinha... então guarda o dinheiro. Porque a gente ganha o dinheiro e a gente quer comprar um monte de coisa, né? Então eu guardava e eu guardava porque eu recebia o Vale-Alimentação, então não tinha por quê. Aí a tia falava assim pra mim: só se for pra comprar uma roupa, alguma coisa assim, sabe? Então a tia falava: Suellen, você vai precisar, você vai mobiliar sua casa, você tem que pagar aluguel... sempre falando! Nos primeiros meses, eu nem ligava, falei: ah, tô nem aí, o dinheiro é meu mesmo. Comprava roupa, um monte de coisa. Aí depois a tia conversou comigo e falou vamos guardar o cartão? E eu só fiquei com o vale alimentação.” (Suellen, 25 anos).*



*“Eu nunca fui muito de gastar. Porque quando eu entrei, eu sei que eu tenho um prazo que eu tenho que sair daqui. Ah, porque quando você fizer os teus 18 anos, você vai sair, porque vai ter pessoas que vai querer ficar nesse lugar que você tá, você vai ter que liberar pra vir outras pessoas, então você não acha que você ficar lá pro resto da vida. Então no momento que eu entrei, o que eu tenho? Eu tenho o meu filho que eu vou ter. E quando isso acabar, vai ser eu e ele, então, o que eu tenho que fazer? Guardar, porque se hoje eu não tiver, não vou voltar aqui, ou eles pegam meu filho, não sei, porque vão achar que eu não tô conseguindo tomar conta, e se eu não tô conseguindo tomar conta de mim, imagina do menino, então, eu sempre tive isso na cabeça, de guardar. Então eu sempre guardei, eles também sempre falavam.” (Bárbara, 23 anos).*



*“Minha organização financeira foi a parte que mais me pegou. Porque eu sou muito gastona. Muito, sempre fui muito gastona. E aí, a única coisa que eles falavam era, você vai receber, guarda a metade, usa a metade. Só que, no primeiro mês, eu não fiz. No segundo mês, era aniversário da minha filha, não fiz. No terceiro mês, a Melissa falou assim, olha, como você não guardou os outros meses, esse mês você vai ter que guardar o salário inteiro. Eu falei, não, não vou guardar, preciso comprar as minhas coisas. Então, pra mim, guardar dinheiro era uó, que eu gosto muito de gastar. Aí, o tempo foi passando, porque, na verdade, assim, me pegou meio que de supetão, a minha saída de lá. E no começo, eu não tinha entendido, mas depois eu entendi. É, eu não tinha me organizado perfeitamente pra ir embora. Eu tinha um salário e meio guardado, eu acho.” (Vanessa, 25 anos).*

Ao relatarem sobre o período de transição, as entrevistadas descrevem sobre seus processos, enfatizando a presença das profissionais durante esse momento.

*“Tem pessoas que acompanharam todo o processo de saída, mas são pessoas que já tinham um norteamto maior do que ia fazer. Tem relato lá que as meninas iam usando ela de exemplo. De uma moça que entrou, ela tinha uma dificuldade intelectual, e aí ela arrumou um trabalho e era muito focada em guardar o dinheiro pra ter a casa dela. E ela conseguiu juntar quase 25 mil reais. Saiu de lá com um bom valor, sabe? Mas não foi o meu caso. Como disse,*



*eu era muito gastona. Se eu não saísse de lá no supetão, talvez não desse certo. Mas esse processo de desacolhimento... A Karina acompanhou tudo. A parte de ficar com a minha irmã. Depois eu fui morar sozinha. Mas esse processo de desacolhimento só foi dessa forma por consequência das minhas atitudes. Se eu tivesse guardado um pouco mais de dinheiro, tivesse pensado um pouquinho melhor, teria sido um pouco mais confortável. Mas não foi de todo ruim, não.” (Vanessa, 25 anos).*



*“Fizeram chá de casa nova, me deram presente, me deram um monte de coisa, a casa foi tudo eles. Das tias. Eu ganhei pano de prato, ganhei copo, ganhei um monte de coisa. E o dinheiro que eu também tinha, eu também comprava umas coisinhas, né?” (Suellen, 25 anos).*



*“A minha tutora me acompanhou nesse processo de saída. Fomos procurar casa. Aí tinha aquilo, vou sair, não tenho parente, não tenho ninguém, quem seria a referência? Eu falei, não, não vou longe. Quero morar perto da minha tutora. Ela vai ser uma referência para mim, porque até eu me acostumar, fazer amizade, leva tempo. Eu quero estar perto da minha tutora. Aí a gente preparou uma casa pequena, pertinho do bairro dela, aí eu me mudei pra lá.” (Bárbara, 23 anos).*



*“Eu fui procurando, fui procurando. Aí tinha uma coisa ou outra que eu não tinha, eu pedia pras tias e as tias arrumavam. Aí eu pegava a perua e pegava aqui as coisas, tipo colchão, não tinha. Às vezes aqui tinha um monte de colchão, não tinha, dava.” (Adriana, 36 anos).*

Bárbara deixou a Casa Vovó Ilza no mesmo mês em que completou 18 anos. Na época, ela estava trabalhando na área comercial há um ano, recebendo apoio da empresa:



*“Falei, então, eu moro no abrigo, tá dando os meus dezoito anos, eu tenho que sair do abrigo, e a empresa me ajudou também, com as coisas. Na parte das finanças, eu sei que o dinheiro que eu tinha guardado era bem suficiente.” (Bárbara, 23 anos).*

Um dos desafios mencionados pelas entrevistadas está associado ao cotidiano de cuidado com os filhos e às responsabilidades diárias. Na Casa Vovó Ilza, elas recebem todo o apoio da equipe técnica para exercer essas tarefas. Após o desacolhimento, no entanto, essa rede não seria mais constante, motivo que causava certa insegurança.



*“Nervosa, né? Super nervosa. Na parte de saída, eu me senti preparada sim. Eu sabia que tava tudo certo, e a minha preocupação, foi deixando de lado. Era mais ansiedade, de saber agora que não vai ser a mesma coisa daqui pra frente. Não vai ter mais aquela pessoa pra fazer comidinha pra você... sabe? Não tem a pessoa pra buscar seu filho, não tem aquela pessoa se você passar do sono, que vai levar o seu filho pra creche. A preocupação era mais cuidado com você mesma e a criança, na prática, você sozinha, atuar sozinha.” (Bárbara, 23 anos).*



*“Porque a saída dali era o grande terror de todas as meninas. Meu Deus, como é que vai ser? E era, de fato. Porque todo o suporte que você tem ali dentro, você perder de uma hora pra outra, você não ter uma rede de apoio. Você não ter uma rede de apoio. Você não saber que rumo você vai tomar é muito assustador. Porque eu saí disso e eu teria que voltar pra isso. Eu saí de caminhar pelas minhas pernas e agora eu teria que caminhar pelas minhas pernas. [...] Porque tudo que é bom demais, você não quer largar. E era muito bom. Esse amparo. Ter alguém que cuidasse da minha filha pra eu poder trabalhar, pra eu poder estudar. Que levasse minha filha numa consulta. Eu não precisava me preocupar em pagar alguém, em pagar uma perua. Só que aqui fora não seria assim. E aí eu ia me acostumar com uma coisa que eu não ia ter. Que isso ia ficar pouco tempo comigo.” (Vanessa, 25 anos).*



*“Mas eu não queria cuidar dela depois, sem ajuda dos educadores. Porque eles ajudavam bastante a gente, eles não ficavam, aí se vira com a criança. A Rita, ela sempre me aconselhou, tipo: você tá pronta? Você tem que saber o que você quer. A gente vai te ajudar. A Rita foi a que mais me aconselhou.” (Giulia, 20 anos).*

Tanto no caso de Vanessa quanto no de Giulia, a saída da instituição foi acompanhada por um processo de reinserção e fortalecimento familiar. Vanessa, com a irmã mais velha, que passou a visitá-la com frequência e Giulia, com a mãe.



*“Então, a minha saída, nesse processo de saída, a minha irmã apareceu mais ou menos uns dois meses antes de eu sair. Começou a me visitar regularmente no fim de semana. E aí ela combinou com eles essa saída minha pra eu ir morar com ela. Ela tinha um ano de diferença de mim. Eu tava trabalhando, tinha um valorzinho guardado. Ela tinha uma casa recém-alugada. Então eu fui morar com ela. Não fiquei muito tempo com ela. Já tinha alugado uma casa pra mim. Assim que eu fui morar com ela, eu fui caçar casa pra mim. E aí eu fui morar sozinha, tudo certinho.” (Vanessa, 25 anos).*



*“Eu saí da Santa Fé com 17 anos. Então eu não tive aquela coisa... não tenho família, e por isso preciso de um emprego. Mas eu tive orientação de conseguir um emprego. Mas eu não entrei nessa coisa, tipo, você precisa ir pra casa, eu preciso ir pra casa. Eu falo, eu não só preciso. Eu não entrei nessa pressão, assim.” (Giulia, 20 anos).*

Giulia segue morando com a mãe, Flávia, que a auxilia em atividades como levar a neta para a creche. Ao longo do período em que Giulia esteve acolhida, a Santa Fé ofereceu suporte para Flávia, para que houvesse a reinserção familiar.



*“A minha mãe, na época, ofereceram pra ela receber apoio psicológico. Na época, porque a minha mãe ela estava muito abatida. E a minha mãe, ela bebia. Ela bebia bastante. E eu levei isso pra gerente. E a gerente começou a falar com a minha mãe, falou, se você quer que a sua filha saia com você, você vai ter que ter esse processo de adaptação. O que tá acontecendo? Você quer? A gente pode recomendar pra apoio psicológico.” (Giulia, 20 anos).*

Um dos objetivos da Santa Fé está relacionado a oferecer suporte para que as jovens possam sair da Casa Vovó Ilza acompanhadas de seus filhos. As interlocutoras relatam que, durante o processo de transição institucional, é comum o receio diante da possibilidade de perda da guarda dos filhos. Isso ocorre, sobretudo,

diante de desafios e incertezas financeiras. Ainda, cabe considerar que a saída da instituição coincide com um período de transição ao mercado de trabalho, como demonstram os depoimentos.



*“A partir do momento que eu não trabalhava, onde entrou a minha insegurança. Porque já tava batendo os meus dezoito anos, e eu ainda não trabalhava. Acho que eu comecei a trabalhar, faltava sete meses pra eu completar os dezoito anos. Então o meu emprego foi recente. Não era aquele salário-mínimo, então você botava na cabeça, se eu gastar 1 real, vai faltar 1 real. Então, eu preciso guardar tudo que eu ganhar, então devo guardar tudo que eu recebo, e saber como vou viver lá fora, também, né? Por isso que minha tutora procurou uma casa que daria nas contas que a gente fez, quanto que eu poderia gastar, quanto que poderia sobrar pra mim.” (Bárbara, 23 anos).*



*“Foi muito desafiador, porque quando eu estava prestes a sair do abrigo, parece que estava tudo dando errado pra mim. Era um medo ao mesmo tempo, sabe? Eu não vou conseguir sair daqui com o meu filho. O meu filho vai ficar no abrigo... E aí quando eu tive uma audiência, o juiz falou assim: Suellen, pra você sair daqui, você vai ter que arranjar um outro serviço, porque esse serviço não dá pra sustentar nem você, nem seu filho. Ah, pronto! Eu já tava com a minha casa alugada, mobiliada. [...] Eu fiquei muito mal, eu chorava muito. Eu falei: Tia, eu tô com a minha casa alugada, por que eles não me liberam? Eu só quero ir embora.” (Suellen, 25 anos).*

As audiências para avaliação da situação das adolescentes são realizadas de maneira periódica. Bárbara e Suellen destacam os desafios vivenciados naquele período e como buscaram soluções para as situações em que se encontravam.



*“Tava trabalhando no correio, no Jovem Aprendiz. Quando eu tive essa audiência, falaram pra mim: aí eu olhei pra tia, comecei a chorar, e falei assim: e agora? Não é fácil arranjar um serviço assim! Eu já tava com 18, já! Quando bate 18 anos, bate um desespero... e agora? O que eu vou fazer? Aí eu acordei no outro dia. O [trabalho] do Correio já estava acabando. Falei: Tia, vou entregar currículo. Aí eu fui na padaria, e conversei com o gerente. Falei: ó, eu tô trabalhando, mas eu preciso de outro serviço, porque sou do Jovem Aprendiz. Falei tudo. Ele disse: Você pode começar amanhã. Eu falei: Mentira! Aí eu saí de onde eu estava trabalhando, e fui trabalhar na padaria.” (Suellen, 25 anos).*

*“Tinha medo. Falava: gente, eu que tive meu filho, aí vai vir um desconhecido pegar meu filho? Tinha processos acontecendo na casa? Tinha processos acontecendo. De você vendo alguns que vão perder a guarda, por conta disso, de outros motivos. Isso mexia comigo? Mexia sim, emocionalmente, mexia muito comigo. Mas, a partir do momento que eu comecei a trabalhar, comecei a guardar, mesmo trabalhando, sempre tive medo, porque eu não sei o que o Juiz tá vendo, qual vai ser o relatório. Porque tudo o que a gente fazia, levavam pro Juiz. Eu não sei se era ameaça, era assim que eles falavam. Eles deixavam bem claro: se você não está trabalhando, não está estudando, não está fazendo nada da vida, aí sim o juiz vai pegar o seu filho. Eles deixavam bem claro. Acho que depois de uns dez meses, tava tendo audiência a cada seis meses. Teve sempre as audiências ali no caso. Mais pra saber, como vocês estão nessa questão. [...] Falei com meu chefe, se vocês puderem me dar esse suporte, a minha empresa me deu esse suporte sim, aumentou meu VR [Vale Refeição], aumentaram no meu salário de Jovem Aprendiz, uma coisa que é raro de acontecer, né? No Brasil. Aumentaram em 200 reais o meu salário. Pronto.” (Bárbara, 23 anos).*



*“Perder a guarda dela, nunca passou pela minha cabeça. Eu era muito confiante. Eu tive um acompanhamento de seis meses com o Juiz. Eu tive o apoio. De seis meses, de perguntar se estava tudo bem, eu esperei passar os seis meses para eu viajar com ela, e viajei depois dos seis meses, porque eu queria dar a explicação.” (Giulia, 20 anos).*



Quando conseguiu um novo trabalho, conforme solicitado em audiência, a equipe da Casa Vovó Ilza enviou um relatório atualizado ao juiz, explicando a situação de Suellen e solicitando uma nova audiência para reavaliação. Após dois meses de espera, ela foi pessoalmente ao Fórum de São Paulo em busca de um retorno.

Para Suellen, esse foi um período particularmente difícil, marcado pelo medo de não conseguir manter a guarda de Josias. Em seus depoimentos, Bárbara e Suellen refletem sobre os critérios considerados pelo judiciário ao tomarem as decisões.



*“Eu entendo que é o cuidado deles! A menina não tem ninguém. É uma criança, né? Então, você tá indo embora, então não é tipo... vai embora. Eles deixam você sair com tudo organizado. Principalmente com seu filho. Nossa, eu sonhava, eu sonhava que eu não ia embora com o Josias. Eu ficava doida. Eu falava: Tia, eu só vou embora com o meu filho. Meu filho entrou na minha barriga, meu filho só vai sair nos meus braços.” (Suellen, 25 anos).*



*“Por que o que o Juiz vai pensar? Se você não está segura aqui, imagina lá fora? O esforço que você não fez aqui, não vai fazer lá fora. Então a gente procura fazer, procura pelo menos estudar, trabalhar, fazer alguma coisa. Porque quando o Juiz ver, a gente vai saber defender. Ele não vai querer colocar uma criança pra sofrer na rua, né? Até comecei a entender essas questões. Eu falava, mesmo assim, não interessa, mãe é mãe. Até você entender essas questões, leva tempo. Até começar a pensar, se eu tô estudando, trabalhando, então tá ótimo. Ele vai saber que eu sou capaz de tomar conta lá fora.” (Bárbara, 23 anos).*

Suellen destaca o incentivo recebido durante esse momento, considerando o apoio da instituição para manter a guarda do filho como uma experiência bastante significativa.



*“Sempre me incentivando a nunca deixar eu cair. Suellen, trabalha. Suellen, estuda. E o meu filho, sempre impecável. Impecável que eu digo, bem limpinho, porque tudo isso conta. Tudo isso conta. Vai pra creche, a mochila da creche tem que estar tudo direitinho. Tudo isso conta. E eles me ajudaram muito. Que eu era muito cabeça dura, viu? Nossa! Eu não escutava elas. E até hoje, viu? De vez em quando, a tia fala... Suellen, Suellen... [...] O que mais me marcou foi eles terem me ajudado a sair com o meu filho. Porque eu era muito cabeça dura. Eu era sozinha, então, se eu não lutasse, eu não ia sair com o meu filho. E Deus me livre o meu filho ficar no abrigo.” (Suellen, 25 anos).*

As participantes observam que, os casos em que ocorria a perda da guarda normalmente estavam relacionados ao uso de substâncias e violação de direitos dos filhos.



*“O Vovó Ilza, ele forneceu muitas alternativas, mas as meninas geralmente estavam envolvidas com droga ou batiam demais nas crianças. Porque assim, a gente teve lá muitas meninas infelizmente, que estavam tão inseridas na vida que elas tinham aqui fora, elas não enxergavam outra opção, não enxergavam outra alternativa. Elas queriam aquilo, queriam aquilo e nenhuma outra opção era boa o suficiente. Então, elas no momento que iam pra escola, usavam muita droga, chegaram em casa e batiam muito na criança, às vezes pela criação que tinha tido.” (Vanessa, 25 anos).*



*“Eu tive receio. Porque eu via que tinha meninas que saía do abrigo e que perdia o filho pra justiça, ou que perdia o filho pro pai. Ou que perdia o filho pra não sei quem. Ou porque não queria levar, porque não tinha condições. Ou que não tinha paciência, ia pra adoção. Ou que abandonava e simplesmente ia embora. Eu falava, porra, não. Minha mãe me abandonou e eu vou abandonar meu filho aqui? Estou vendo um monte de gente abandonando seus filhos. Eu não vou abandonar meu filho aqui, porra. Não vou, de jeito nenhum. Eu vou ter que trabalhar, me ralar, nem que eu passo dificuldade, mas eu vou ralar. Aí eu fui me relacionei com um cara que... Ele falou assim, ah, vamos casar. Que aí você leva seu filho na boa, não vai ter dificuldade. Foi por isso que eu saí mais confiante. Porque eu casei com esse cara. Mas também foi uma coisa meio que... Não foi bom pra mim. Porque não deu certo o casamento. Depois eu tive que morar sozinha.” (Adriana, 36 anos).*



*“Outras meninas tinham família, então era um pouco mais fácil, entre aspas. E já aconteceu de... teve algumas que não aguentaram o processo, que foram embora e deixaram o neném. E isso, pras tias, é péssimo, né? Porque as tias, elas deixam os filhos delas também na casa delas. Elas deixam a família delas, pra tentar ajudar a gente. E quando uma menina vai embora, e deixa o seu filho, dói. Dói bastante. Mas já aconteceu.” (Suellen, 25 anos).*

Durante o processo de transição institucional, um outro elemento de destaque é o reconhecimento da equipe de profissionais em sua atuação ao incentivo e encorajamento das jovens em atividades autônomas, apoio que contribui para o fortalecimento da autoconfiança, valorização e sensação de segurança.



*“Eu aprendi que eu não preciso de ninguém pra conseguir as minhas coisas. É eu e eu. E as tias, elas sempre conversavam com a gente, sabe? Vai atrás, corre atrás! [...] Na Vovó Ilza, pra mim, ali, eu só era uma menina, e eles mostraram que eu sou um ser humano também. As tias choravam comigo. Quando eu tava mal. As tias falavam: você consegue! Você consegue! [...] O Josias me ensinou a ser mulher, a ser mãe, a nunca desistir. Eu ficava pensando: a minha mãe largou a gente tudinho, e eu não consigo largar meu filho. Então eu falo que o Josias foi a minha salvação. E quando o Josias crescer, ele vai saber de tudo isso, e eu vou ter o prazer de contar tudo isso. Não foi de uma forma boa, mas eu tenho o meu filho.” (Suellen, 25 anos).*



*“Até chegou o momento que falaram: Vamos correr com alguns benefícios pra Bárbara? – Não, ela não precisa! Então elas sabiam das pessoas que eles prepararam lá dentro de casa: Ela não precisa disso, a gente acredita que ela dá conta de tudo isso. É aí onde você sentia. Por que que eles têm tanta certeza de que você consegue? É isso que eu falei... às vezes a gente vê que as pessoas não tão vendo o que a gente tá fazendo, às vezes a gente só fica olhando o lado negativo. Acredito que eles viam o esforço que eu fazia lá, que eles acreditaram que eu não ia voltar pra pedir ajuda financeira. Ela não precisa dessa ajuda financeira, ela tá muito bem, tá saindo muito bem, então ela pode ir pra frente, pode ir. [...] Eles me prepararam, pra eu estar pronta lá fora. Eles me deram essa segurança, se eu tivesse fora, como eu poderia me defender lá fora, ou com o meu filho, com alguma situação grave na rua. Então, acho que nesse ponto de vista de aceitar aquilo que eu tenho e me colocar em primeiro lugar. Primeiro, eu estar bem.” (Bárbara, 23 anos).*

*“Eu acho que autonomia é, ao mesmo tempo, ter responsabilidade. Porque eu aprendi a ser responsável lá dentro, porque senão eu não ia ter responsabilidade, não. Eu aprendi lá. Questão de ter um trabalho, de ter o que é seu. De você se cuidar. Autoestima. Elas falavam*

*que antes de você ser mãe, a gente tinha que se cuidar. Elas estimulavam as meninas a se cuidar, todas elas. Elas falavam, se arruma, arruma seu cabelo, eu vou te ajudar a fazer os seus cabelos, fazer seus cachinhos. [...] Eu acho que o ponto mais forte da Santa Fé na época em que eu tava lá dentro, eram os educadores, mostraram força, que eles realmente estavam ali pra ajudar. Eu nunca vi que eles estavam ali só por um trabalho. Tinha força de vontade, porque eles queriam fazer, eles queriam transformar. Queriam que ela soubesse o que ela iria fazer quando ela saísse, independente da idade. Eu acho muito importante o trabalho deles.” (Giulia, 20 anos).*



Bárbara e Suellen refletem sobre como foi, para elas, a adaptação após a saída da Casa Vovó Ilza, sem a presença constante de uma ampla rede de cuidados. Elas afirmam que sentiam falta de compartilhar as demandas relacionadas à parentalidade. Apesar das dificuldades abordadas, Suellen enfatiza o apoio que continuou e continua a receber da instituição, mesmo sete anos após a sua saída.

*“Eu não tenho mais aquele apoio que eu tinha antes. Eu tinha aquela pessoa que poderia ficar com o meu filho, pra eu ir procurar emprego. A Santa Fé ajuda nesse caso. Porque foi a pessoa que ficou com o meu filho pra eu poder procurar emprego. Vou ir estudar porque tem uma pessoa pra ficar com o meu filho. Por que que eu comecei a faculdade agora? Terminei a escola, tinha que ir pra faculdade... não fui por quê? Porque não tinha mais esse suporte. Eu tinha que me estabilizar muito bem, sentar, me concentrar, me organizar, como eu vou fazer, pra começar a fazer uma faculdade.” (Bárbara, 25 anos).*



*“Quando eu tive meu segundo filho, eu fiquei perdida. Falava: Nossa! Porque do Josias, eu tinha tanta gente... e agora não tenho ninguém. Então eu ligava pra elas, mesmo da minha casa, sabia? – O Caio não quer mamar, o que eu faço? Mas eu consegui, porque mesmo fora do abrigo, elas me ajudavam. Que nem, exemplo: Eu tô muito mal hoje, eu vou ligar pra elas pra conversar. Então elas são a minha referência. Santa Fé é a minha referência. E as vezes eles até brigam comigo, porque eles falam: Suellen, você está passando por uma situação, em vez de você pedir ajuda... a bomba tá ali, não, você deixa criar mais bomba. E aí quando eu venho aqui, eu explodo, porque eu tentei tudo sozinha. Aí eu explodo. Aí elas chamam bastante*



*minha atenção por conta disso. É porque eu sou muito cabeça dura, então ao invés de falar na hora, eu fico contorcendo por dentro sozinha, por isso eu fico mal. Por isso a tia vai arrumar psicólogo de novo.” (Suellen, 25 anos).*

Os depoimentos sugerem que o pós-acompanhamento continuou sendo realizado pela equipe multidisciplinar, demonstrando como ocorre essa continuidade após o desacolhimento das jovens. Além disso, enfatizam que os vínculos construídos com as educadoras permanecem significativos, atuando como rede de apoio em momentos necessários. Como relatado, em momentos específicos, diante de desafios emocionais, situações de violência e risco ou desafios com os filhos, há a instrução para o retorno à Casa Vovó Ilza em busca de acolhimento e orientação.



*“Ela falou pra mim: Su, você precisa voltar, e eu sei que eu preciso voltar. Eu vim aqui [sede da Santa Fé] semana retrasada e eu tava péssima. Porque eu me separei recente, tive que trocar de serviço, tive que trocar de casa, e os meus filhos se adaptarem, pra você absorver tudo sozinha, não é fácil. Mas eu falo pra mim, eu passei por coisa pior. Mas não dá, cada coisinha, é um sentimento, né? [...] O meu problema é que eu não quero ficar assim, toda hora, incomodando. E elas falam assim: você não incomoda, só que a minha vida agora é lá fora. E elas falam assim, não é assim, você tem a gente. Só que assim, lá atrás, eu era uma menina, agora eu sou uma mulher, porque que eu tenho que ficar correndo, atrás entende? Aí a tia diz ‘Su, pelo amor de Deus’. [...] Hoje em dia, com a minha separação, é tudo mais difícil. A gente não tem um apoio, de uma mãe, de uma tia, de alguém assim, sabe? Sanguínea, é muito mais difícil. Por isso que eu sou assim, eu guardo muito.” (Suellen, 25 anos).*



*“No sentido de você ficar sozinha, quando você precisa de alguém, e naquele momento você não tem a pessoa que você queria que estivesse do seu lado no momento que você está passando por uma dificuldade maior. [...] Eu lembro do momento em que eu perdi a minha mãe, eu queria a minha tutora lá. Quem veio foi a mãe dela. Eu perdi minha mãe depois que eu saí da casa. Eu queria um assistente por parte deles, então eu tive assistência da minha tutora, e da família dela, então, praticamente, eu me tornei realmente da família dela. Eu falo até hoje que a gente tem vínculo.” (Bárbara, 23 anos).*

*“Então, eu casei com ele, fiquei um ano e oito meses e separei. Porque ele me traiu, depois veio com violência, me agredindo, aí eu vim aqui no abrigo pedir ajuda. Eles me ajudavam, falavam pra mim ir na delegacia. Aí tentavam fazer o cadastro pra mim ganhar o Bolsa Família, mas eu era registrada, aí não dava. [...] Quando o filho começou a fazer psicólogo, tava dando trabalho na escola, elas me ajudaram. Tô com dificuldade com o meu filho com alguma coisa, elas orienta. Tia, tô com dificuldade de fazer tal coisa. Vem aqui pra gente conversar, pra gente fazer juntas. Então assim, não é adeus, tchau. É nós tá aqui. Se tem dificuldade de ler alguma coisa, vem aqui que a gente vai ler com você. Então é isso.” (Adriana, 36 anos).*



Diante de dificuldades materiais, as jovens também sabiam que poderiam contar com o apoio da instituição, que oferece cestas básicas, entre outros auxílios, para ajudar no percurso de construção de autonomia financeira, assim como na segurança alimentar.

*“Uma vez por mês, a gente vem buscar a cesta [básica] aqui. Eles fornecem pra gente. Ai, tia... tô precisando de um leite, então aqui eu consigo. Eu consigo tudo, né. Graças a Deus. Ai, tia, tô precisando de um arroz, de um feijão. Sempre era elas que procuravam, tipo assim: Suellen, tá tudo bem? Ó, Su, você tem que buscar a cesta tal dia. Então eu vinha no escritório para retirar a minha cesta. Uma vez por mês. Então eu sempre tive esse acompanhamento... pra você ter noção, eu tenho 25 anos e eu ainda tenho.” (Suellen, 25 anos).*



*“Ouvi muitos relatos das meninas que saíam, que ia lá, por exemplo, de forma mensal, pegar uma cesta básica, de forma mensal, pedir um auxílio, se tinha caído novamente com um entorpecente, ou em relação às crianças, ou em relação às vezes à vaga de crédito, que não conseguia, e recorria à casa e a casa ajudava. Então, eu sei que, mesmo depois do desacolhimento, eles ajudaram muitas meninas, muitas. Eu nunca fui lá pra pedir diretamente. Mas eu sei que eles ajudaram muitas meninas, porque conhecidas minhas iam lá mensal pegar cesta básica, sabe? Vaga de creche. Então, eu sabia que se eu precisasse de algum momento que a situação apertasse muito ali, eu podia contar com eles, que eles me ajudariam, assim.” (Vanessa, 25 anos).*



*“Quando eu casei também, eles organizou tudo. O meu casamento, tanto a roupa com gente que doou, quanto o lugar que eu me arrumei, junto com pessoas que colaborou, que ajudou, doou. Eu sabia que se eu ficar desempregada e me faltar alguma coisa, eu sei que eu posso vir aqui pedir socorro, que eles vão me socorrer. Hoje, graças a Deus, eu trabalho e eu ganho o suficiente pra mim poder me sustentar e não precisar de cesta, nem de Bolsa Família, nem de um benefício. Mas assim, quando eu não tinha, era aqui que eu batia, todo mês. Falo, tia, acabou minha cesta. Vem, filha, buscar. Tia, não tenho dinheiro da condução. Vem buscar. Ai, tia, não tenho dinheiro de condução pra chegar aí, tia. Pega dinheiro emprestado com alguém, chega aqui você pega e devolve o dinheiro quando voltar. Era assim. [...] Entendeu? Aqui teve uma vez que eu não conseguia consulta de jeito nenhum no ginecologista, e aí tinha uma moça que é de uma clínica particular que ela se doava um horário dela pra instituição. Tava difícil arrumar consulta no posto. Aí quando eu passei dificuldade de comida porque eu recebi o dinheiro, eu fazia o que? Pagava uma pessoa pra ajudar a cuidar dele. Pagava perua. Pagava o aluguel. Pagava o que comer. E sobrava o que? Nada. Nada, nada, nada, nada, nada. Acabou o meu dinheiro. Chegava no final do mês e não tinha nada na minha geladeira, no meu fogão. Aí eu falava, não, mano. Aí eu chegava na Santa Fé aqui no escritório, né. Falava, tia, tô passando dificuldade... não tô tendo nada. Aí as tias que me davam cesta básica. Arrumava roupa. Arrumava bilhete único. Botava dinheiro no meu bilhete único. Então eu fiquei um bom tempo, eles mandavam cesta básica, me ajudando, pra mim ficar firme. Aí depois que eu comecei mesmo a pegar trampo, que eu comecei a ficar fixo no serviço, que eu comecei a fixar. Ficar bom no que eu faço e não faltar emprego e nem dinheiro. Aí eu falei, pô, não preciso mais da cesta. Aí eu parei de pegar cesta. Parei de pedir do meu bilhete, sabe. Foi bom.” (Adriana, 36 anos).*



As interlocutoras descrevem em seus relatos sobre o tempo em que permaneceram na casa, os vínculos que criaram e a saudade da convivência. Além de manter contato com as profissionais, muitas das quais visitam e recebem visitas com frequência, as amigas do período de acolhimento também se mantiveram.

Suellen afirma que ainda visita a Santa Fé em ocasiões e eventos especiais, como o Dia das Mães, e que as profissionais costumam avisá-la sobre determinados eventos, para que participe. Bárbara também pontua que foi convidada para fazer uma conversa com as acolhidas da Casa Vovó Ilza e que chegando lá, surpreendeu-se ao saber que todas elas sabiam ou já tinham ouvido falar sobre ela.



*“Você ficar 4 anos em um lugar... na verdade o novo assusta, eu me dei conta. Queria sair... só doeu por causa das tias. Hoje em dia eu até brinco com elas, falo – ai, tias, será que não tem como voltar?” (Suellen, 25 anos).*



*“Foi difícil de dormir uma noite fora da Santa Fé? Foi. Eu voltei, eu acho que eu voltei porque quando a minha Igreja era aqui, que até hoje é aqui, então todo domingo eu volto aqui. Aí toda vez que eu vinha aqui, voltava pra lá. ‘Você tem que ir embora, você tem que largar a gente... tem que desapegar, você tá muito apegada’. A gente quer sair, mas quando você sai, a gente sente falta, entendeu? Eu criei vínculo. Dois anos meu, no Brasil, foi lá. Tem uma [amiga], até hoje, a gente conversa, amiga assim, virou família também, a gente às vezes se liga, se ajuda quando precisa.” (Bárbara, 23 anos).*



*“Nossa, já tem sete anos, oito anos que eu saí da casa...Sete. Eu acho que é isso. Sete anos que eu saí da casa. E tem o quê? Três anos pra cá que a Karina sentiu confiança de me deixar caminhar mais livre. Sabe? Porque ela me acompanhou em cada passo. Ela sabia que eu não estava bem o suficiente ainda. E ela veio acompanhando passinho por passinho. Sabe? Etapa por etapa. Construindo comigo elo de confiança em relação de amizade. Acompanhando os meus relacionamentos. Acompanhando a evolução da minha filha. As casas que eu estava mudando. O lugar onde eu estava morando. O emprego que eu tinha conseguido. Então foi um desempenho que ela fez não só lá, sabe? A assistência social dela, ela se estendeu aqui pra fora. E isso foi por amor. Ela já não estava mais recebendo pra fazer isso, esse acompanhamento. O acompanhamento dela, a obrigação dela era lá dentro da casa. E ela estendeu aqui pra fora. Ela me apoiou como família. Ela me levou na casa dela. Eu conheço a mãe dela. Eu conheço a família dela. Isso pra mim foi importantíssimo. Nossa, importantíssimo. Você se sentir importante. Você se sentir acolhido. Foi muito bom pra mim. Não só pra mim, pra Báh. Mas a forma que eles nos tratavam era uma forma família. Família. Tanto que a gente tem um acesso com várias pessoas de lá até hoje. Todo mundo se fala, acontece alguma coisa e a gente fala mentira. Fulana já chama outra e conversa com a outra. Porque eles nos ensinaram a ser família. A cuidar umas das outras, sabe?” (Vanessa, 25 anos).*

Ao mencionarem sobre os novos desafios vivenciados após a saída da Casa Vovó Ilza, as entrevistadas enfatizam o papel das educadoras, especialmente de suas tutoras, ao longo desses processos.

*“Teve desafios sim, teve. Porque eu não tinha ainda terminado o ensino médio, faltava um ano pra eu terminar. O desafio começou aonde? Deixar a criança. Tinha a perua. Procurei uma creche lá do lado do meu trabalho, comecei a ir junto com o meu menino, voltar com ele junto. Então o desafio foi que eu acordava muito cedo, pegava ônibus com ele, metrô. E tinha que ir pra Zona Norte, a gente morava na Zona Leste, ia pra Zona Norte todo dia, a mesma rotina. Chovendo. Só deixava na minha madrinha, em caso de emergência. Vou sair com as amigas? Você não vai deixar com a sua tutora, né? Porque ela trabalhava. A mãe dela que ficava, então tinha tudo isso. Ah, não, talvez ela tenha o compromisso dela, não vou ficar atrapalhando se não precisar. Ela ligava: Bárbara, quando for assim, você tem que vir deixar o menino aqui em casa... você não precisa levar. Tenho dois filhos agora, meu marido trabalha. Não moro mais perto da minha madrinha. Comprei um apartamento. O apartamento não é perto da minha madrinha. Quais são os novos desafios? Você paga a perua. Você paga alguém pra ficar com eles. Aí em um mês, vocês podem trocar duas babás, porque não deu, as crianças não se adaptaram, tem que procurar outra pessoa. O que que eu faço, meu Deus? Deixo sozinho o meu filho em casa? Aí você pensa... não, é criança, não vamos dar um papel de adulto, deixa ele ser criança, tem que arrumar alguém pra ficar, não vou fazer o que fizeram comigo. Você vai pensando, se virando nos vinte, pra dar um jeito pra alguém ficar com eles.” (Bárbara, 23 anos).*



*“Eles fazem tipo um apadrinhamento, né? Sim. Pode parecer que eu tô puxando um pouco de sardinha lá pra casa, eu tive os meus arranca-rabos, sabe? Mas eu não tenho o que reclamar daquele lugar. A minha tutora, na época, era a Karina. Eu não tinha tanta familiaridade com a Karina antes. Mas se eu falar pra você que hoje em dia a Karina vem na minha casa ainda, a Karina come um pedaço de bolo comigo. A Karina se preocupa comigo, com a minha filha... Ela foi, assim, maravilhosa. Ela foi trivial na minha vida. E ela me deu um tapão necessário, sabe? Porque na época, pela imaturidade, eu era muito bobona. Eu era muito permissiva. E ela me instruiu. Nossa, a Karina me instruiu em*



tanta coisa, tanta coisa na minha vida. Tanto dentro da casa, quanto fora da casa. Porque o acompanhamento dela não foi só dentro da casa. Ela me apadrinhou. Essa é a verdade. Não só me instruiu, me tutorou. Ela era a minha tutora lá dentro. E saindo, ela acompanhou todo o meu processo, a minha mudança da casa pra minha casa. Ela que me ajudou dentro da casa. Ela que mais me acompanhava nas minhas questões de consulta, vacinação da minha filha, escola, boletim, serviço. Ela me acompanhava em tudo. Quando eu saí da casa, eu tive outras questões familiares. E ela me apoiou de novo. E ela ia na minha casa regularmente pra saber como é que eu tava. Eu acho que, assim, parte do meu norteamto, depois que eu saí, mesmo com as desavenças que eu tive com a minha família, foi a Karina quem me deu esse suporte. Não só pra mim. Pra uma outra amiga minha também, que eu trouxe da casa. Ela deu esse norte pra gente. Porque ela tutorou a gente lá dentro e aqui fora.” (Vanessa, 25 anos).



“Não oferecem a mão, né? Tipo, tchau, e aí você não deixa a mão lá erguida, tipo, se você precisar, você pode puxar a minha mão. Aqui não, tipo, eu tô precisando, eu posso puxar a mão das tias, sabe, da Santa Fé. Eu sei que se eu passar uma dificuldade, alguma coisa, tia, eu tô sem um fogão. Elas vão fazer de tudo pra se organizar, pra achar uma doação, alguém que possa ter, ou até a própria tia que vai pegar a gente lá na casa dela e falar, vou comprar um, mas eu vou doar esse, sabe? Vou falar, tia, meu filho perdeu a roupa, não tem. Acabou, perdeu a roupa, não tem muita roupa. Se tiver aqui, ela vai doar, sabe? É... O diferencial daqui, de todos os abrigos que eu já passei, é isso, é continuar com a mão erguida na hora que a gente pedir uma ajuda, sabe? Dar a mão o tempo todo ali, sabe? Na hora que você precisar, é só você puxar, porque ele tá aqui. Acho que é isso. Esse acompanhamento depois também, que muitas vezes...É, porque eu já tô casada, eu já tenho um filho, eu já tô numa estrutura financeira que eu me sustento, entendeu? Porque eu não preciso de ajuda, mas se eu não tivesse essa estrutura, eu sei que eu poderia vir aqui e falar, tia, eu tô precisando de ajuda. Entendeu? Preciso. Eu sei que elas vão se organizar, vão pedir ajuda, vão... Entendeu? E vai poder me ajudar. Esse é o diferencial daqui. Olhar, não é só porque você fez 18 anos, tchau, falou. É nós.” (Adriana, 36 anos).

Adriana destaca a colaboração entre as parcerias estabelecidas pela instituição, que vão desde indicações para profissionalização e inserção profissional, a clínicas

particulares para atendimento médico. Ela descreve as parcerias como um “círculo de ajuda” estabelecido em torno da atuação da Casa Vovó Ilza.

*“É assim, mesmo quando a gente não tá, quando a gente tá casada, aparece um curso. Ó, tem um curso tal de graça, tal, tal, tal, manda pra nós. Ó, tem um grupo. Ó, tem um... Uma vaga de emprego tal, tal. Ah, tia, meu dente tá doendo, eu tô sem grana, vou arrumar o dente. Que já aconteceu comigo. Peraí que a gente vai arrumar um colaborador que possa te atender. Aí vai lá, manda mensagem pro colaborador. Até hoje eu faço dente com o colaborador. Eu pago porque eu posso pagar, mas ele faz um desconto pra mim. Mas ele ajuda... É a mesma pessoa que através da Vovó Ilza que conseguiu. Porque foi através dessa... Essa moça do Morugaba, que é a Magda. Que é parente da irmã dela, da prima dela, que começou a ajudar a Vovó Ilza através dela. E é voluntária até hoje. Muitas pessoas que ajudam. Formam parte desse círculo de ajuda aí pra todos. Então, é todo mundo se doando, todo mundo se olhando, e aí quando uma não tem condições de arrumar um dente, elas vão lá e pedem pra conversar com os colaboradores. Os colaboradores organizam o horário e a gente vai.” (Adriana, 36 anos).*



Além de um acolhimento, a Casa Vovó Ilza é lembrada pelas interlocutoras como uma referência – um lugar que sabem que podem ligar para pedir por apoio material e emocional em momentos de dificuldade. Isso infere à instituição uma dimensão de assistência prolongada, enfatizando o papel de pós-desacolhimento desenvolvido. A percepção das interlocutoras parece ser a de que ali se construiu um espaço de pertencimento, de onde é possível partir, mas também retornar, pois os vínculos de confiança construídos ainda se mantêm.

*“Eles vinham falavam o que você devia fazer. Falavam, uma, duas vezes. Porque eles não têm que falar e pegar na sua mão, não. Falam, você deve ir fazer. Pode pegar na sua mão, a primeira vez, a segunda vez. Mas eu acho que eu, falando de mim, eu não tive essa dificuldade. [...] Eu acho que a Santa Fé me ajudou bastante de lá de dentro. Me ajudou a sair, pra quando eu saísse, ter maturidade suficiente, de receber as coisas lá fora. Tipo, alguém olhar pra você e falar, da maneira que você age, da maneira que você se comporta. Olhar do outro lado.” (Bárbara, 23 anos).*



*“De todos os abrigos que eu já morei, esse aqui é o mais diferente. Porque depois que você sai do abrigo, você não tem nem pai nem mãe com você. É como se eles fossem os pais adotivos que você pode pedir socorro. É a mãe segunda, que não é do ventre, mas é a mãe que tá ali com a mão te esperando, pra pedir socorro. Ou você tá duro, vai pedir dinheiro pra mãe, a mãe não tem. Mas filha, eu tenho arroz e feijão. Cê quer comer? Vem pra cá! Entendeu? É isso. Isso que é bom. A gente pode fazer 50 anos, se tiver precisando, a gente vem aqui. Tem gente que eu sei que tem 40 anos e ainda vem aqui quando precisa. Tia, tô numa dificuldade, tô numa perreira, ou, voltei pras drogas... A pessoa vem e volta, pra pedir ajuda. E muitos não tem pai e mãe pra pedir socorro, e muitos não pode contar com irmão. E fica ali passando dificuldade, sofrimento. Aqui não, eles já mostram pra gente que a gente pode pedir um socorro, entendeu? Isso que é o bom. Cê tá lá, mas cê pode pedir. Se pedir socorro, nós tamo aqui pra socorrer.” (Adriana, 36 anos).*



*“A Santa Fé é uma mãe, né? A Santa Fé é um refúgio. Eu falo de boca aberta pra todo mundo... é um lugar que eu não tenho do que reclamar.” (Suellen, 25 anos).*



*“Mas assim, todas, todas, de todas as experiências daquela casa, eu agradeço por cada uma. Cada uma mesmo.” (Vanessa, 25 anos).*



Nos depoimentos das participantes, o processo de preparação para a saída demonstra desafios comuns ao desacolhimento em instituições de acolhimento, como sentimentos de incertezas e receios em imaginar como será a vida após o desacolhimento, sem o apoio da instituição, especialmente no exercício da maternidade. Frequentemente, as interlocutoras expressam o medo em perder a guarda de seus filhos, relatando como ocorre a avaliação judicial nesse momento delicado.

Nesse contexto, a Casa Vovó Ilza atua para apoiar as jovens na construção de uma saída pautada na autonomia e independência, de modo que possam manter consigo a guarda de seus filhos. Além disso, destaca-se o esforço da instituição na reinserção familiar, sempre que possível, ampliando o suporte também aos familiares das jovens.

Fica evidente que a Casa mantém um acompanhamento contínuo mesmo após o desacolhimento, oferecendo apoio material e suporte em situações específicas, como o enfrentamento à violência doméstica e a permanência dos vínculos e modelos de referência. As profissionais da instituição são mencionadas em muitas ocasiões pelas jovens, demonstrando que as relações de afeto e de cuidado se estenderam para além da Casa Vovó Ilza e destacando o papel dessas profissionais.

# Sugestões e conselhos para o futuro

Durante as entrevistas, foi perguntado às participantes do estudo se gostariam de deixar alguma sugestão para o aprimoramento das práticas institucionais. Suas respostas concentram-se, sobretudo, em iniciativas na preparação para a vida independente após o desacolhimento, com ênfase na importância da educação financeira.

Embora enfatizem que na Casa Vovó Ilza já existam iniciativas nesse sentido sendo realizadas pela instituição, as jovens expressam dificuldades próprias ou de outras acolhidas com quem conviveram, especialmente no planejamento financeiro, como dificuldades em conseguir manter uma reserva pessoal. Esses desafios são relatados tanto durante, quanto posteriormente ao acolhimento. Por isso, apontam para a possibilidade de reforço no desenvolvimento de atividades de preparação na área.

*“Então, você me fala guardar, ai, não, eu não vou guardar. Se ele falou não vai guardar, não vai guardar. Aí quando chega a hora de embora, quanto você tem guardado? Entende? Quanto? 500 reais. Esse tempo todo que você ficou aqui você tem 500 reais? O que você vai fazer com 500 reais? Eu acho que nesse sentido deveria ter mais essa parte de finanças [...] Se tivesse essa parte, eu acho que se estudar a gente aprende também, se tiver um ensino mais profundo pra isso. Alguém que venha falar de finanças com as meninas, isso seria muito bom, ajudaria muito mesmo, de entender a importância. Gastar é bom, mas quando chega na hora de pagar, hmmm. Fica amargo.*”



*Por que você pode me dar conselho: - Guarda! Eu guardo, se eu quiser. E se eu não quiser, o que que eu faço? Eu gasto o dinheiro, entendeu? O que mexe com o mundo é dinheiro, questão de organização, de guardar, questão financeira, isso mexe com o país inteiro. Se eles não guardam, quando saem, vão se endividar. Se endividar, o banco dá dinheiro. E banco cobra também um bom dinheiro de volta. Se tivesse esse ponto de auxiliar mais na questão financeira, ajudaria muito.” (Bárbara, 23 anos).*

Assim, sugerem a busca por parcerias para a efetivação de cursos, palestras e formações específicas para a ampliação de atividades voltadas à realização e desenvolvimento de atividades e práticas diárias que contemplem não apenas a gestão de recursos financeiros, mas incluam também orientações práticas sobre moradia. Nesse sentido, citam como exemplo o pagamento de contas, o agendamento de consultas médicas, como procurar e analisar um imóvel para alugar ou como aprender a usar o cartão de crédito.



*“Preparar o adolescente para a vida... porque quando a gente é de menor a gente não pode ir numa consulta sem alguém, mas quando a gente tá saindo, você vai pagar aluguel, você vai pagar conta. Alguma orientação em relação a responsabilidades; como cuidar de uma casa, como comprar móveis. O que é uma conta de luz, uma conta de água? Você vai alugar uma casa... O que você precisa saber pra alugar uma casa? O que precisa saber sobre os bairros? Você vai pegar uma casa, né? Então, o que você vai ter que analisar em um apartamento, ou em uma casa? Tipo, uma preparação ali, até para você entender o que é. Poder alugar.” (Giulia, 20 anos).*

Por fim, são referenciadas sugestões relacionadas à profissionalização e à inserção no mundo do trabalho. As participantes mencionam formações voltadas ao aprendizado sobre direitos civis e trabalhistas, incluindo orientações sobre como emitir documentos pessoais, como o título de eleitor e a carteira de trabalho, além de aprender a elaborar currículos atualizados, compreender a diferença entre regimes de trabalho formais e informais e acessar serviços públicos de saúde.

Também são sugeridas ações para a ampliação de parcerias, com o objetivo de diversificar os cursos profissionalizantes ofertados. Entre os exemplos mencionados, destacam-se cursos de contabilidade e primeiros socorros — este último

especialmente valorizado pela possibilidade de ensinar cuidados básicos com a saúde infantil, como, por exemplo, técnicas para desengasgar uma criança. Ao serem convidadas a deixar uma mensagem final para outras adolescentes em acolhimento, as jovens compartilham suas reflexões, baseadas em suas experiências na Casa Vovó Ilza:



*“O novo, ele assusta... a gente se sente sozinha. Mas tem que estar sempre com alguém, nunca ficar sozinha... sempre conversar. E correr atrás! Se você quer sair com o seu filho, sabe? Estudar, trabalhar, correr atrás... Porque quando a gente corre atrás de alguma coisa, parece que aparece tanta coisa, tanta batalha, que a gente se sente incapaz. A gente fala assim: hmm, vou ser igual a minha família, bem que falaram que vou ser igual a minha família. Porque parece que a gente não consegue nada. Mas a gente consegue. Eu sempre falo: foco! Só foco! Dói, o processo é doloroso, mas passa. Tudo passa...” (Suellen, 25 anos).*



*“Abraçar a oportunidade, prestar atenção nos detalhes! Presta atenção no ensino... no que elas tão ensinando, sabe? Escutar, escutar, escutar. Porque se você escuta, você vai ir pra frente...” (Adriana, 36 anos).*



*“Na vida nada é fácil, a gente já nasce com os problemas. A gente passa muitas etapas e isso pede paciência. Eu acho que paciência é o principal de tudo. É a base de qualquer coisa que a gente for fazer na vida. Se a gente tiver paciência e calma, a gente consegue o que a gente quer. Conselho que eu daria, seria ter paciência, esperar o momento certo, a hora certa. Procurar ouvir mais, entender. Observar, pegar aquilo que você acha que está certo pra você, tentar ver o outro lado, não só o seu lado. Se fosse fácil, eu não estaria aqui. A Santa Fé marcou na minha vida. São os momentos que eu vivi lá, momentos bons, momentos ruins. Você não vai apagar. Eu precisava viver aquilo, com aquelas pessoas, pra saber o que eu vou ser lá fora. Não só ficar na defensiva toda hora, sem saber que tá errado. Eu acho que isso não ajuda. Ter ambição, porque ambição é o que nos faz querer ser grande...” (Bárbara, 23 anos).*



*“Não ter medo, falar o que você está sentindo... não fica no automático, de defesa. Você tem opções! Pensa no futuro...” (Giulia, 20 anos).*

# Considerações Finais

Os dados aqui apresentados dialogam com estudos que investigam a experiência de mães adolescentes em instituições de acolhimento, os quais têm evidenciado que essas jovens, em sua maioria, possuem trajetórias marcadas por violências, discriminações e exclusão social (Joffily, 2010; Penna et al., 2012; Costa, 2016). Fatores como vulnerabilidade econômica, baixa escolaridade ou analfabetismo, dificuldades de acesso à saúde sexual e reprodutiva, bem como a desigualdade de gênero são apontados como amplamente associados ao aumento do risco de gravidez na adolescência (Joffily, 2010; Uziel; Berzins, 2012; Williamson, 2013; Costa, 2016).

Segundo Uziel e Berzins (2012), adolescentes grávidas enfrentam dificuldades no acesso aos serviços de saúde, tendo seus direitos frequentemente negligenciados na busca por assistência e acompanhamento médico, recebendo pouca atenção durante a gestação. Ainda, Joffily (2010) e Costa (2016) apontam a ausência de acolhimentos específicos voltados a mães adolescentes, o que contribui para a escassez de estudos em âmbito nacional que abordem a experiência de adolescentes gestantes e/ou com filhos em situação de acolhimento institucional.

Entre os percursos de vida das interlocutoras da pesquisa, destacam-se experiências de imigração, sucessivas transferências institucionais, vivência em situação de rua, uso de substâncias psicoativas e vínculos familiares fragilizados ou ausentes. Diante de seus contextos de desproteções e violações de direitos, a Casa Vovó Ilza se apresenta, em primeiro lugar, como a oferta de um ambiente seguro, que garante às moradoras o acesso aos seus direitos fundamentais, como alimentação adequada, moradia digna e acompanhamento integral à saúde.

Uma segunda evidência identificada é que a proposta institucional oferecida possui uma metodologia de cuidados aliada ao reconhecimento e respeito às singularidades de cada criança e adolescente. Fundamenta-se em uma perspectiva que valoriza a diversidade cultural e as necessidades de cada acolhida, com especial atenção às suas particularidades. Assim, mais do que prover acolhimento, as histórias de vida são reconhecidas, apostando-se na construção de vínculos, o que promove um senso de pertencimento entre as moradoras.

As jovens entrevistadas relatam que, na Casa Vovó Ilza, havia um *olhar* que era capaz de enxergá-las, algumas vezes, antes mesmo que conseguissem se expressar. Isso demonstra a presença de uma equipe multidisciplinar qualificada, que adota práticas sensíveis à pluralidade de experiências, evitando estigmatizações e respostas padronizadas. O papel dos educadores-tutores é constantemente mencionado como referência de confiança e apoio, especialmente frente à ausência de outras figuras de suporte fora da instituição. As participantes valorizam o trabalho da equipe, atribuindo grande importância às relações construídas nesse espaço.

A Assembleia é mencionada como uma prática pedagógica voltada à resolução de conflitos e à construção coletiva de convivências. As interlocutoras destacam os encontros como momentos de escuta ativa, incentivo à participação e ajuda mútua. Como afirma Vanessa, ali, tinham *a chance de se sentarem juntas à mesa, falar, extravasar, colocar para fora, identificar a raiz do problema, resolver e matar o problema*.

A metodologia implementada dialoga com perspectivas já discutidas anteriormente pela literatura especializada. Estudos como os de Carvalho et al. (2016) e Costa (2016), que observaram as práticas de atuação em acolhimentos institucionais<sup>3</sup>, ressaltam a importância de valorizar as experiências, sentimentos e valores de crianças e adolescentes acolhidos. Essas ações possibilitam a ressignificação de experiências e o fortalecimento de suas capacidades de enfrentamento diante de adversidades cotidianas.

Ambas as pesquisas sugerem a importância de que a metodologia da Santa Fé esteja, portanto, ancorada nestes princípios, reconhecendo a complexidade de cada caso, e compreendendo crianças e adolescentes a partir de seu contínuo processo de desenvolvimento e integralidade. O contrário disso implicaria na negação da singularidade, dificultando o contato com a sua própria realidade.

---

3 Carvalho et al (2016) observam a percepção de crianças e adolescentes sobre o cuidado subjetivo no contexto de duas instituições de acolhimento na Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. Costa (2016) realizou uma análise sobre as práticas cotidianas de proteção social em um projeto institucional voltado ao acolhimento de mães adolescentes no Rio de Janeiro/RJ.

Na Casa Vovó Ilza, os depoimentos das participantes indicam que não há negação ou apagamento de suas histórias pessoais, mas sim, uma rotina que inclui práticas sensíveis à pluralidade de experiências como ponto de partida para a construção de vínculos e de pertencimento.

Desde a chegada à instituição, a saúde das moradoras é priorizada, incluindo acesso ao pré-natal, acompanhamento em consultas médicas, além de suporte contínuo durante o parto e no puerpério. Com apoio da equipe técnica e, em alguns casos, da contratação de profissionais especializados, respeita-se o tempo de adaptação de cada jovem, o que reforça a atenção às necessidades individuais. É por essa perspectiva que a Casa Vovó Ilza é descrita como *mais de mil por cento* no cuidado com a saúde das jovens mães e de seus filhos. Joffily (2010), por outro lado, demonstra que há um despreparo generalizado no sistema de saúde em atender adolescentes grávidas, onde normalmente se concentra no parto em si, por considerá-lo complicado e trabalhoso, sem focalizar nas gestantes que estão à sua frente, o que agrava suas inseguranças, medos e dores. Além disso, quando dão entrada aos hospitais, é comum que muitas delas estejam sozinhas e sujeitas a violências obstétricas.

Ribeiro (2008) reflete sobre a experiência de parturição de mulheres acolhidas em uma instituição na Ilha d'Yeu, na França, e enfatiza que quando o nascimento de uma criança ocorre longe do seu grupo de pertencimento ou em condições hostis, são sobretudo os profissionais (de saúde ou da proteção social) que poderão contribuir para o acolhimento da mãe e do bebê, e que, no momento no nascimento, ocupam o lugar dos familiares e/ou próximos. Também é possível observar o papel da equipe nesse momento, sendo destacado o acompanhamento das tutoras e de outras educadoras no revezamento dos cuidados durante o parto e o período em que permaneceram no hospital, como Bárbara confirma ao afirmar que durante a experiência, *não teve nenhum momento em que ficou sozinha*, pois havia sempre alguma educadora ao seu lado.

Na rotina da instituição, uma série de aprendizados práticos passam a ser introduzidos com o objetivo de auxiliar as adolescentes acolhidas. Ações que perpassam por ensinar a trocar fraldas, realizar a introdução alimentar dos recém-nascidos, aprender como usar o termômetro e medir a temperatura da água para o banho são alguns dos exemplos citados pelas interlocutoras. Conforme o crescimento das crianças, adequam-se os aprendizados à cada necessidade, de acordo com a idade. Tais práticas, que eram muitas vezes desconhecidas pelas acolhidas até aquele momento, são transmitidas e mediadas pela equipe técnica às moradoras, integrando parte do cotidiano de cuidados compartilhados com os filhos e filhas.

Diferentes complexidades são retratadas especialmente no período do puerpério. Gestações não planejadas, a responsabilidade de exercer a maternidade de maneira repentina e durante a própria infância e/ou adolescência fazem parte de suas experiências, além de desafios atravessados por violências físicas e psicológicas, como abuso sexual e conflitos intrafamiliares. Diante disso, sentimentos de negação, rejeição, solidão e medo são mencionados, indicando múltiplas dificuldades emocionais durante o período. Nesse contexto, é fundamental não romantizar a maternidade, reconhecendo que ela pode ser marcada por dores e desafios, e reafirmar que não se deve incentivar a maternidade compulsória. O respeito às escolhas das meninas, bem como a observância de todas as legislações vigentes relacionadas aos direitos sexuais e reprodutivos são partes essenciais do cuidado e do acompanhamento oferecidos.

A importância do suporte socioemocional aparece como central na ressignificação dessas vivências, onde os tempos de adaptação são respeitados, assim como a construção gradual de vínculos e o apoio ao exercício da maternidade. Seja por meio de conversas entre moradoras e educadoras, em atendimentos psicossociais oferecidos e incentivados ou em vínculos estabelecidos entre as próprias acolhidas, percebe-se que a promoção de cuidados compartilhados parece atuar diretamente na elaboração de novas perspectivas.

Adriana enfatiza a importância dos conselhos e das orientações que recebeu, como ensiná-la a assumir responsabilidades que não eram comuns à idade em que estava em sua primeira gestação. Por isso, afirma que são essas as memórias que irá *levar para a vida*, como resultado de seus aprendizados. Isso demonstra que as dificuldades enfrentadas no puerpério foram acompanhadas e acolhidas com sensibilidade pelas profissionais, por meio de gestos que iam desde oferecer companhia para que não ficassem sozinhas no hospital, a segurar suas mãos durante a amamentação, ou conversar sobre os desafios da maternidade. Além disso, as interlocutoras enfatizam que não foram apenas introduzidas à prática do cuidado com os filhos e filhas, mas que também foram cuidadas e incentivadas a valorizar o autocuidado, destacando a importância dos momentos de descanso, lazer e individualidade, como sair para se divertir e passear. Evidencia-se que o cuidado com os filhos se articula com as necessidades e desejos das próprias adolescentes, que se sentem vistas e reconhecidas nesse espaço, tendo seu bem-estar priorizado, tanto quanto o de seus filhos/filhas.

Ao observar mães adolescentes em uma unidade de acolhimento institucional no Rio de Janeiro, Fernandes (2012) destaca a importância da construção de uma rede de apoio social, considerando a fragilidade ou rompimento dos vínculos familiares e a incidência da falta de apoio ou ausência da figura paterna nesse contexto. Como

resultado, a maioria frequentemente não possui uma rede de apoio para o cuidado de si e de seus filhos. A autora complementa que as instituições de acolhimento podem atuar oferecendo estrutura física e afetiva, principalmente por meio dos profissionais e de ações integradas entre dispositivos intersetoriais. Para Costa (2016), as instituições também podem garantir o acesso das mães adolescentes à escola, ampliando sua rede de apoio social e o suporte para o desenvolvimento psicossocial da adolescente e de sua família.

O cotidiano na Casa Vovó Ilza é composto por crianças e adolescentes que frequentam creches ou escolas, e que participam semanalmente de atividades culturais, religiosas, esportivas e de lazer, incluindo passeios organizados pela instituição. A presença de visitas e da interação com amigos, namorados e familiares também é referenciada ao longo dos relatos das participantes, o que demonstra que a instituição tem oportunizado a socialização das adolescentes acolhidas e de seus filhos, favorecendo a ampliação de seus repertórios, além de garantir o direito à convivência familiar e comunitária.

Pesquisas com enfoque na saúde sexual e reprodutiva de adolescentes tem destacado que o desconhecimento sobre sexualidade pode resultar no baixo uso de métodos contraceptivos, no risco de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), assim como o aumento de gravidez não planejada (Carvalho et al., 2012; Uziel; Berzins, 2021). Nas instituições de acolhimento, Uziel e Berzins (2021), observam casos em que, de forma mais ou menos velada, ocorre certa exigência para que a vida sexual ativa seja suspensa no período em que as jovens estão acolhidas, acreditando que a maternidade deva dar o norte de suas vidas. Assim, educadores se responsabilizam pelo cuidado dos filhos, por exemplo, quando necessitam ir para a escola, trabalho ou estágio, mas saídas para diversão, sobretudo que possam incluir namoro e sexo, são entendidas como dispensáveis e sem sentido por parte das e dos profissionais.

Os estudos têm apontado a necessidade de práticas educativas que possam ampliar os recursos de adolescentes sobre autoproteção e autonomia feminina, no qual adolescentes possam exercer, e não reprimir, sua sexualidade, promovendo o direito à vida sexual e reprodutiva (Joffily, 2010; Costa, 2016; Oliveira et al., 2022). Orientações voltadas à importância da realização de consultas ginecológicas regulares, informações preventivas sobre uso de preservativos e palestras sobre sexualidade são práticas mencionadas pelas interlocutoras em seus depoimentos. Isso demonstra que na Casa Vovó Ilza é oportunizado o acesso aos serviços de saúde para promoção da saúde sexual e reprodutiva das adolescentes.

Joffily (2010) e Costa (2016) evidenciaram que nem sempre a equipe de profissionais se responsabiliza por compartilhar o cuidado das filhas e filhos ou por oferecer orientações às adolescentes mães quanto a questões como sexualidade, higiene pessoal, comportamentos de estímulo e proteção aos filhos. As atividades escolares, de lazer e descanso acabam sendo prejudicadas, resultando na ausência de modelos de referência a seguir para que sejam iniciadas na maternagem, pois não ocorre uma transmissão de conhecimentos práticos sobre como cuidar de um bebê vindo de uma ou mais pessoas que possuam maior experiência.

A importância dessas referências é ressaltada quando se enfatiza que esse auxílio pode favorecer o aprendizado da adolescente para que se sinta confiante e segura para cuidar dos filhos (Joffily, 2010), além de favorecer a descoberta de suas capacidades, o resgate de sua autoestima e a construção de independência e autonomia (Gontijo; Medeiros, 2008). Nos espaços institucionais em que esta prática não ocorre, é comum que a relação entre a equipe e as acolhidas seja entendida como uma relação puramente de trabalho, e que os lugares não sejam vistos como positivos para trocas e relações afetivas. Ademais, também são apresentadas denúncias de que as adolescentes mães costumam encontrar nesses lugares os mesmos discursos discriminatórios e estigmatizantes que se deparam em serviços de saúde, vindo de funcionários. Essas experiências contribuem para a baixa autoestima, prejudicando a formação da identidade, além de acentuar a insegurança pela falta de escuta dos atores sociais, ao não visibilizarem seus sentimentos e vivências pessoais.

Ao contrário, o que se observa na Casa Vovó Ilza é um suporte consciente à estigmatização racial, de classe e de gênero vivenciada pelas adolescentes e por suas famílias, incluindo particularmente a discriminação associada à condição entendida como de maternidade precoce, frequentemente citada pelas participantes. As interlocutoras sugerem que, ao serem discriminadas em escolas, hospitais, entre outros espaços sociais, era na instituição que encontravam ferramentas para encarar tais adversidades. A convivência com outras crianças e adolescentes vivendo a condição de gestação e maternidade também parece reduzir a sensação de isolamento apresentada.

O acompanhamento maternal é conduzido por profissionais experientes e dedicadas. Entre elas, está *Rita*, uma educadora que foi acolhida pela instituição no passado e que hoje atua como profissional da casa, sendo frequentemente mencionada pelas jovens como uma figura de referência importante. Nas atividades diárias, especialmente as que acontecem no interior da cozinha da residência, ilustram as interações e os aprendizados adquiridos com *Tânia*, responsável pela alimentação da casa. *Karina* surge nas memórias retratadas como uma profissional

que mantém uma relação muito próxima com as moradoras, mesmo após o desacolhimento da instituição. As interlocutoras destacam o contato aproximado com essas e outras profissionais, cujos vínculos, muitas vezes, ultrapassam o período de acolhimento, tornando-se laços permanentes de referência, confiança e apoio.

O apoio à maternagem é exercido de maneira compartilhada, tanto entre a equipe institucional, quanto entre as próprias moradoras, que trocam experiências e aprendizados entre si. Muitas educadoras, também mães, compartilham sobre suas próprias vivências pessoais, contribuindo para uma rede de apoio que é técnica, mas também afetiva. Ao mesmo tempo, há incentivo para o protagonismo das adolescentes, na promoção do desenvolvimento de atividades e práticas relacionadas aos cuidados dos filhos de maneira individual. A equipe se responsabiliza pelos cuidados com a primeira infância das crianças, apostando na prática de um cuidado coletivo, ao mesmo tempo em que promove ações visando o exercício autônomo entre as jovens mães. Nesse sentido, tem destaque a divisão de tarefas da rotina, que funciona a partir de uma dimensão pedagógica, propondo o compromisso e responsabilidade com as atividades diárias, incluindo o acompanhamento escolar e de saúde de seus filhos. O auxílio dos educadores no processo de cuidado com os filhos, contribui para amenizar o sentimento de insegurança e desconhecimento sobre as necessidades dos bebês/crianças (Gontijo; Medeiros, 2008).

Em relação ao processo de preparação gradativa e pós-desacolhimento das jovens participantes, as atividades realizadas na Casa Vovó Ilza têm buscado reduzir os riscos comumente enfrentados na transição institucional aos 18 anos, momento em que, pela legislação brasileira, se encerram as possibilidades de permanência em acolhimento. Enquanto ali moram, as adolescentes recebem orientações preventivas voltadas à preparação e ao apoio no desacolhimento, associadas, especialmente, ao acompanhamento contínuo das trajetórias escolares e à inserção ao mercado de trabalho.

Destaca-se o apoio à continuidade das trajetórias escolares, uma vez que, como apresenta Joffily (2010), enquanto adolescentes mães que possuem melhores condições socioeconômicas conseguem manter os estudos, fazer cursos e seguir um plano de futuro profissional, com apoio para se ausentar, em outras realidades menos privilegiadas, por outro lado, os estudos costumam ficar em um plano mais distante, onde o propósito imediato é iniciar o trabalho, havendo interrupção escolar decorrente da gestação.

Em pesquisas desenvolvidas sobre a transição institucional, o momento prévio ao desacolhimento é apresentado sobretudo como um período desafiador para quem o vivencia, marcado por dificuldades estruturais que acompanham uma ausência

de políticas específicas e de acompanhamento adequado por parte das instituições (Fonseca, Allebrandt, Ahlert, 2009; Rifiotis, 2019; Borzese, Villalta, 2020; Cassarino Perez et al., 2022; Moraes, 2023; Lício et al., 2021a, 2021b; Cardoso, 2024).

Os principais desafios identificados nos estudos citados são relacionados ao acesso à moradia e inserção no mercado de trabalho, o que sugere a urgência em garantir a segurança necessária a quem completa a maioria dentro dos serviços. Lício et al. (2021b) afirmam que a transição para a vida fora da instituição é tão complicada que muitos jovens, obrigados a deixar os serviços de acolhimento após a maioria, ficam vulneráveis à vida nas ruas, e que, nesse sentido, quando não for possível assegurar o direito à convivência familiar, o pós-acompanhamento realizado pelas instituições de acolhimento torna-se fundamental.

De acordo com Costa (2016, p.52), no que se refere à saída das instituições, não estão sendo atendidas as demandas específicas de mães adolescentes, “principalmente quando estas estão prestes a complementar a maioria”. A observação participante realizada pelo autor sugere que após saírem das instituições, elas dificilmente conseguem dar prosseguimento em seus projetos de vida construídos no momento do acolhimento institucional. São poucas as que conseguem construir suas próprias famílias ou mesmo garantir o direito de cuidar de seus filhos, principalmente pela falta de apoio de instituições sociais e/ou de uma rede de apoio solidário e intersetorial.

Na Casa Vovó Ilza, as principais ações destinadas ao desacolhimento seguro das jovens incluem o acompanhamento contínuo das trajetórias escolares durante o período de acolhimento. Atividades de reforço escolar, conversas de incentivo e auxílio no cuidado com os filhos são citadas como ações que permitem exercer as atividades escolares e profissionalizantes. As interlocutoras também apontam para a preparação voltada à inserção profissional, onde são auxiliadas a se preparar para entrevistas e incentivadas aos cursos de profissionalização. Em seus relatos, têm destaque as parcerias com colaboradores externos, que não apenas disponibilizam atendimentos médicos especializados – como psicólogos, ginecologistas e dentistas —, mas também viabilizam a indicação para cursos e oportunidades de trabalho, contribuindo para a busca da independência financeira.

O acompanhamento da situação das jovens após a sua saída segue sendo realizado mesmo após o tempo médio de seis meses adotado pelas instituições (Lício et al., 2021b). As interlocutoras descrevem a casa como uma referência: um lugar que sabem que podem retornar para buscar ajuda, mesmo depois do desacolhimento. Nesse sentido, é enfatizado o suporte material oferecido, como a doação de cestas básicas, garantindo a segurança alimentar às suas famílias, quando há

necessidade. Há também um indicativo de que a unidade organiza seus serviços de forma coordenada com a rede de proteção. Entre as interlocutoras, a maior parte afirma que havia sido incluída em programas governamentais, como o Bolsa Família, por meio da mediação da equipe da Casa Vovó Ilza.

Ao reconhecer a violência contra crianças e adolescentes como um fenômeno de múltiplas causas, a Casa Vovó Ilza considera as práticas parentais a partir de suas complexidades, inseridas em um contexto de desigualdades estruturais. Em relatório anual desenvolvido pela instituição (2024), avalia-se a pobreza multidimensional como um dos principais fatores de risco para a ocorrência de violências, realidade predominante entre as famílias acompanhadas pela Santa Fé. O acompanhamento familiar é um diferencial da atuação institucional, justamente por avaliar que as condições sociais transcendem a dimensão da renda, impactando diretamente na qualidade de vida desde a infância, e influenciando áreas como saúde, educação, moradia, entre outros.

A família é colocada no centro do acompanhamento oferecido, o que pode ser evidenciado por meio do programa Construindo Pontes, que oferece acompanhamento psicossocial às famílias em risco social, tanto durante, quanto após o período de acolhimento. O programa considera os aspectos objetivos e subjetivos das situações vividas pelas famílias, priorizando sua inserção em redes de proteção básica e especial, previstas pela Política de Assistência Social. Ainda, acompanha os processos de reaproximação familiar e retorno para a família de origem, sempre que possível. A trajetória de Giulia é representativa nesse sentido, pois além do acompanhamento direcionado a ela e à filha, Luna, sua mãe, Flávia, também recebeu suporte da instituição.

O foco de atuação está na interrupção dos ciclos intergeracionais de desproteções, por meio de um acompanhamento terapêutico individualizado, que contribua para que a vivência da maternidade na adolescência possa ocorrer de forma harmoniosa e construtiva, prevenindo a repetição de padrões de violência (Santa Fé, 2024). O objetivo também se concentra em evitar a reincidência de necessidade do acolhimento, contribuindo para o desenvolvimento e autonomia de todo o conjunto familiar. Esse conjunto de ações é reforçado especialmente durante o período de avaliação realizado pelo judiciário sobre a situação das jovens, momento preponderante para a definição sobre a guarda dos filhos e filhas das adolescentes mães. São relatados o surgimento de sentimentos de incerteza e medo, especialmente ao considerar que na saída da instituição, irão perder a proteção que recebem do acolhimento, a ajuda no cuidado com os filhos e que, além disso, também estão sujeitas à perda da guarda de seus filhos.

Costa (2016) afirma que pouco se discute sobre a dura realidade da separação das adolescentes de seus filhos no contexto do acolhimento institucional, onde, no momento de aproximação à maioridade, o risco de perder a guarda e da separação entre mães e bebês, acaba por ser indiretamente potencializado. Além disso, muitas vezes, as mães perdem as referências que vinham sendo construídas no percurso do acolhimento institucional, constituindo um retrocesso no projeto iniciado. Joffily (2010) descreve sobre a relação alimentada pelo medo que adolescentes sentiam diante da ameaça da retirada de seus filhos, apresentando a figura vinculada ao juiz como a que possui a autoridade para controlar e decidir sobre seus destinos. Nos depoimentos apresentados, observa-se que são identificadas barreiras, onde a reprodução de violências e o uso de drogas pelas jovens mães ainda são citadas como adversidades persistentes e de difícil resolução, especialmente considerando os desafios estruturais enfrentados pelas jovens nesse momento tão delicado, como a ausência de políticas públicas específicas. Entre os exemplos positivos, como os casos aqui analisados, há a experiência de Suellen, que considera o apoio recebido para sair com Josias como o auxílio mais marcante oferecido pela Casa Vovó Ilza.

Considerando o principal objetivo da presente pesquisa avaliar a efetivação das práticas desenvolvidas pela Casa Vovó Ilza e voltadas ao acolhimento de jovens mães, observa-se que as estratégias adotadas pela instituição atuam, sobretudo:

- a)** no cuidado especializado à maternidade na infância e/ou adolescência, respeitando a integralidade e as trajetórias individuais das acolhidas;
- b)** no acompanhamento gestacional e materno, com especial atenção à saúde física, psicológica, sexual e reprodutiva das jovens;
- c)** na garantia de condições para o exercício do cuidado materno por meio de atividades que fomentem a independência e a autonomia das adolescentes;
- d)** na preparação gradativa para a saída da instituição e no acompanhamento pós-desacolhimento, com ações voltadas à continuidade das trajetórias escolares, à inserção profissional e à manutenção da guarda dos filhos, com ênfase na articulação com parcerias intersetoriais.

Os resultados apresentados demonstram que a Casa Vovó Ilza se apresenta como uma rede de suporte integral a crianças, adolescentes, jovens e suas famílias, com foco especialmente na maternidade na infância e adolescência. Suas atividades sustentam um trabalho de acolhimento, por meio do acompanhamento e tratamento

dos aspectos físicos e psicológicos das acolhidas e pequenos cuidados dispensados diariamente. O cuidado institucional é baseado em uma prática compartilhada, que respeita as trajetórias e experiências individuais, ao mesmo tempo em que reforça o protagonismo das jovens mães. Assim, crianças e adolescentes recebem suporte emocional, orientação prática e acompanhamento de saúde, incluindo o momento da gestação, parto e puerpério, por meio do acesso a consultas regulares e especializadas.

Para a adolescente que está vivenciando situação de acolhimento, a gravidez pode ser considerada uma condição muito peculiar, o que exige um olhar mais delicado e singularizado das políticas públicas, das instituições e de profissionais (Costa, 2016). Desta forma, atenta-se para a ausência de ofertas de instituições especializadas que se proponham a atender e acolher meninas gestantes ou mães com seus filhos. Há, nesse sentido, uma carência de espaços para a promoção de proteção e sociabilização para mães adolescentes nessas condições, que possam construir práticas cotidianas e mais direcionadas a essas jovens, ampliando suas possibilidades em exercer a maternidade e renovar perspectivas de futuro (Fernandes, 2012; Costa, 2016).

A Casa Vovó Ilza insere a sua atuação nesta lacuna, implementando um modelo de atendimento ao público infanto-juvenil com enfoque na gravidez na adolescência e garantindo a proteção e promoção de seus direitos e de suas famílias. Os programas vinculados, como o Construindo Pontes, deixa em evidência a importância de que toda a família esteja em atendimento, para a garantia dos direitos fundamentais. Essas ações são aliadas ao compromisso da Santa Fé na ressignificação de suas experiências traumáticas, garantindo uma vivência segura e digna da maternidade, especialmente em contextos de desproteções.

Ressignificar os históricos de violência e desenvolver formas conscientes e responsáveis de maternar é, nesse sentido, fundamental para a interrupção de padrões de abuso e ciclos de violência transgeracional, abordagem que promove impactos positivos tanto na vida das jovens quanto no futuro de seus filhos e comunidades. As práticas institucionais são também voltadas à convivência familiar e comunitária, seguindo as diretrizes do Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária (2006), por meio de passeios, atividades comunitárias, preservação de vínculos familiares e relações afetivas.

Em suma, a Casa Vovó Ilza desenvolve um trabalho que articula o incentivo à autonomia com o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, promovendo o desenvolvimento de atividades e responsabilidades diárias de forma

independente, além de acompanhar a transição institucional das jovens por meio do suporte educacional, da inserção no mercado de trabalho e de parcerias inter-setoriais que garantam acessos. Paralelamente, desenvolve iniciativas voltadas à saúde mental e ao combate ao uso de substâncias, tanto com as jovens quanto com os seus núcleos familiares, reconhecendo o impacto dessas iniciativas. Todas essas ações têm como objetivo central preparar as jovens para os desafios da vida autônoma, garantindo que possam manter a guarda de seus filhos durante e após a saída do acolhimento.

No que se refere ao processo de desacolhimento, as jovens recebem um acompanhamento voltado a atividades de responsabilidade no cuidado com os filhos e filhas e no fortalecimento da autonomia. São oferecidos cursos extracurriculares e profissionalizantes, e incentivo a buscar inserção no mercado de trabalho. Em seus relatos, a Casa Vovó Ilza é descrita como um lugar de referência, ao qual sabem que podem retornar e recorrer, seja por necessidade de apoio, diante dos desafios profissionais, financeiros ou pessoais enfrentados após a saída da instituição, ou por saudade dos vínculos afetivos construídos com as/os profissionais. Esse acompanhamento, que segue acontecendo anos após o desacolhimento, vai na contramão do que muitas pesquisas apontam sobre a ausência de ações voltadas ao pós-desacolhimento, posicionando a Santa Fé como uma referência inovadora, ao adotar boas práticas no pós-desacolhimento.

As experiências de **Adriana, Bárbara, Giulia, Suellen e Vanessa** apontam uma metodologia que proporciona uma rotina de cuidados estruturada e afetiva, acolhendo suas vivências singulares e configurando-se como um espaço de construção de vínculos, aprendizagens e reconstrução de sentidos em torno da maternagem. O cuidado ali promovido reconhece as complexidades que atravessam a gestação e o puerpério na adolescência em contexto de acolhimento institucional, mobilizando uma rede de apoio que contribui para o fortalecimento de suas identidades. A Casa Vovó Ilza, deste modo, colabora com a construção de formas de exercer a maternidade, que se fundamentam no cuidado compartilhado e na função protetiva progressiva. Ancorando-se no princípio de que, para além de suas condições de mães adolescentes em desproteções sociais, são antes, pessoas em desenvolvimento, que devem ser vistas, escutadas, acolhidas, e que tenham seus direitos garantidos, além de liberdade, para com afeto e segurança, poderem ser e existir.

Eu fico com a pureza  
Da resposta das crianças  
É a vida, é bonita e é bonita

Viver  
E não ter a vergonha de ser feliz  
Cantar e cantar e cantar  
A beleza de ser um eterno aprendiz

Ah meu Deus!  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser bem melhor e será  
Mas isso não impede que eu repita  
É bonita, é bonita e é bonita

Viver  
E não ter a vergonha de ser feliz  
Cantar e cantar e cantar  
A beleza de ser um eterno aprendiz

Ah meu Deus!  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser bem melhor e será  
Mas isso não impede que eu repita  
É bonita, é bonita e é bonita

E a vida  
E a vida o que é?  
Diga lá, meu irmão  
Ela é a batida de um coração  
Ela é uma doce ilusão, ê ô!

Mas e a vida  
Ela é maravilha ou é sofrimento?  
Ela é alegria ou lamento?  
O que é? O que é?  
Meu irmão

Há quem fale  
Que a vida da gente  
É um nada no mundo  
É uma gota, é um tempo  
Que nem dá um segundo

Há quem fale  
Que é um divino  
Mistério profundo  
É o sopro do criador  
Numa atitude repleta de amor

Você diz que é luta e prazer  
Ele diz que a vida é viver  
Ela diz que melhor é morrer  
Pois amada não é  
E o verbo é sofrer

Eu só sei que confio na moça  
E na moça eu ponho a força da fé  
Somos nós que fazemos a vida  
Como der, ou puder, ou quiser

Sempre desejada  
Por mais que esteja errada  
Ninguém quer a morte  
Só saúde e sorte

E a pergunta roda  
E a cabeça agita  
Eu fico com a pureza  
Da resposta das crianças  
É a vida, é bonita e é bonita

Viver  
E não ter a vergonha de ser feliz  
Cantar e cantar e cantar  
A beleza de ser um  
eterno aprendiz

Ah meu Deus!  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser bem melhor e será  
Mas isso não impede que eu repita  
É bonita, é bonita e é bonita

Viver  
E não ter a vergonha de ser feliz  
Cantar e cantar e cantar  
A beleza de ser um eterno aprendiz

Ah meu Deus!  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser bem melhor e será  
Mas isso não impede que eu repita  
É bonita, é bonita e é bonita (bonito!)

Viver  
E não ter a vergonha de ser feliz  
Cantar e cantar e cantar  
A beleza de ser um eterno aprendiz

Ah meu Deus!  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser bem melhor e será  
Mas isso não impede que eu repita  
É bonita, é bonita e é bonita

Viver  
E não ter a vergonha  
De ser feliz

— Gonzaguinha, "O que é, o que é?"



# Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE SANTA FÉ. *Relatório de atividades 2023*. São Paulo: Santa Fé, 2024. 46 p. Disponível em: <<https://santafe.org.br>>. Acesso em: 10 de abril de 2025.

BORZESE, Dana; VILLALTA, Carla. *Más autonomía, más derechos: investigación sobre modalidades de acompañamiento de las transiciones de adolescentes y jóvenes del sistema de cuidados alternativos a la vida autónoma en América Latina*. Red Latinoamericana de Egresados de Protección, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Doncel, 2020.

BRASIL. *Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária*. Conanda/CNAS, Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Brasília, DF: Conanda/ CNAS, 2006.

CARDOSO, Suliane. *Entre ausências e presenças: instituições, famílias e comunidades no contexto da desinstitucionalização*. Civitas, Revista de Ciências Sociais, 2024.

CARVALHO, Cintia Favero; HAACK, Rafaela; RAZERA, Josiane; FALCKE, Denise. *Qual a percepção de crianças e adolescentes em acolhimento institucional acerca do seu cuidado subjetivo?* Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente. v. 7, 2016.

CASSARINO-PEREZ, Luciana. (Org.). *Minha vida fora dali: escuta de jovens egressos de serviços de acolhimento*. Curitiba, PR: ECD, 2022.

COSTA, Rodrigo Moreira. *O acolhimento institucional para mães adolescentes: práticas cotidianas e reinserção sociofamiliar*. Dissertação. PUC-Rio, 2016.

FERNANDES, Ravini dos Santos. *A maternagem em unidade de abrigamento: a relação entre mães adolescentes e seus filhos*. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

FONSECA, Claudia; ALLEBRANDT, Débora; AHLERT, Martina. *Pensando políticas para uma realidade que não deveria existir: “egressos” do sistema de abrigos*. In.: FONSECA, Claudia; SCHUCH, Patrice. (Orgs.) Políticas de proteção à infância: um olhar antropológico. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONTIJO, Daniela Tavares; MEDEIROS, Marcelo. *Gravidez/maternidade e adolescentes em situação de risco social e pessoal: algumas considerações*. Revista Eletrônica de Enfermagem, 2004.

JOFFILY, Suzana Meira Lopes de Castro. *Adolescentes mães em contexto de abrigamento: significando a gravidez e a maternidade*. Curitiba: Juruá, 2010.

LICIO, Elaine Cristina et al. *Reordenamento dos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes e implementação de novas modalidades – família acolhedora e repúblicas*. Brasília: Ipea, 2021a.

LICIO, Elaine Cristina et al. *Filhos “cuidados” pelo Estado: o que nos informa o relatório do IPEA sobre o reordenamento dos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes*. Brasília: Ipea, 2021b.

MORAES, José Carlos Sturza (Org.) *Vozes (in)escutadas e rompimento de vínculos: pesquisa sobre crianças e adolescentes em cuidados alternativos, egressos/as e risco de perda de cuidado parental no Brasil: relatório de pesquisa*. Poá, SP: Instituto Bem Cuidar, 2023.

OLIVEIRA, Grazielly Ribas de; ANDRADE, Juliana Macedo; BARBOSA, Gabriel da Silva; RAMALHO, Gabriela Santos; JUNIOR, Aureliano Lopes da Silva; PEIXOTO, Ana Cláudia de Azevedo. *Revisão Integrativa: olhares da psicologia sobre a sexualidade de adolescentes em acolhimento institucional*. *Conjecturas*, 22, (15), 2022.

PENNA, L. H. G.; CARINHANHA, J. I.; MARTINS, V. V.; FERNANDES, G. S. *A maternidade no contexto de abrigamento: concepções das adolescentes abrigadas*. *Revista Escola de Enfermagem da USP, São Paulo*, v. 46, n. 3, p. 544-548, 2012.

RIFIOTIS, Fernanda Cruz. *“Egressas” de Serviços de Acolhimento e a Invenção de Novas Possibilidades de Vida*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, [s. l.], v. 39, n. 99, 2019

WILLIAMSON, N. *Maternidade precoce: enfrentando o desafio da gravidez na adolescência*. Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA). *Situação da População Mundial 2013*. Ulisses Lacava Bigaton. Brasil, 2013.

UZIEL, A. P.; BERZINS, F. A. J. *Adolescências, autonomia e direitos sexuais: fragmentos de histórias de meninas abrigadas*. *Psicologia Clínica*, v. 24, n. 1, p. 105-115, 2012. Disponível: <https://www.redalyc.org/pdf/2910/291022970008.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2020.

# Anexos

## Modelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de pesquisa (TCLE)

Eu, \_\_\_\_\_, inscrita(o) sob o RG/CPF \_\_\_\_\_, declaro que concordo em participar da pesquisa provisoriamente intitulada “Avaliação de práticas da Santa Fé no acolhimento de jovens mulheres grávidas e/ou mães: desenvolvimento, autonomia e condições de cuidado materno”, desenvolvida pela Associação Beneficente Santa Fé e pela Fundação José Luiz Egydio Setúbal.

Em caso de qualquer dúvida ou esclarecimento sobre a pesquisa, solicita-se que entre em contato com a pesquisadora responsável pela aplicação das entrevistas semiestruturadas, Suliane Cardoso, pelo e-mail: [sulianecardoso@gmail.com](mailto:sulianecardoso@gmail.com) ou pelo número de telefone: xxx-xxx-xxx.

Toda pesquisa com seres humanos pode apresentar riscos aos participantes. No caso desta pesquisa, os riscos incluem: possível incômodo ou desconforto ao tratar de experiências pessoais, muitas vezes delicadas, envolvendo filhos ou familiares. Para que os riscos sejam minimizados ou evitados, garantimos que: as entrevistas ocorrerão em ambiente reservado, sem a presença de terceiros não autorizados e que uma equipe da Santa Fé estará disponível para prestar apoio caso necessário.

Sua participação é inteiramente voluntária, não sendo obrigatório responder a todas as perguntas, caso não se sinta confortável. Além disso, você terá plena liberdade para interromper a entrevista a qualquer momento.

Também é assegurada a desistência ou a retirada do seu consentimento durante a aplicação da entrevista, sem qualquer prejuízo ou penalização.

Todas as informações fornecidas serão tratadas com sigilo, garantindo o anonimato na divulgação dos dados. Assim, nenhum dado pessoal, como nomes ou sobrenomes, será utilizado, assegurando que as participantes não sejam identificadas ou expostas a qualquer tipo de prejuízo.

Os dados coletados serão utilizados para a produção de um Relatório de Pesquisa e poderão contribuir para outros documentos de caráter científico. Sua participação é valiosa, nesse sentido, uma vez que pode contribuir para a construção

de conhecimento e de políticas públicas relacionadas à proteção de direitos de crianças, adolescentes e jovens assistidos institucionalmente.

Após receber todas as informações e esclarecimentos necessários, caso eu aceite participar do estudo, assinarei este documento, que será impresso em duas vias originais, ficando uma comigo e outra com a equipe responsável pela pesquisa.

Por meio desta assinatura, afirmo que fui devidamente informada sobre os procedimentos envolvidos, bem como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo.

Declaro, portanto, que concordo em participar da pesquisa acima descrita.

Local e data: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura da(o) entrevistada(o)

\_\_\_\_\_

Assinatura da Pesquisadora Responsável



**Pensi**  
Instituto de  
Pesquisa e Ensino



Fundação  
**José Luiz  
Setúbal**



**santa fé**